UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA RUSSA

FABRÍCIO YURI DE SOUZA VITORINO

“O Contemporâneo”: a vertente jornalística de Púchkin na primeira metade
do século XIX

São Paulo
2014

“O contemporâneo”: a vertente jornalística de Púchkin na primeira metade
do século XIX

Fabício Yuri de Souza Vitorino

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russa, do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Maria de Fátima Bianchi

São Paulo
2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

V845" VITORINO, FABRÍCIO YURI DE SOUZA
"O contemporâneo": a vertente jornalística de
Púchkin na primeira metade do século XIX / FABRÍCIO
YURI DE SOUZA VITORINO ; orientadora Maria de
Fátima Bianchi. - São Paulo, 2014.
80 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Orientais. Área de
concentração: Literatura e Cultura Russa.

1. Puchkin, Aleksandr Sergueevitch 1799-1837. 2.
Literatura russo (História e crítica). I. Bianchi,
Maria de Fátima , orient. II. Título.

Nome: VITORINO, Fabrício Yuri de Souza

Título: “O contemporâneo”: a vertente jornalística de Púchkin na primeira metade do século XIX.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russa, do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Para Simone, João, Theo.
E à presença de Jorge e Altair.

AGRADECIMENTOS

Sem minha família – esposa, filhos, pais, sogros e irmãos – trilhar esse caminho não seria possível. Obrigado por serem meu combustível e minha estrada ao mesmo tempo, por entenderem os sacrifícios e abrir mão de um pouco de vida junto comigo.

Agradeço todos os dias pela chance que me foi dada pela professora Fátima Bianchi, que me acolheu praticamente às cegas, me guiou por esse intenso processo e me permitiu conviver com essas pessoas maravilhosas e apaixonadas pela “grande e poderosa” língua russa, e sua literatura, na maior e melhor universidade da América Latina. Certamente, um sonho que eu mesmo jamais acreditei poder realizar.

Aos amigos de trabalho e aos da vida, pelo apoio, concessões e paciência sem fim. Turma do TechTudo, (Stag, Cissa, Isa, Melissa, Diego, Allan, Leo, Nick, Marlon...), da Home Globo.com (Onias, Ana, Karen, Louise, Alê, Marcelo, Léo...), do G1 (Guri, Patrícia, Luciana, Daniel...), ex-JBs (Elisa, Crespo, Carol, Laura...), ex-UFFs (Fábio, Ricardo, Dani, Mário...), ex-UFRJs (Paulinha, Marco, Marcela, Adalberto, Olga...), jornalistas, pesquisadores, profissionais, pessoas. Seu exemplo foi fundamental.

Serei eternamente grato àqueles que me acolheram em algumas das minhas aventuras pela Rússia. Ludmila Borisovna, Taimuraz Khestanti, Aislanbek Khamikov; Daria, Sergei e Anastasia Sukonkin; Anna, Oleg e Lilia Klepikovski; Olga e Mikhail Usinin; Maria, Alexei, Ekaterina e Anna Bitchkov; Alexei, Inna, Sofia e Stepan Shashkov; Natalia Kocherinskaia, Ivan Indarto, Maia Diachkovskaia, Richard N’Dilok, Alevtina Dupri, Samvel Babayants e tantos outros, meu muitíssimo obrigado.

Aos professores Bruno Gomide, Noé Silva, Elena Vássina, Tatiana Mariz, Diego Leite, Sônia Branco, pela contribuição, apoio e eterna disposição em ajudar.

Um agradecimento especial ao mestre responsável por despertar em mim essa chama. Padrinho de casamento, melhor aperto de mão do mundo, amigo: Alberto Pinto.

RESUMO

VITORINO, Fabricio Yuri de Souza. **“O contemporâneo”**: a vertente jornalística de Púchkin na primeira metade do século XIX. 2014. 80 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

A presente pesquisa tem como objetivo apresentar ao leitor as traduções, feitas pela primeira vez para a língua portuguesa diretamente dos originais, em russo, de textos selecionados de Aleksander Serguêievitch Púchkin, publicados em sua revista literária "O Contemporâneo", durante a década de 1830. Além disso, o trabalho traça um panorama histórico prévio ao surgimento do periódico, bem como uma análise do momento histórico de sua fundação - rico em jornais e revistas literárias - e o legado deixado por "O Contemporâneo", dando subsídios para o entendimento das razões históricas e pessoais para sua realização.

Palavras- chave: Literatura russa, Puchkin, O Contemporâneo, século XIX

ABSTRACT

This work aims to present the translations of selected essays and articles, for the very first time straight from the originals in russian directly to portuguese, published by Alexander Sergeyevich Pushkin on his literary magazine "The Contemporary" during the 1830 decade. Besides that this research traces an historical overview of the preceding decades, as well as analysis of the specific moment of publication of "The Contemporary", rich in literary and magazine newspapers. There is also a drilldown of its legacy, providing the reader with subsidies to the fully understanding of Pushkin's personal and literary motivations.

Keywords: Russian literature, Pushkin, "The Contemporary", nineteenth century

SUMÁRIO

Introdução	11
<hr/>	
“O Contemporâneo”: textos de Púchkin traduzidos	17
1. Conteúdo das traduções de Púchkin	17
2. “O Contemporâneo”: textos de Púchkin selecionados e traduzidos	21
2.1 O CAVALEIRO ÁVARO	21
2.2 NOVOS LIVROS	37
2.3 ACADEMIA RUSSA	39
2.4 VOLTAIRE	45
2.5 NOVOS LIVROS	54
2.6 CARTA AO EDITOR	57
2.7 SOBRE “A HISTÓRIA DA REBELIÃO DE PUGATCHIOV”	64
 Capítulo 1	 86
<hr/>	
1.1 Contexto histórico e formação da língua russa	86
1.2 O período romântico e os primeiros ensaios críticos de Púchkin	93
1.3 A interseção entre o romântico e o crítico social	98
1.4 Considerações sobre a emersão da face jornalística de Púchkin	101
 Capítulo 2	 102
<hr/>	
2.1 Momento histórico x pessoal de Púchkin pré-“O Contemporâneo”	102
 Capítulo 3	 111
<hr/>	
3.1 Revista literária “O Contemporâneo”	111
3.2 Atmosfera e panorama histórico da criação de “O Contemporâneo”	113
3.3 O que era “O Contemporâneo”?	119
 Capítulo 4	 126
<hr/>	
4.1 O legado de “O Contemporâneo”	126

O que se vê não é um crítico, mas um homem genial, para quem um sentimento profundo e fiel, ou melhor dizendo, uma enorme substância, abrem as verdades em todos os lugares para os quais ele volta o olhar. Tudo o que foi visto por ele, até suas opiniões menos importantes, sobre o que quer que seja, torna-se indispensável e curioso; mesmo o raciocínio mais errôneo de Púchkin é mais instrutivo e engrandecedor que a mais indubitável verdade de muitas milhares de pessoas.

Belínski, sobre Púchkin

Ах, Александр Сергеевич, милый
Ну что же вы нам ничего не сказали
О том, как держали, искали, любили
О том, что в последнюю осень вы знали

Ah, Alexander Serguéievich, querido,
O que vós não nos dissestes,
Sobre como suportaram, buscaram, amaram,
Sobre o que vós soubestes no último outono

Yuri Yulianovich Schevchuk

1 INTRODUÇÃO

Literatura e jornalismo. Inicialmente, dois conceitos tão intrinsecamente ligados entre si, mas separados por um fundamento: enquanto o primeiro pode ser baseado na fantasia, o segundo tem raiz no fato¹. Ainda que não excludentes, ambos encerram em si a noção entre a verdade de uma notícia ou a beleza da arte.

Muitos dos grandes artistas da palavra, a “*litteris*”, aliás, se exercitaram e acabaram por transcender a arte de narrar fatos, o jornalismo². E é exatamente aí que entra a proposta deste trabalho: estender o olhar sobre um recorte da obra de Aleksandr Serguéievitch Púchkin, traduzir e traçar breves comentários sobre parte de sua produção voltada ao jornalismo, publicada em sua revista “O Contemporâneo³”.

Embora só isso já bastasse para justificar tamanho investimento, talvez não fosse suficiente para mostrar para um novo público, o de lusófonos, que o artista que cunhou uma identidade nacional também foi um crítico severo e ácido dos costumes da então sociedade russa. Seja em prosa, seja em verso, seja em cartas aparentemente cotidianas – mesmo tendo-se em mente que momentos prosaicos de grandes gênios são, ainda

¹“Fatos podem ser definidos tanto do ponto de vista ontológico, ou seja, daquilo que existe, como do ponto de vista epistemológico, daquilo que se conhece. A estas dimensões pode acrescentar-se ainda a dimensão comunicativa.” (SPONHOLZ, 2009, p. 57).

²Clóvis Rossi possui uma definição que tem muito em comum com a literatura e com os objetivos de um artista que se dedica à *litteris*: “Jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes” (ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1980)

³ Современник (Sovriemenik), revista russa publicada trimestralmente durante 1836-1846, em São Petersburgo, onde foi publicada boa parte da produção do poeta, como “Cavaleiro de Bronze” e “A Filha do Capitão”. Participaram do Современник inúmeros grandes nomes da literatura russa do século XIX, como N. V. Gogol e A. I. Turguêniev.

assim, superiores -, Aleksandr Serguéievitch também ajudou a formatar uma noção de análise social em uma linguagem por vezes não usual à literatura. Eventualmente até vítima de críticas por suas escapadas estéticas, o artista não se furtou de sua importância para a sociedade, como neste excerto de seu poema “*Dieriévnia*”⁴ (A Aldeia, 1819), onde recorre ao recurso da contradição (o panorama da primeira parte da obra traça um interior belo e pacífico para, na segunda parte, denunciar a crueldade de uma sociedade injusta) para criticar o regime servil.

Mas os pensamentos horrendos escurecem a alma:
Entre os campos que florescem e as montanhas
O amigo da humanidade lamentavelmente percebe
Por todo lugar, ignorância mortífera, vergonha.
Sem ver as lágrimas, sem ouvir lamúrias,
da miséria das pessoas, escolhida pelo destino,
Aqui, uma nobreza selvagem, sem sentimento, sem lei
Apropriado a si, por um violentado salgueiro,
Trabalho, propriedades, e o tempo do camponês,
Declinando-se a um alheio arado, infinito sofrimento,
Aqui a escravidão descarnada arrasta-se pela corte
Do implacável senhor
Aqui a penosa encosta arrasta todos ao caixão
Esperanças e afeições, à alma não ousam tentar
Aqui as jovens virgens florescem
Para os caprichos dos facínoras insensíveis.⁵

Ainda que críticas sociais, eventualmente, apareçam nas obras literárias, precisamos observar que, no exemplo de “A Aldeia” (1819), Púchkin abre mão da liberdade do “mito” para se ater à realidade do “fato” como um meio, não como um fim. É um grande indício de um interessante, belo e cruel “*crossover*” entre a literatura e o jornalismo que está diante de nossos olhos.

Em outro de seus trabalhos, “Sobre a educação do povo”(1826)⁶, Aleksandr Serguéievitch, sob ordens diretas do czar Nicolau I⁷, em 1826, faz uma análise

⁴ PÚCHKIN, A. S. *Sobranie sotchineni v 10 tomah*. Moskva, 1959.

⁵Cf. nota 3.

extremamente ácida dos modos e da educação russa à época. Numa primeira leitura, podemos entender a crítica e entender um caráter “generalista” incutido nela. Entretanto, se tivermos em mente que o texto, a pedido direto do poder, foi produzido imediatamente após a execução ou exílio na Sibéria de todos os decabristas, podemos depreender que o artista aproveita a oportunidade para tentar libertar-se de um possível estigma que viria a acompanhá-lo ainda nos anos por vir: o de “*persona non grata*”.

Nenhuma impressão sequer de qualquer ideologia estrangeira é perniciosa para a nossa sociedade; a educação, ou, melhor dizendo, a ausência da educação tem raiz em vários males. Não no iluminismo, como dito no manifesto imperial de 13 de julho de 1826, mas a ociosidade do intelecto é mais maléfica que a ociosidade das forças corporais. A deficiência em conhecimentos profundos pode levar à morte. E digamos mais: apenas o iluminismo é capaz de evitar novas insanidades, novas pobreza sociais. Na Rússia, a educação doméstica é a mais deficiente, a mais imoral: a criança é cercada apenas por servos, vê apenas exemplos ignóbeis, age apenas a seu bel prazer ou escraviza, sem receber qualquer noção de justiça, de reciprocidade na relação interpessoal, de verdadeira honra. Sua educação limita-se ao aprendizado de duas ou três línguas estrangeiras e fundamentos iniciais de todas as ciências, ensinado por qualquer que seja o professor alugado. A educação nos internatos particulares não é em muito pior; aqui e lá ela encerra-se aos 16 anos, quando acontece a formatura. Mas não há motivos para hesitação: haja o que houver, deve-se entregar a educação ao privado. (Púchkin, sobre a educação do povo, 1826.)

Outro grande exemplo da mordacidade do autor é sua pesquisa histórica sobre Emelian Pugatchiov – cuja defesa das críticas foi retratada no terceiro volume de “O Contemporâneo”. Durante o início da terceira década do séc. XIX, o escritor viajou por Kazan e Orenburg, onde entrevistou pessoas que viveram com o homem que comandou a sublevação cossaca contra a imperatriz Ekaterina II, visitou os arredores do forte e

⁶PÚCHKIN, A. S. *Zapiska o narodnom vospitanii*. Noiabriá, 1826.

⁷ Após a execução dos ‘decabristas’, o czar quis saber mais sobre o tal Púchkin, de quem todos os rebeldes se declaravam admiradores. O artista foi convocado às pressas e, ao ser perguntado se teria tomado parte do movimento, respondeu “certamente”. A sinceridade de Púchkin agradou ao soberano, que lhe teria dito: “Você fez muitas bobagens. Espero que seja mais sábio e não precisemos mais brigar. Mas vai enviar-me tudo o que escrever, para que eu seja seu censor”.

conversou com seus moradores. Essa pesquisa resultou em alguns dos textos publicados na revista “Filho da Pátria”, na qual também participavam outros simpatizantes do movimento decabrista, bem como no livro “A História da Rebelião de Pugatchiov” (PÚCHKIN, 1833)⁸, onde Púchkin usa do rigor de um historiador e de um jornalista para pesquisar, entrevistar e organizar os fatos. Tudo isso sem abrir mão de seu talento para textos belos e suaves.

Da pesquisa sobre Pugatchiov também nasceu uma de suas obras-primas, “Capitânskaia Dótkha” (A Filha do Capitão, 2006), na qual Púchkin se equilibrava entre o uso da realidade histórica e o uso da fantasia para inserir a vida e o drama do oficial Griniov e de sua amada Maria no meio de fatos históricos reais, baseados no levante de Pugatchiov. “A Filha do Capitão”, tida como um marco do romance moderno russo, foi publicada na revista “O Contemporâneo”, no ano de 1836, sem assinatura do escritor e com o capítulo sobre a revolta dos camponeses censurado.

Temos, então, nas pesquisas de Aleksandr Serguéievitch sobre a insurreição de Pugatchiov, um paralelo crítico a ser traçado. Seguro que, a despeito de seu volume de páginas, “A Filha do Capitão” tem nuances de linguagem que em nada ou pouco diferem do trabalho dos periodistas realizado à época. Poder-se-ia dizer que a novela, além de inspirar uma geração de escritores brilhantes, também influenciou rumos que a linguagem jornalística russa acabou por tomar, anos mais tarde⁹.

⁸ PÚCHKIN, A. S. **Sobranie sotchineni v 10 tomah**. Moskva,: s.d.,1959.

⁹ É exatamente sobre essa característica multifacial de Púchkin que Auty e Obolensky, em seu livro, comentam: *“Seu conceito de poesia extrapolou de tal forma tudo aquilo que o precedeu que, antes mesmo que ele pudesse pensar em pôr tudo isso em prática, foi forçado a criar novas ferramentas. Para este fim, ele criou um novo idioma, o russo literário, até hoje considerado como o padrão. Ele fez reformas decisivas na metrificação. Criou a narrativa em verso russa e a poesia lírica que marcava compasso de toda uma gama de emoções. Olhando para Shakespeare, ele remodelou o drama russo desde suas fundações. Ele desenvolveu um estilo de prosa que continha em si tanto a expressão acadêmica quanto a popular. Púchkin foi o primeiro a escrever uma "novella" russa usando técnicas modernas. E foi ainda um crítico brilhante, um acadêmico literário altamente complexo, um historiador crítico estimulante, um jornalista espirituoso e um incomensurável e "virtuoso" escritor de*

Dizer (e repetir) que Púchkin é o escritor que mais precisamente define a alma russa, a identidade nacional de um povo, é desnecessário. Sobre ele, muito já foi, é e será relatado, escrito, cantado, pintado e, eventualmente, politizado. Entretanto, sua vertente mais de “cronista do cotidiano” parece sempre ser estudada circunstancialmente e em paralelo com objetivos pré-determinados de inseri-lo em contextos de eventos temporais, como momentos ou movimentos políticos, convulsões sociais ou seus ensaios ou mesmo com fins comparativos, no campo da História – para estudar e comparar hábitos antigos com atuais, numa tentativa de explicar, diacronicamente, eventos da Rússia atual.

O que se pretende com este estudo, porém, é esboçar uma análise factual da produção de Púchkin, especificamente publicada em “O Contemporâneo”, publicação inteiramente gerida por ele, realizada e editada em acordo com uma linguagem jornalística tida como padrão – aquela que determina sempre uma narração de fatos cotidianos, observando-se as nuances críticas, o tipo de jargão utilizado, anotações de eventual acidez, soluções sociais propostas, possíveis neologismos, humor, enfim, explicando para o leitor que, além de um escritor de valor incalculável para a arte, Aleksandr Serguéievitch também foi, acima de tudo, um exímio observador dos costumes e dos – por que não dizer – “caprichos” da sociedade de seu tempo.

É fato que a chamada – por vezes ironicamente - “ciência do jornalismo”¹⁰ é extremamente volátil, sujeita a interesses e em constante movimento. Mas ela pode e deve ser observada, estudada e analisada sob um prisma que leve em consideração sua alternância entre posições e objetivos, acompanhando as revoluções da sociedade.

cartas.”(AUTY, Robert; OBOLENSKY, Dimitri (ed.). **An Introduction to Russian Language and Literature**.Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

¹⁰ Para ilustrar essa polêmica, cito Eduardo Meditsch (1997, p. 62), quando este enfatiza que “o que o jornalismo tem de único é justamente a sua forma diferente de revelar a realidade, ilustrando aspectos que os outros modos de conhecimento são incapazes de mostrar. Enquanto a ciência procura estabelecer as leis que regem um fato e suas relações, o jornalismo tem a sua força na singularidade do próprio fato”.

Sabemos muito bem que o jornalismo já foi um simples atributo de literatos, o de observar e escrever sobre fatos por vezes cabais e de importância questionável, socialmente falando. Transformou-se no ato de reportar, ainda que caoticamente, fatos grandiosos e de relevância social. Evoluiu para algo que hoje pode ser descrito como uma “novela real” e atingiu hoje uma quase ciência, com regras, pré-determinações, busca por imparcialidade, velocidade e dureza.

Ainda sim, busca-se o “bom texto”: esse é o elo que o jornalismo mantém com a literatura. Por isso, a leitura de grandes nomes da literatura, que transitaram com excelência pelo jornalismo, se faz fundamental. Contextualizar o leitor com panoramas históricos é imperativo e, para isso, é interessante orbitar, eventualmente, Púchkin com Nikolai Gavrilovich Tchernichevski, Alexander Ivanovich Herzen, Anton Pavlovich Tchekhov.

Para isso, inicialmente, apresento as traduções de textos selecionados, escritos por Púchkin em cada um dos três volumes publicados em sua vida. Deste modo, o leitor pode ter a exata noção da força de sua crítica, da mordacidade de sua pena, da suavidade de seus elogios, além de características que lhe eram marcantes, como o cuidado com seus “protegidos”, a liderança no cenário literário e o prestígio, que ele nunca se furtou em usar para variados fins.

Em seguida, tento traçar um panorama cronológico pré-Púchkin, durante Púchkin, da fundação de “O Contemporâneo” e de seu legado. Após a leitura das traduções de seus textos, até então desconhecidos no Brasil, será possível iniciar uma reflexão ainda mais profunda de “causa e efeito” da participação do periódico no desenvolvimento da literatura russa no século XIX.

O Contemporâneo: textos de Púchkin traduzidos

1. CONTEÚDO DAS TRADUÇÕES DE PÚCHKIN

“O Contemporâneo - primeiro volume” - Foi publicado em 11 de abril de 1836.

Púchkin contribui com as seguintes obras:

- “O Festim de Pedro Primeiro” - versos de Púchkin, publicados em 1835;
- **“Skupoi Ritzar”** – versão de Púchkin adaptada a partir da obra do poeta austríaco Joseph Christian Freiherr von Zedlitz (1790-1862). Considerada uma das mais importantes “pequenas tragédias” de Púchkin, e escrita em 1830;
- **“Novos livros: Vastola, ou O Desejo”** - Notas de Púchkin, escritas por ocasião dos acontecimentos na Bastilha, trazidos por O. I. Senkovski, e sua resenha sobre o livro, publicada na revista “Biblioteca para Leitura”, em 1836, nos números 1 e 2. O tradutor anônimo de “A Bastilha”, editada por Púchkin, era E. P. Liutzenko (1776 - 1854), um daqueles que frequentaram o Liceu Tzarkoselski durante a passagem de Púchkin por lá;
- “Noites na granja perto de Dikanka¹¹” - repercussão de Púchkin sobre a segunda edição da antologia de contos de N. V. Gogol.

“O Contemporâneo - segundo volume” - A permissão do Comitê de Censura para a publicação do segundo volume da revista foi recebida por Púchkin no dia 3 de

¹¹Traduzido por Arlete Cavalieri. In GOGOL, N. V. *Teatro completo*. Ed. 34, 2009 - 1ª edição

julho de 1836. Foi, dos três tomos publicados em sua vida, aquele em que participou com maior intensidade editorial, porém contribuiu com menos textos.

- “Academia Russa” - Artigo de Púchkin

- “Anotações de N. A. Durovoi, publicadas por A. Púchkin” - prefácio de Púchkin sobre os trechos das anotações de N. A. Durovoi, com relação aos fatos de 1812.

“O Contemporâneo - terceiro volume” – O último número da revista, sob o comando de Púchkin, foi publicado em outubro de 1836, ainda durante a vida do poeta. Diante dos problemas financeiros de Púchkin, das dificuldades com a censura e com as críticas, foi praticamente todo editado, produzido e escrito pelo artista. Trouxe textos importantíssimos, como a carta em que explica o artigo de Gogol, publicado no primeiro volume, sua defesa ante as críticas à “História da Rebelião de Pugatchiov” e ácidas anedotas.

- “A opinião de M. E. Lobanov sobre a alma da literatura, tanto estrangeira quanto nacional” - Artigo de Púchkin

- **“Sobre a história da Rebelião de Pugatchiov”**(coletânea de matérias, artigos e anotações publicados na revista “Filho da Pátria”, em janeiro de 1835) - Artigo de Púchkin. F. B. Bulgarin, em sua revista “Abelha do Norte” de 9 de julho de 1836, escreveu que a “História da Rebelião de Pugatchiov” de Púchkin “hesitava em suas fundações por ter apenas as impressões do calmo Bronevski”. Esse ataque serviu de inspiração para que Púchkin preparasse sua resenha com um maior detalhamento do militar V. B. Bronevski, personagem principal de sua obra.

- “Genealogia de meu herói” - Trecho de um poema não terminado por Púchkin, sobre o qual o poeta teria trabalhado no fim de 1832 e em 1833. Após a morte de Púchkin, Zhukóvski o publicou sob o título “Ezerski”. O texto de “O Contemporâneo” possui significativas diferenças com o manuscrito, que inspira as publicações feitas atualmente.

- **“Voltaire”** - Artigo de Púchkin (com direito a referências à *Ostra*, de La Fontaine). Aqui, Púchkin faz uma análise da vida de um dos maiores poetas franceses com base em suas correspondências, e deixa uma forte crítica tanto à sociedade, que hesita em reconhecer o valor do artista, quando à própria classe, que insiste em subjugar-se aos caprichos de governantes.

- “Anedotas” - O poeta começou a escrever piadas históricas e literárias em folhas avulsas, que ele escondia em uma caixa, em cuja tampa estava escrito “table-talk”.

- “Polkovets” - Versos de Púchkin, escritos em 7 de abril de 1835, essencialmente descrevendo M. B. Barclay de Tolli. Tem início com a descrição da galeria de 1812 no Palácio de Inverno, onde estão reunidos os retratos dos envolvidos na Grande Guerra Pátria.

- “Trechos de notas não publicadas de uma dama (1811)” - Início do romance não terminado por Púchkin, “Ruslavlev”, no qual ele trabalhou em junho de 1831. A nota “do francês” nada mais é do que uma mistificação do autor (recurso que o próprio, por vezes, utilizava para dar um tom maior às suas obras, o que não deixava de ser uma crítica ao provincianismo russo). O romance polêmico critica a então compreensão de patriotismo, expresso no romance “Ruslavlev” (1831), de M. N. Zagoski. As bases zagoskianas são fundamentadas em atos passados, conforme ele alerta em seu prefácio. Este, aliás, foi utilizado por Púchkin como motivo para uma retificação...

- “O Sapateiro” - Versos de Púchkin direcionados ao crítico N. I. Nadezhdi. “Julgue, amigo, não do alto de uma bota”. Com estes versos Púchkin responde à epígrafe sobre o artigo de Nadezhdi acerca de “Poltava”, que dizia: “nunca empregue um esforço menor que aquele que pode”.

- **“Sobre as obrigações do homem. Coletânea de Silvio Pellico”** - Notas de Púchkin acerca do livro “Sobre as obrigações do homem”, escrito pelo italiano Silvio Pellico em 1834, que foi traduzido para o russo por N. Khrustalevim e publicada em 1835. Uma nova tradução foi feita por S. N. Dirin e publicada de forma anônima em janeiro de 1837. Pellico foi preso em 1820 pela participação no Movimento Carbonário¹².

- **“Carta ao editor”** – Defesa da linha editorial de “O Contemporâneo”, escrita em forma de carta do leitor A. B., de Tver. Vale ressaltar que foi criada pelo próprio Púchkin, acerca do artigo de Gogol “Sobre o movimento do jornalismo literário em 1835 e 1836”. Segundo o suposto leitor, o artigo teria sido abraçado por “O Contemporâneo” como linha editorial e causou polêmica indesejada por Púchkin. Isso o levou a explicar-se, na forma da carta do leitor A. B. ao editor, e ressaltar sua discordância com Gogol nas questões relativas ao jornalismo.

“Da redação” - Anotações redacionais relativas à publicação de “O Contemporâneo” escritas por Púchkin. Na nota de número 2, mais uma vez, há a menção de uma polêmica criada por O. I. Senkovski.

¹²O *Risorgimento* (em português: Ressurgimento) é o movimento na história italiana que buscou entre 1815 e 1870 unificar o país, que era uma coleção de pequenos Estados submetidos a potências estrangeiras.

2. “O CONTEMPORÂNEO”: TEXTOS DE PÚCHKIN SELECIONADOS E TRADUZIDOS

2.1 O cavaleiro avaro

(Cenas da tragicomédia de Shenstone, “O cavaleiro avaro”)¹³

CENA 1

Em uma torre. ALBERT e JEAN, seu criado

ALBERT – Aconteça o que quer que acontecer, devo estar no torneio. Mostre-me o elmo, Jean.

(Jean lhe entrega o elmo) Perfurado, e destruído. É impossível usá-lo. Terei de conseguir um novo. Ah, que duro golpe! Maldito conde Delorge!

JEAN - Bem, de qualquer modo o senhor lhe deu o troco; já que, desde que o derrubou do estribo, ele permanece prostrado como um morto, dia e noite - talvez não tenha se recuperado ainda.

ALBERT - Ele não sofreu perdas. Há um furo em seu peitoral de aço veneziano e, claro, em seu próprio peito - que não custou nada. Não terá de comprar um novo. Por que não tirei seu elmo de uma vez? Deveria tê-lo feito, mas tive medo de me envergonhar diante das damas e dos duques. Maldito conde! Melhor seria se tivesse furado meu crânio. Preciso de roupas também. Da última vez, todos os cavaleiros vestiam cetim e veludo;

¹³O subtítulo é uma brincadeira feita por Púchkin. William Shenstone não escreveu tal peça; trata-se de um trabalho original (N. do T.).

apenas eu usava uma cota de malha à mesa do duque. Pedi desculpas dizendo que havia sido um acaso, mas o que direi agora? Ah, pobreza! Quão degradado é o coração do homem! Quando o Conde Delorge, com um arremesso de lança, perfurou-me o elmo e passou correndo e eu, com a cabeça desprotegida, cravei as esporas em meu Emir e como um turbilhão derrubei o Conde vinte passos à frente tal qual um pajem, todas as donzelas levantaram-se dos assentos; e quando Clotilda, escondendo o rosto, não pôde conter um brado, todos os arautos aplaudiram meu poderoso golpe; bem, nenhum deles percebeu a razão de toda a minha coragem e força divina! O dano em meu elmo deixou-me simplesmente enlouquecido; a causa não foi heroísmo, mas avareza. Sim, essa é uma doença que facilmente contamina qualquer um que viva sob o teto de meu pai. Mas como está meu pobre Emir?

JEAN - Ainda manca. É impossível cavalgá-lo.

ALBERT - Não há nada a ser feito; terei de comprar um baio. Não se cobra muito por eles.

JEAN - Não cobram muito, mas o senhor bem sabe que não temos dinheiro algum.

ALBERT - O que diz aquele imprestável Salomão?

JEAN - Diz que não pode emprestar-lhe um tostão, a menos que tenha uma boa fiança.

ALBERT - Fiança! E onde vou arranjar isso?

JEAN - Foi o que lhe disse.

ALBERT - E ele?

JEAN - Suspirou e deu de ombros.

ALBERT - Pois não lhe disse que meu pai é rico como qualquer judeu, e que logo o sucederei?

JEAN - Também lhe disse isso.

ALBERT - E ele?

JEAN - Suspirou e deu de ombros.

ALBERT - Que sorte miserável!

JEAN - Ele disse que virá aqui.

ALBERT - Graças a Deus! Não o deixarei sair daqui sem pagar um resgate. (batidas na porta) Quem será?

(O *JUDEU* entra)

JUDEU - Seu humilde criado.

ALBERT - Ah, meu amigo! Seu Judeu maldito, seu honrado Salomão, venha por aqui: então quer dizer que não me darás nenhum crédito?

JUDEU - Ah, meu nobre senhor, com todo o respeito que lhe tenho, adoraria... mas não posso. Onde poderia conseguir dinheiro? Estou arruinado, auxiliando aos senhores, com tudo que posso - e ninguém me paga! Tenho de vir perguntar se não poderia pagar ao menos uma parte...

ALBERT - Seu velhaco! Achas que, se tivesse dinheiro, estaria aqui discutindo com você? Mas já chega! Não seja tão obstinado, amigo Salomão, exiba seus ducados. Dê-me cem, antes que o revistemos.

JUDEU - Dar-lhe cem! Onde vou conseguir cem ducados?

ALBERT - Ouça, não tens vergonha de negar ajuda a um amigo?

JUDEU - Eu juro...

ALBERT - Chega, chega! Então pede fiança? Que absurdo! O que devo oferecer como fiança? Um couro de porco? Se tivesse algo a empenhar, teria vendido há muito tempo. Seu safado, minha palavra de cavaleiro não basta?

JUDEU - Sua palavra, enquanto estiver vivo, vale muito, sim, muito. Sua palavra pode abrir o cofre dos ricos Flanders. Mas se a um pobre judeu como eu não dá garantias e

depois morre (que Deus nos livre!), sua palavra fica em minhas pobres mãos como a chave de um rico baú mergulhado nas profundezas.

ALBERT - Crê que meu pai viverá mais que eu?

JUDEU - Quem sabe? Não somos nós que controlamos nossos dias. Ontem um jovem desabrochava, e agora está morto; e quatro velhos têm de carregar seu caixão, nos ombros curvados, até a cova. O barão tem saúde. Ele pode viver por mais dez ou vinte anos - ou vinte e cinco, ou trinta.

ALBERT - Seu Judeu mentiroso! Quando se passarem trinta anos, terei mais de cinquenta; e então, que serventia terá o dinheiro para mim?

JUDEU - Que serventia? Bem, dinheiro nos é útil em qualquer idade; o jovem o busca como seu servo sempre a postos e, aqui e acolá, o desperdiça imprudentemente; o velho vê nele um amigo de confiança e o protege como a menina dos olhos.

ALBERT - Meu pai não vê nele nem servo, nem amigo, mas um senhor - a quem serve. E o serve como? Como um escravo argelino, como um cão acorrentado. Em sua choupana gélida ele vive, bebe água, rói côdeas de pão; nunca dorme à noite: fica para cima e para baixo e rosna. O ouro, enquanto isso, descansa tranquilamente nos baús. Mas calma! Chegará o dia em que o ouro me servirá e deixará de descansar.

JUDEU - Sim, em seu funeral correrá mais ouro do que lágrimas. E que Deus o torne seu herdeiro o mais rápido possível.

ALBERT - Amém!

JUDEU - Mas será que eu poderia...

ALBERT - O quê?

JUDEU - Bem, estava pensando que existem meios de...

ALBERT - O que diz?

JUDEU - Bem, apenas que tenho um amigo, um homenzinho esquisito, é judeu e boticário pobre...

ALBERT - Ah, um avaro como você? Ou é honesto?

JUDEU - Não, meu senhor, ele dirige um negócio diferente: manipula substâncias. É realmente uma maravilha a maneira como elas funcionam.

ALBERT - E que serventia teriam para mim?

JUDEU - Pingue não mais do que três gotas em um copo de água - elas não têm sabor ou cor – e, aquele que beber, sem uma pontada de cólica na barriga ou dor ou náusea, morrerá.

ALBERT - Então é veneno que o velho trafica?

JUDEU - Ah, sim, veneno.

ALBERT - Como? Então propõe-se a me emprestar duzentos frascos de veneno em vez de ouro - um frasco para cada ducado? Ou o quê?

JUDEU - Gosta de rir às minhas custas. Apenas imaginei... talvez o quisesse... imaginei que talvez fosse hora de o barão deixar de viver.

ALBERT - Envenenar meu pai! E como ousa, nas minhas barbas - agarre-o, Jean - como ousa, diante de um filho... seu judeu imundo, seu cão, sua cobra. Vou pendurá-lo imediatamente nos portões por isso!

JUDEU - Meu senhor, me desculpe! Perdoe-me, estava pilheriando.

ALBERT - Jean, uma corda!

JUDEU - Eu... eu estava pilheriando. Tome, pegue esse dinheiro.

ALBERT - Fora daqui, seu cão! (*o judeu sai*) A isso sou submetido pela avareza de meu pai! O judeu ousou propor-me... dê-me uma taça de vinho! Estou tremendo... mas ainda preciso de dinheiro. Corra e detenha o maldito judeu. E pegue seus ducados. Sim, e traga-me meu tinteiro. Darei um recibo ao velhaco. Mas não deixe o judeu entrar

aqui... não, espere. As moedas dele rescenderão a veneno como os trinta dinheiros que Judas recebeu... pedi vinho!

JEAN - Não temos nenhuma gota de vinho.

ALBERT - Nem mesmo daquele que Raymond me enviou de presente da Espanha?

JEAN - Ontem levei a última garrafa que havia para o ferreiro doente.

ALBERT - Ah, me lembro, sim... bem, dê-me água. Ah, que vida maldita! Está decidido - vou ao duque e pedirei por justiça: que ele faça com que meu pai me trate como filho, e não como um rato de porão.

CENA 2

No cofre

BARÃO - Enquanto o inútil aguarda a hora do encontro com alguma desonesta sedutora ou talvez alguma tola jovem seduzida por ele, espero o dia todo o momento de vir a meu cofre secreto e ficar diante de meus confiáveis baús. Ah, dia feliz! Hoje, em meus seis baús (um ainda por encher), meus dedos segurarão um punhado do meu ouro. Parece uma ninharia, mas é com ninharias que se acumula um tesouro. E em algum lugar li que certa vez um imperador pediu a seus guerreiros que levassem punhados de terra e jogassem em uma pilha - e uma majestosa colina se ergueu, e de seu cume o imperador podia contemplar, feliz, um verdejante vale coberto com tendas brancas e um vasto oceano com todas as suas velozes embarcações. Assim, de punhado em punhado,

trouxe meu tributo habitual a esse cofre, e ergui minha colina e de seu topo observo minhas vastas propriedades. E quem pode demarcar-lhe os limites? Pois, tal como um demônio, eu a governo daqui. Basta que deseje - e um palácio há de surgir, e em meus jardins esplêndidos dançará um grupo de ninfas de modo extravagante. As musas também me trarão seus tributos. Um gênio liberto se tornará um aquiescente escravo. A própria virtude e a labuta que não acaba, com aparência submissa, aguardarão minha recompensa. Basta que assovie - e a meus pés rastejarão, obedientes e tímidos, beijando-me a mão, e ao olhar-me nos olhos, e lendo neles o sinal do meu desejo. Todas as coisas me obedecem - e a nenhuma obedeço; estou acima de todos os desejos e preocupações.

Conheço o meu poder, e esse conhecimento me basta... (ele fita seu ouro) Parece uma pilha frívola. E, ainda assim, o que pode sintetizar a história das preocupações, decepções, lágrimas, súplicas, maldições das quais é uma pesada substituta! Há por aqui um velho dobrão... aqui está! Hoje mesmo uma viúva mo deu; mas antes ficou de joelhos a metade de um dia à minha janela, com suas três crianças, pranteando ruidosamente. Veio a chuva, cessou, tornou a vir, e a santarrona não se moveu; claro que poderia tê-la enxotado, mas algo dizia-me que trazia o pagamento da dívida do marido e que não queria amanhecer na cadeia. E esse? É o que Thibault trouxe. Onde aquele velhaco preguiçoso conseguiu isso? Roubou-o, imagino, ou talvez à noite, pela estrada, na floresta...

Ah, se todas as lágrimas, todo sangue e suor vertidos por aquilo que aqui se abriga brotasse do âmago da terra, então haveria um segundo dilúvio - e eu me afogaria com meu valioso cofre. Mas agora chegou a hora. *(ele se prepara para abrir o baú)* Sempre que é chegado o momento de destrancar um baú, tremo e fico febril. Não é por medo (Ah, não! A quem poderia temer? Minha espada está ao meu lado; sua lâmina

confiável vai cuidar do ouro), mas porque, nessa ação, um sentimento estranho e incomum se apodera de meu coração. Os médicos nos asseguram que há pessoas que sentem prazer no ato de matar. Então, quando ponho a chave no cadeado, sinto o que eles devem sentir no instante em que cravam a faca na vítima - prazer e horror, a uma só vez (*ele abre o baú*). Meu paraíso! (*ele deixa as moedas caírem, uma a uma*) Vocês já vagaram bastante pelo mundo, servas das necessidades e luxúrias do homem. Durmam aqui o sono da força e da paz, como nos distantes céus descansam os deuses!...

Hoje quero dar um grande banquete; diante de cada baú disporei uma vela acesa, e abrirei cada baú, e ficarei eu mesmo no meio deles, observando suas entranhas reluzentes (*ele acende as velas e abre os baús, um a um*). Sou um rei!... Que brilho mágico se espalha. Poderoso é o meu reino, e obediente. A felicidade está aqui, minha honra e minha glória! Sou um rei!... Mas depois que morrer, quem se tornará seu soberano? Meu herdeiro! Um jovem mentecapto - e perdulário também! Salafrários e devassos se beneficiam de sua companhia. Mal esfrie meu cadáver, ele virá aqui, esse gastador, a esse tranquilo e silencioso cofre, com todo o seu bando de cortesãos adutores e gananciosos. Depois de roubar de meu cadáver as minhas chaves, ele abrirá todos os meus baús com uma ressonante gargalhada, e toda a minha riqueza acumulada se esvairá em seus bolsos - de cetim, sim, mas furados. Ele destroçará vasos sagrados e limpará lama com os óleos que deveriam untar um rei. Ele desperdiçará... mas quem deu a ele tal direito? Isso não veio a mim como um presente, ou como a diversão de um apostador que rola os dados e recolhe o dinheiro. Quem sabe quantas amargas autocensuras, paixões sufocadas, pensamentos graves, dias de cuidados e noites mal dormidas isso tudo me custou? Dirá meu filho que meu coração está coberto de musgo e que eu nunca tive desejos nem mesmo senti dor na consciência. A consciência, essa besta de garras afiadas que arranham e arranham. O coração, esse

intruso, companhia inoportuna, credor rude; uma bruxa que escurece a lua com suas palavras profanas e faz tremer as tumbas dos cemitérios, e delas faz levantar os mortos!...

Faça primeiro uma fortuna para si, e então observe! Um desgraçado virá e desperdiçará tudo aquilo que você conquistou com seu sangue e suor. Ah, se eu pudesse proteger meu cofre de olhos indignos! Se eu pudesse levantar de meu túmulo e, como uma sombra guardiã, vir sentar sobre meu baú e proteger meus tesouros de todas as criaturas, como eu os protejo agora!...

CENA 3

No castelo, Albert e o Duque

ALBERT - Acredite-me, senhor, que há muito vivo a vergonha de uma amarga pobreza. A calamitosa necessidade me leva a fazer tal reclamação.

DUQUE - Eu acredito. Um homem como o senhor, meu caro cavaleiro, não acusaria o pai a não ser em face à necessidade. Tais cafajestagens são raras... portanto, acalme-se: exortarei seu pai reservadamente e não farei escândalo. Estou esperando por ele. Há tempos não nos vemos. Ele era amigo de meu avô. Lembro-me bem de quando ainda era pequeno, ele me sentava em seu cavalo e me cobria com seu pesado escudo como um sino (*olha pela janela*). Quem é? Não é ele, é?

ALBERT – É, sim, meu senhor.

DUQUE - Então vá para aquele cômodo. Eu o chamarei (*ALBERT sai, o BARÃO entra*).
Ora, Barão, alegra-me vê-lo tão saudável e forte.

BARÃO - Fico feliz, senhor, de saber que minha saúde me permite - apesar da idade - estar às suas ordens.

DUQUE - Há muito não nos vemos, Barão.

BARÃO - Lembra-se, senhor? Posso vê-lo como se fosse hoje. Era uma criança vivaz, meu senhor - o duque (que está morto) me dizia: ‘Bem, Phillip (ele sempre me chamava de Philip), o que me diz? Hein? Em vinte anos, eu asseguro, ambos seremos apenas uns velhos babões diante da presença desse pequeno...” da *sua* presença, foi o que ele quis dizer.

DUQUE - Bem, renovaremos nossos laços agora. O senhor abandonou a minha corte.

BARÃO - Estou velho, meu senhor, o que faria eu na corte? O senhor ainda é jovem, festas e torneios são do seu gosto. Mas, na minha idade, não vejo graça neles. Ainda assim, se Deus nos mandar a guerra, estou pronto - ainda que com meus gemidos - a montar mais uma vez meu cavalo; minha força será suficiente para desembainhar minha velha espada, embora com as mãos trêmulas, em sua defesa.

DUQUE - Barão, a fidelidade de seu zelo nos é conhecida; e era amigo de meu avô; meu pai também o respeitava; e eu sempre o tive como um bravo e confiável cavaleiro; mas, por favor, sente-se. Tem filhos, Barão?

BARÃO - Tenho um único filho.

DUQUE - E por que nunca o vejo em minha corte? Para você, pode ser um aborrecimento, mas tanto a idade quanto a posição dele o fazem adequado para comparecer.

BARÃO - Meu filho não gosta da vida ruidosa e mundana. Ele tem um perfil tímido e melancólico - ele vaga ao redor do castelo, pela floresta, como um cervo.

DUQUE - Não é correto que vire um eremita; nós o acostumaremos rapidamente com os festejos, bailes e torneios. Encaminhe-o a mim; e faça em seu filho um ajuste que beneficiará sua posição... noto seu cenho franzido - talvez a viagem o tenha cansado?

BARÃO - Meu senhor, não é cansaço; o senhor confundiu-me e muito. Não faria essa confissão diante do senhor, mas suas palavras me forçam a dizer sobre o meu filho coisas que alegremente ocultaria do senhor. Infelizmente, senhor, ele não é digno de seus nobres cuidados e gentilezas. Desperdiça a juventude em uma rotina desenfreada, em vícios vulgares.

DUQUE - A causa disso, bom Barão, talvez seja ele estar sozinho. A solidão e a indolência são a ruína da juventude. Mande-o a nós; aqui ele esquecerá os hábitos que a vida desregrada lhe causou.

BARÃO – Perdoe-me, nobre senhor, mas, realmente, é-me muito difícil consentir com isso...

DUQUE - Mas por quê?

BARÃO - Ah, deixe um pobre velho ir.

DUQUE - Não, eu exijo: revele-me a razão de sua negativa.

BARÃO - Sinto muita raiva de meu filho.

DUQUE - Por que razão?

BARÃO - Por seu terrível crime.

DUQUE - E que crime foi esse, conte-me?

BARÃO - Poupe-me disso...

DUQUE - É bastante estranho! Envergonha-se dele?

BARÃO – Envergonho-me, de fato...

DUQUE - Mas o que ele poderia ter feito?

BARÃO - Ele... ele planejou matar-me.

DUQUE - Assassinato! Devo então entregá-lo à justiça, cruel criminoso que ele é.

BARÃO - Eu não tenho como provar, embora saiba que está simplesmente ansiando por minha morte, e sei que tentou...

DUQUE - O quê?

BARÃO – Roubar-me.

(ALBERT invade a sala)

ALBERT - Barão, isso é uma mentira!

DUQUE *(para o filho)* - Como se atreve?...

BARÃO - Você! Você aqui! Como se atreve!... Dizer a mim, seu pai, tal palavra!...

Eu minto? E isso diante do senhor!... A mim, a mim... Não sou mais um cavaleiro?

ALBERT - Um mentiroso, é o que é!

BARÃO - Mesmo o trovão, deus da justiça, não reverberou! Pegue isso, e deixe que a espada decida por nós.

(Joga a luva no chão; seu filho a pega prontamente)

ALBERT - Obrigado, pai, por esse presente; é o primeiro que me dá!

DUQUE - O que acabo de ver? O que foi isso que testemunhei? Um filho aceitando o desafio de um pai idoso! Em que dias terríveis me investi do ducado! Silêncio, homem insensato, e o senhor também, jovem filhote de tigre! Basta! *(ao filho)* Acabe com isso de uma vez, dê-me essa luva *(tira a luva dele)*.

ALBERT - *(à parte)* É uma pena!

DUQUE - O modo como a agarrou! Que vergonha, seu monstro! Saia daqui; e nunca mais ouse aparecer-me diante dos olhos, até o momento em que o chame.

(ALBERT sai)

E você, seu ancião infeliz, não se sente coberto de vergonha?...

BARÃO - Perdoe-me, senhor... não consigo me sustentar... meus joelhos cedem... estou engasgando... engasgando... onde, onde estão minhas chaves? Minhas chaves, minhas chaves!

DUQUE - Está morto. Ah, Deus do céu! Que tempos terríveis! E que corações terríveis!

[1830]

2.2 Novos Livros

Vastola, ou O desejo. Contos em verso, escritos por Wieland¹⁴, editados por A. Púchkin, em São Peterburgo, na tipografia D. Vnesh, em 1836.

Em um de nossos jornais, é necessário notar que o editor de "Vastola" pretendia apoderar-se da produção alheia, ao estampar seu nome no livro por ele editado. A acusação é injusta: editar um trabalho vazio, com o consentimento ou a pedido do autor, até hoje não ninguém conseguiu. Isso se chama "publicar", a palavra é clara e, afinal de contas, até hoje outra não foi inventada.

Na mesma "revista" foi dito que "Vastola" fora traduzida por algum pobre literato, que A. S. P. apenas haveria lhe emprestado o nome, e que teria sido melhor se ele lhe tivesse dado mil rublos de sua carteira.

O tradutor do poema wielandiano, cidadão e literato ativo, venerável pai de família, não poderia esperar ataque tão vil. Trata-se de uma pessoa que não é rica, mas independente e bem-quista. Ele poderia ter repassado a um outro o trabalho agradável de publicar seu poema, mas é claro que não aceitou a bondade de quem quer que fosse.

Após tal explicação, não é possível chegar a uma conclusão se podemos revelar o nome do verdadeiro tradutor. Lamentamos que um desejo sincero de servi-lo possa dar motivos a alusões tão ofensivas.

Noites na granja perto de Dikanka. Prosa editada por Pasichnik Rud Pank. Segunda edição. Dois volumes.

¹⁴Christoph Martin Wieland (Oberholzheim, 5 de setembro, 1733 – Weimar, 20 de janeiro, 1813) foi tradutor e poeta alemão do Iluminismo. (N. do T.)

Os nossos leitores, é claro, lembram-se da impressão que nos causou o surgimento de “Noites na granja perto de Dikanka”: todos alegraram-se com a descrição tão vívida de uma família de cantores e dançarinos, com essa pintura fresca da natureza pequeno-russa, com essa alegria, simplicidade de alma e, simultaneamente, astúcia. Como ficamos maravilhados com um livro russo que nos pôs a sorrir. Justamente nós, que não sorriamos desde os tempos de Fonvizin! Ficamos tão agradecidos ao jovem autor que o perdoamos sinceramente pela injustiça e incorreção de seu estilo, incoerência e inverossimilhança de alguns de seus contos, que apresentaram defeitos à crítica. O autor atestou essa condescendência. Ele, desde então, incessantemente desenvolveu-se e aperfeiçoou-se. Ele publicou “Arabeski”¹⁵, no qual encontramos “A Avenida Nevski”, a mais ampla de suas produções. Na sequência da qual aparece “Mirgorod”¹⁶, onde tudo se passa com cobiça, e “Senhor de terras dos tempos passados”, um idílio tocante e espirituoso, que propicia o choro através do riso de tristeza e enternecimento, e “Taras Bulba”¹⁷, para cujo início levanta até mesmo Walter Scott. G. Gogol ainda tem muito pela frente. Desejamos e esperamos ter muitas oportunidades para falar sobre ele em nossa publicação.

¹⁵ A coletânea de textos “Arabeski” foi publicada por N. V. Gogol em 1835, e trazia o clássico “A Avenida Nevski”. (N. do T.)

¹⁶ Sua sequência, a coletânea “Mirgorod”, foi publicada no mesmo ano, e “Senhor de terras de tempos passados” é seu primeiro texto. (N. do T.)

¹⁷ “Taras Bulba” vem após “Senhor de terras de tempos passados”, publicado em “Mirgorod”. (N. do T.)

2.3 Academia Russa

Aos 18 de janeiro do corrente ano, a Academia Russa foi agraciada com a presença de Sua Excelência o príncipe Piotr Oldenburgski, bem como por seus honorários convidados selecionados. O ilustre secretário D. I.Iazikov abriu a sessão com a leitura de uma breve história da Academia.

Ekaterina II fundou a Academia Russa em 1783 e ordenou que a princesa Dachkova fosse a presidenta.

Ekaterina, que fazia todo o possível para estabelecer leis e uma ordem inabalável, pretendia estabelecer um código para a língua russa. A Academia, agindo em conformidade com a ordem, imediatamente procedeu à elaboração de um dicionário. A imperatriz tomava ciência e participava não somente por ordens, mas também executava tarefas. Frequentemente informava-se sobre os êxitos do trabalho iniciado e, após entre ouvir algumas vezes que o mesmo havia sido levado até a letra “N”, disse certa vez, aparentando pouca paciência, “Tudo é ‘Nosso e Nosso’! Quando será que lhes direi ‘Vosso?’”. A Academia duplicou seus esforços. Dentro de algum tempo, à pergunta da Imperatriz “E quanto ao dicionário?”, a ela respondiam que a Academia havia chegado até a letra “P”. A Imperatriz então sorria e dizia que já era tempo de a Academia lhe dar “Paz”.

Apesar destas piadas, a Academia deveria causar admiração à monarca, através da célere compleição de suas altas expectativas: o dicionário foi terminado em um prazo de seis anos. Karamzin, com justiça, surpreender-se-ia com tamanha proeza.

“O dicionário completo publicado pela Academia - diz ele - pertence àquela gama de fenômenos através dos quais a Rússia surpreende aos estrangeiros atentos; o

nosso feliz destino, sem dúvida, teve razão de ser após uma agilidade incomum: nós amadurecemos não ao longo de séculos, mas de décadas. Itália, França, Inglaterra, Alemanha, todos glorificaram muitos grandes escritores, mesmo sem ter um dicionário: nós tínhamos então livros religiosos, espirituais, poetas orais, escritores, mas apenas um essencialmente clássico (Lomonossov), e apresentamos um sistema linguístico, o qual pode ser equiparado com as célebres criações das Academias de Florença e Paris”

Muitos dos membros da Academia participaram da publicação “compêndio dos amantes da palavra russa”. O próximo acontecimento, diz o senhor Iazikov, é imperativo que entre para a História: Fonvizin incluiu no “compêndio” um artigo sob o nome “Algumas questões com potencial para atrair a atenção de pessoas sábias e honradas”. As perguntas surgiram no “compêndio” com muitas respostas espirituosas e originais. Trazemos aqui algumas:

P - Por que motivo todos contraíram dívidas?

R - Baseado no fato de que todos gastam mais do que seus rendimentos.

P - Por que motivo não somente em Petersburgo, mas também na própria Moscou, formaram-se associações entre os nobres?

R - Por causa da multiplicação das sociedades.

P - Por que motivo a principal aflição da maior parte dos fidalgos não consiste em fazer com que seus filhos se tornem da mesma classe o mais rápido possível, mas em fazê-los mais rapidamente da Guarda de Sargentos?

R - Pelo seguinte motivo: um é mais fácil do que o outro.

P - Por que motivo na vida dos legisladores, em seus círculos, ninguém sonha com distinções?

R - Porque não há motivo nenhum para isso.

P - Por que motivo não há, entre nós, vergonha por não fazer nada?

R - Isso não está claro: vergonha é ter maus feitos, e viver na sociedade não pressupõe fazer nada.

P - Por que motivo em nossa terra os projetos são iniciados com grande furor e impetuosidade e em seguida são abandonados e, quiçá, completamente esquecidos?

R - Pelo mesmo motivo que as pessoas envelhecem.

P - Em que exatamente consiste o caráter nacional?

R - No ácido e veloz entendimento de tudo, na fundamentada resignação e na raiz de todas as virtudes dos respectivos indivíduos.

P - Por que motivo, nos tempos antigos dos bufões, as classes não possuíam rugas nem galhofas, e hoje em dia possuem, precisamente, muitas?

R - Nossos antepassados não sabiam ler e escrever.

Tais respostas foram escritas pela própria imperatriz.

Sob a presidência de A.A. Nartov (1802-1813), a Academia publicou:

1 - Gramática Russa;

2 - Compêndios e traduções da Academia;

3 - Dicionário, publicado em ordem alfabética;

4 - Tradução dos Anais de Tácito;

5 - Tradução das Viagens do Jovem Anacharsis;

Em 1813, com a morte de Nartov, A. S. Chichkov¹⁸, que então vivia fora do país com o soberano imperador, é nomeado presidente da Academia Russa. Sob seu comando, a Academia publicou os seguintes livros:

1 - Notícias da Academia, onze livretos (1815-1823);

2 - Edições periódicas, 4 volumes (1829 - 1832);

3 - Notas curtas, três livretos (1834 - 1836);

4 - Sermões Críticos de Quintiliano (1834);

5 - Compêndio de composições e traduções de A. S. Chichkov, dezesseis volumes;

Atualmente, a Academia prepara uma terceira edição de seu dicionário, cuja disseminação se torna, hora após hora, mais obrigatória. Nossa maravilhosa língua, carregada por escritores ignorantes e leigos em arte, rapidamente caminha para o declínio. As palavras deformam-se, a gramática vacila. A ortografia, outrora uma língua heráldica, metamorfoseia-se pela força de todos e de cada um.

Nos passos do respeitável secretário, o reverendíssimo Filaret apresentou excertos dos manuscritos de 1073, redigidos para o grande príncipe Sviatoslav e conservados atualmente na biblioteca Sinodal de Moscou.

¹⁸ Aleksander Semionovitch Chichkov (1754-1841) foi um estadista russo, escritor e almirante, além de presidente da Academia Russa. Publicou o "Dicionário naval trilingue", o primeiro do gênero em russo. Era conhecido nos círculos como fervoroso defensor da eslavofilia, e por sua posição contrária a "empréstimos" de outras línguas. Por conta disso, era sempre objeto de deboches dos liberais. (N. do T.)

(...)

O infalível secretário leu o capítulo II do estatuto da Academia sobre as funções e obrigações da mesma, e o seguinte recorte do relatório de seu presidente, incumbido de supervisionar o mais importante projeto do estatuto:

“A Academia tem a guarda da língua, e por isso deve defendê-la com todas as possibilidades, no seu uso geral, e zelar contra todas as peculiaridades impróprias, o alheio, o ininteligível, o obscuro, os desconfortos estéticos, dirigidos a ela. E como aparelhos de defesa a ela devem constar o uso único da literatura fundamental, da submissão, da veracidade sem parcialidade, sem ataques nem indulgência, ao contrário daqueles escritos condenáveis em que, sob a análise do imaginário ignorante, preconceituoso, ou de malícia indigna e pródiga em elogios e injúrias mordazes, sem verdade e provas. Através destas ferramentas se encontram a dignidade no uso do gênero escrito”.

Assim, o respeitável membro M. E. Lobanov ocupou a reunião com a leitura de sua opinião “Sobre o espírito da literatura como estrangeira, assim como a nacional”. Tal opinião é digna de uma análise apropriada, tanto por sua substância, quanto pela importância do lugar onde ela foi expressa.

V. A. Polenov leu “Uma pequena descrição da vida de I. I. Lepehin”, primeiro ilustríssimo secretário da Academia Russa: artigo sensato, pleno, maravilhosamente pontuado, vernacular, verdadeiramente acadêmico.

Logo em seguida, os notáveis membros M. E. Lobanov, príncipe P. A. Chirinski-Chirmatov e B. M. Fedorov fizeram leituras, um após o outro, de compêndios de seus versos.

Finalmente, o príncipe Chirinski-Chirmatov leu o breve artigo escrito pelo senhor presidente sob o título “Algo sobre Karamzin”.

Seria impossível, sem algum sentimento relevante, escutar os sinceros e honestos elogios, prestados pelo orador ancião ao grande escritor... A propósito da ocasião, A. S. Chichkov fez menção à estadia de Karamzin em Tver no ano de 1811, onde vive a saudosa memória da grande soberana princesa Ekaterina Pavlovna, mãe do iluminado príncipe Oleg Oldenburgskii. É sabido que Karamzin lia na presença do finado soberano e de sua irmã alguns capítulos da “História do Estado Russo”. “Vos escutaste - escreve o historiador em sua dedicatória ao soberano - com maravilhosa atenção a mim, comparavam aqueles há muito finados com os atuais e não invejavam os célebres perigos de Dmitri, pois previam então para si ainda mais glórias”.

A estadia de Karamzin em Tver assinalou ainda mais uma circunstância, muito importante para os amigos de sua gloriosa memória, desconhecida, no entanto, por seus contemporâneos. Ao chamado da soberana grande princesa, as mulheres ergueram espetacularmente o espírito, e Karamzin escreveu seus pensamentos sobre “a antiga e a nova Rússia” com toda a sinceridade de uma alma maravilhosa, com todo o valor de sua crença, forte e profunda. O soberano leu essas páginas eloquentes... Leu e permaneceu como antes benevolente e emocionado com a retidão de seu súdito. Dentro de algum tempo seus descendentes iriam valorizar tanto a grandeza do soberano quanto a nobreza do patriota...

A sessão de 18 de janeiro do ano de 1836 será lembrada nos anais da Academia Russa.

2.4 Voltaire

Há algum tempo foi publicada em Paris a correspondência entre Voltaire e o presidente De Brosses¹⁹. Ela diz respeito à compra de terras, realizada por Voltaire no ano de 1758.

Toda a forma de costurar o acordo, feita pelo grande escritor, se torna um bem valioso para a posteridade. Nós examinamos com muita curiosidade os manuscritos, muito embora eles consistam em nada mais que fragmentos de um caderno de contabilidade, ou anotações ao alfaiate sobre costura. Involuntariamente, surpreendemos muito o pensamento de que a mão que escreve esses humildes números, essas palavras sem sentido, com a mesma letra e, pode até ser, com a mesma pena, é a mesma de onde se originaram grandes criações, que se tornaram assunto de nosso aprendizado e encantamento. Mas, parece, o Voltaire apresentado aqui consiste de um livro de anotações sobre a compra de terras, no qual cada página impõe uma risada e transmite o encanto das transações e dos títulos de propriedade do espirituoso e original panfleto. O destino de tão divertida compra nos apresenta igualmente divertido vendedor. O presidente De Brosses é um dos mais notáveis escritores dos últimos cem anos. Ele é conhecido por muitos compilados científicos, e o melhor de seus trabalhos nós tivemos a oportunidade de ler na carta escrita por ele da Itália de 1739 - 1740 e há pouco tempo publicada mais uma vez sob o título “L’Italie il y a cent ans²⁰”. Nestas amistosas cartas, De Brosses demonstra um talento incomum. A ciência da verdade, jamais sobrecarregada com pedantismo, pensamentos demasiadamente profundos, acidez

¹⁹Charles de Brosses, conhecido como Baron Montfalcon, Senhor de Pregny, de Chambezy, de Vezins e de Preussin. Foi magistrado, historiador, linguista e escritor francês. Nasceu em 17 de fevereiro 1709, em Dijon, e morreu em Paris, em de maio de 1777. De Brosses, presidente do parlamento do Dijon, foi um inimigo pessoal de Voltaire, que barrou sua entrada na Academia Francesa em 1770. (N. do T.)

²⁰ “Itália, há cem anos” é o título de um diário de viagem na Itália escrito por Charles de Brosses 1739-1740 e publicado pela primeira vez em 1799. (N. do T.)

jocosa, imagens negligentes em excesso, mas viva e divertida, coloca seu livro acima de tudo o que já foi escrito no mesmo gênero.

Voltaire, banido de Paris, obrigado a correr de Berlim, procurou abrigo à beira do lago Léman²¹. A fama não o salvou da inquietação. Sua liberdade não vinha sem perigos; ele temia por seu capital, distribuído a ele por diferentes mãos. O patrocínio de um pequeno mecenas da república não o alentava. Ele pretendia, de qualquer jeito, acertar suas contas com sua pátria e desejava (como ele próprio escrevia), ter um pé na monarquia e outro na república - de modo a poder transitar por ambos os meios, dependendo da necessidade. A localidade de Tournoy, que pertencia ao presidente De Broesses, chamou sua atenção. Ele conhecia o presidente como um sujeito leviano, pródigo, naturalmente interessado no dinheiro, e empreendeu com ele conversas através das cartas:

“Li com absoluto prazer tudo o que o senhor escreveu sobre a Austrália; mas permita-me externar aqui uma proposta, com relação à terra firme. O senhor é tal pessoa, a quem Tournoy haverá de trazer grande renda. Chuaye, vosso inquilino, já pensa em reduzir seu contrato. Não terias interesse em me vender vossas terras vitalícias? Eu tenho a ciência de que tal negócio não será lucrativo para mim; mas para o senhor ele será muito útil, e a mim será um prazer - tendo em vista as condições propostas - submeter-me a sua avaliação.

²¹O Lago Léman ou Lago Lemano, que se chama Lac Léman na França e na Suíça, mas que é conhecido em alguns países como Lac de Genève, é um lago situado na França e na Suíça. É o maior lago da Europa Ocidental. (N. do T.)

Obrigo-me a reconstruir, a partir dos materiais de seu histórico castelo, uma pequenina e aprazível casinha. Imagino que para isso tenha que empregar 25 mil livres²². Os outros 25 mil livres lhes serão pagos em dinheiro vivo.

Tudo o que retirar da terra, todo o gado, todos os instrumentos agrícolas que fornecer, lhe pertencerá. Caso eu morra sem ter tido tempo de terminar a casa, então ao senhor ficarão 25 mil livres nas mãos, e poderá terminar de construir da maneira que lhe for conveniente. Mas me esforçarei para viver ainda dois anos, de modo que o senhor terá ainda como dote uma bela e bem construída casa.

De minha parte obrigo-me ainda a viver não mais que quatro ou cinco anos nela.

Como contrapartida a tais condições, demandando poder agir em totais posses de vossos bens móveis e imóveis, licenças, gado e mesmo cônego, pelo exato mesmo tempo até que se conduza meu funeral. Se esta curiosa oferta lhe parecer vantajosa, então o senhor pode com apenas uma palavra confirmá-la por realidade. A vida é muito curta: os negócios não devem se prolongar.

Adiciono mais uma palavra. Reformei uma casa em Lausanne, além de outra chamada Lés Delices. Tanto uma quanto a outra agora custam duas vezes mais em relação ao preço anterior. O mesmo farei com a terra do senhor.

De qualquer forma, peço que essa proposta seja guardada em segredo.”

De Brosses não tardou em responder. Sua carta, como a de Voltaire, está repleta de inteligência e bom humor.

“Caso estivesse em sua vizinhança (escreve ele) na época em que o senhor se estabeleceu tão perto da cidade, então também estaria maravilhado com a beleza física

²² O livre foi uma antiga unidade monetária francesa utilizada de 1667 até 1795. O sistema monetário era dividido em 1 livre = 20 sous = 240 deniers. (N. do T.)

das margens de seu lago, eu então poderia cochichar ao seu ouvido que tipo de característica moral de morador eu exigiria, para que o senhor pudesse se estabelecer na França, por dois importantes motivos: em primeiro lugar, é necessário viver em sua própria casa, em segundo, não se deve morar na de outrem. Não pode imaginar a que nível essa república me leva a amar a monarquia... Eu então lhe proporia meu próprio lugar, caso ele lhe fosse interessante; mas meu lugar não possui sequer a honra de ser clássico; é simplesmente uma velharia. O senhor fez planos de devolver-lhe a juventude, tal como Mênnon; eu aprovo com veemência a sua proposta. O senhor não sabe, e pode ser que o senhor d'Argental²³ também tenha tal desejo. Demos início ao negócio.”

Aqui, De Brosses analisa uma a uma as condições propostas por Voltaire. Com algumas concorda, com outras contra-argumenta, lançando mão de sagacidade e sutileza, as quais Voltaire, ao que parece, não esperava receber do presidente. E isso instigou sua auto-estima. Ele então começou a usar de astúcia, de modo que as correspondências se tornaram ainda mais vívidas. Enfim, no dia 15 de dezembro, a compra foi concluída.

Essas cartas encerravam em si negociações com viés de barganha, além de outras nuances, escritas com a finalidade de fechar o negócio, e consistem na melhor parte da correspondência entre Voltaire e De Brosses. Ambos, um perante o outro, coqueteavam-se; ambos, momento após o outro, aproveitavam demandas de mercado para lançar mão de ironias das mais inesperadas e para julgamentos dos mais indiscretos sobre pessoas e acontecimentos contemporâneos. Nestas cartas, Voltaire revela-se Voltaire, ou seja, o mais amável dos interlocutores, enquanto De Brosses, um escritor

²³Charles-Augustin de Ferriol d'Argental (1700-1788) foi um embaixador francês conhecido por sua amizade com Voltaire, que o menciona - assim como a sua esposa - muitas vezes em suas cartas, os chamando de "meus anjos divinos". (N. do T.)

mais afiado, que originalmente descreveu a Itália em seu governo e hábitos, em sua vida artística e voluptuosidade.

Mas pouco tempo depois o acordo entre o novo proprietário da terra e o antigo foi rompido. A guerra, como em muitas outras, iniciou-se por motivos absolutamente sem importância. A derrubada de árvores incomodou o impaciente Voltaire; ele se indispôs com o presidente, e este acabou irritado com Voltaire na mesma medida. Imperativo notar como Voltaire era furioso! Ele já enxergava em De Brosses um inimigo, como Freron²⁴, como um grande inquisidor. Ele já pretendia arruiná-lo: “qu’il tremble! - exclamava ele, em fúria - *il ne s’agit pas de le rendre ridicule: il s’agit de le déshonorer*²⁵!”. Ele se queixava, chorava e rangia os dentes... E tudo isso por duzentos francos. De Brosses, por sua vez, não queria ceder ao furioso filósofo; em resposta a suas queixas, ele escreve a um conhecido ancião uma desdenhosa carta, exprobanda toda a sua audácia natural, aconselhando Voltaire a, num minuto de insanidade, livrar-se da pena, para que não se envergonhasse após recobrar os sentidos, e termina com o conselho do poeta romano Juvenal:

“mens sana in corpore sano”

Estranhos se intrometem nas rugas dos vizinhos. Um conhecido mútuo, senhor Riufe, empreendia esforços para levar razão a Voltaire, e lhe escreve uma cáustica missiva (a qual, acredita-se, lhe fora ditada pelo próprio De Brosses):

“O senhor teme tornar-se um enganador - diz o senhor Riufe -, mas dentre dois papéis este é o melhor... O senhor jamais teve qualquer litígio, e eles são devastadores, mesmo quando os vencemos... Lembre-se da ostra de Lafontaine e das cinco cenas do

²⁴ Louis-Marie Stanislas Fréron (17 de agosto de 1754 – 15 de julho de 1802) foi político, jornalista, membro da Assembleia Nacional e participante político ativo durante a Revolução Francesa. Era um dos mais notáveis inimigos de Voltaire. (N. do T.)

²⁵ Não é para fazê-lo ridículo, é para desonrá-lo. (N. do T.)

segundo ato de “Les fourberies de Scapin”, de Molière. Acima dos advogados, o senhor deve ainda evitar a ralé da literatura, a qual se deleitaria em atirar-se sobre o senhor...”

Voltaire extenuou-se e cedeu. Ele inflou-se longamente contra o teimoso presidente e este acabou sendo o motivo pelo qual De Brosses não foi aceito pela Academia (o que naquele tempo significava muito). Além de tudo, Voltaire ainda teve o prazer de viver mais do que o rival: De Brosses, cinco anos mais novo que os dois, morreu em 1777, um ano antes de Voltaire.

Apesar da quantidade de material reunido para a história de Voltaire (uma biblioteca inteira), e que revela um homem de negócios, capitalista e proprietário, ele ainda é pouco conhecido em sua totalidade.

“É importante perceber - escreve o editor em seu prefácio - como um predileto da Europa, interlocutor de Catarina, a Grande, e Frederico II, emprega suas últimas moedas no suporte à sua importância local. Importante também é ver como ele, vestindo um *caftan* de cerimônia, abandona seu título de nobreza, acompanhado por seus dois sobrinhos (os quais estão cobertos de brilhantes), como ele entreouve o discurso de seu sacerdote e como novos súditos o saúdam com tiros de canhão, tomados de empréstimo da república de Genebra. Gabel encontra em Voltaire um refinado e aguçado oponente. Ele pretende ser banqueiro em sua província. Então empreende-se na especulação. Ele possui sua corte, e os envia aos consulares suíços. E tudo isso o incomoda; ele inquieta-se sinceramente sobre tudo, com essa irritabilidade que lhe é exclusivamente peculiar. Ele esbanja ora habilidade de julgamento do advogado, ora a persuasão do procurador, mas também a artilosidade do comprador, as hipérboles do poeta, ou o ímpeto de um bom orador. Sua carta ao presidente sobre a briga na bodega em verdade remete à sua saída em defesa da família Calas”.

Em uma destas cartas nos deparamos com um desconhecido verso de Voltaire. Neles podemos notar uma leve impressão de seu inimitável talento. Eles descrevem um vizinho, que lhe enviou uma rosa:

Vos rosiers sond dans mes jardins,
Et leurs fleurs vont bientôt paraître!
Dous asile où je suis mon maître!
Je renonce aus lauriers si vains,
Qu a Paris j´aimais trop peut-être.
Je me suis trop piqué les mains
Aus épines qu´ils on fait naitre.

Reconhecemos o rococó de nosso gosto ultrapassado: nestes sete versos nós encontramos mais sílabas, mais vida, mais pensamentos do que em meia dúzia de longos poemas franceses, escritos no mesmo estilo, onde ideias são substituídas por expressões destroçadas. A língua clara de Voltaire é mais enfática que a língua de Ronsar, sua vivacidade é contrapartida àquela língua insuportavelmente uniforme, e seu espírito é superior ao cinismo provincial e à melancolia indolente.

Em geral, as correspondências de Voltaire com De Brosses nos apresentam ao criador de “Candide” em sua face mais dócil. Sua pretensão, sua fraqueza, sua empolgação infantil, tudo isso não prejudica nossa percepção sobre ele. Nós o perdoamos de coração e estamos prontos para seguir todos os movimentos de sua alma fogosa e sensibilidade inquieta. Mas o mesmo sentimento não aparece durante a leitura das cartas propostas pelo editor no final do livro, analisado por nós. Tais novas missivas

foram achadas em papéis do senhor De La Tush, ex-cônsul francês na corte de Frederico II (1752).

Nessa época, Voltaire não se dava bem com o *Salomão do Norte*, seu antigo seguidor. Maupertuis, presidente da Academia de Berlim, dispôs-se com o professor Konnig. O rei tomou o lado de seu presidente, enquanto Voltaire saiu em defesa do professor. Surgiu então uma obra apócrifa, sem o nome do autor, sob o título “Carta ao Público”. Nela reprovavam Konnig e ofendiam Voltaire. Este então retrucou publicando uma mordaz resposta nos jornais alemães. Passado algum tempo, a “Carta ao Público” foi reproduzida em Berlim, com a imagem da coroa, o cetro e a águia prussiana na folha de título. Voltaire somente então suspeitou de com quem ele havia imprudentemente discutido, e então passou a planejar uma sensata retirada. Ele viu nas atitudes do rei para consigo uma evidente mostra de esfriamento e teve um pressentimento. “Esforço-me para não crer - escreveu ele em Paris para d’Argental -, mas temo tornar-me semelhante a um marido corneado que faz de tudo para se convencer da fidelidade da esposa. O pobrezinho, em segredo, pressente sua queda!”. Apesar de sua humilhação, ele todavia não conseguiu conter-se para, mais uma vez, não provocar seus oponentes. Ele escreveu a mais cáustica de suas sátiras (*Diatribes du docteur Akakia*, 1752) e a publicou, extorquindo em troca a permissão do próprio rei.

As consequências disso são conhecidas. A sátira, por ordem de Frederico II, foi incinerada pelos carrascos. Voltaire retirou-se de Berlim, foi detido em Frankfurt pelos comissários de polícia prussianos, permaneceu preso por alguns dias e foi obrigado a entregar a Frederico os manuscritos da obra, que continha o poema satírico contra Ludovico XV e sua corte, até então impressa para poucos.

Toda essa história triste traz pouca glória à filosofia. Voltaire, durante todo o tempo de sua longa vida, jamais conseguiu resguardar seu próprio mérito, seu próprio valor. Na juventude, a reclusão na Bastilha, o banimento e a perseguição não conseguiram atrair à sua pessoa a compaixão e a simpatia que raramente são negados a um talento que vive em sofrimento. Couraça dos soberanos, ídolo da Europa, primeiro escritor de seu século, condutor da inteligência e da opinião contemporânea, Voltaire em sua velhice não atraiu respeito a seus cabelos brancos: os louros que lhe eram devidos foram diluídos na sujeira. A calúnia, perseguidora do reconhecimento, mas sempre aniquilada ante a face da verdade, a despeito da lei comum, para ele não desapareceu, portanto será para sempre verossímil. Ele não possuía autorrespeito e tampouco sentia necessidade de respeitar as pessoas. O que o arrastou a Berlim? Para que ele deveria trocar sua independência por uma graça caprichosa do monarca, que lhe era alheio e não tinha o menor direito de, ao fim, coagi-lo:

Por honra de Frederico II, digamos que era um rei autossuficiente e que a despeito de sua natureza extremamente maliciosa, não teria humilhado seu antigo tutor, não teria vestido o mais importante dos poetas franceses com roupa de bufão, não o teria traído para entretenimento de todos, caso o próprio Voltaire não tivesse se erguido em sua direção com tais opróbrios.

Até hoje acredita-se que Voltaire, por si mesmo, no ímpeto de sua nobre mágoa, devolveu a Frederico a chave de camareiro e a medalha prussiana, sinais incontestes de sua graça. Mas agora descobre-se que o próprio monarca havia pedido os bens de volta. Os papéis se invertem: Frederico indigna-se e ameaça, Voltaire chora e implora...

O que se depreende disso? Que o gênio possui suas fraquezas, que alegram a mediocridade, mas causam lamúrias aos corações nobres, fazendo lembrar a

imperfeição do ser humano; que o verdadeiro lugar para o escritor há de ser seu gabinete de estudos e que, por fim, independência e o autorrespeito sozinhos podem nos erguer sobre as moedas da vida e sobre as tempestades do destino.

2.5 Novos Livros

Sobre as obrigações do homem: compêndio de Silvio Pellico

Em alguns dias sai das prensas uma nova tradução do livro “Dei doveri degli nomini (sic)”²⁶, um compilado de textos do escritor Silvio Pellico.

Há um livro em que cada palavra pode ser interpretada, explicada e explorada nos quatro cantos da terra, aplicada a todas as circunstâncias possíveis da vida e dos acontecimentos terrenos, e do qual é impossível repetir uma expressão sequer que todos não saibam de cor, do qual não haja um provérbio popular. O livro não nos traz nada rigorosamente novo. Tal livro seria chamado de Evangelho - e é realmente como se fosse uma nova forma de encanto, de modo que nós, vistos com indiferença pelo mundo ou desalentados pela tristeza, por acaso o abrimos, e já sem forças para resistir a ele, nos entregamos com doce entusiasmo e afundamos com a alma em sua bela linguagem divina.

E não é em que vão nos reunimos para dizer algumas palavras sobre o livro do dócil mártir, e nos arriscamos a lembrar da divindade do Evangelho: pouco poderia ser

²⁶ Dei doveri degli uomini: discorso ad un giovane (Google eBook). Front Cover. Silvio Pellico. G. Bocca, 1834. Aqui, aparentemente, Púchkin comete um erro de grafia, trocando “uomini” (homens) por “nomini” (nomes). (N. do T.)

selecionado (mesmo dentre os primeiros pastores da igreja), que se aproximaria em suas criações artísticas da brandura da alma, da doce eloquência e da pueril simplicidade de coração dos sermões do celestial professor.

Nos últimos tempos o desconhecido autor do livro “Sobre a imitação de Jesus Cristo”²⁷, Fenelon²⁸ e Silvio Pellico, entraram para a selecionada esfera dos escolhidos, os quais o anjo de Deus saudou como *homens bem-aventurados*.

Silvio Pellico passou dez anos em diferentes calabouços e, ao ser libertado, publicou suas anotações. E a surpresa foi geral: esperava-se queixas, alimentadas pela amargura; recebeu-se reflexões sábias, interpretadas com uma clara serenidade, amor e bem-aventurança.

Confessamos nosso vão preconceito. Lendo tais anotações, de onde nenhuma vez se depreende da pena do prisioneiro uma expressão de impaciência, recriminação ou inveja. Involuntariamente, pressupomos alguma intenção oculta nessa infalível benevolência a tudo e a todos. Tal sobriedade nos pareceu arte. E maravilhados com o escritor, censuramos o ser humano por hipocrisia. O livro “Dei Doveri” nos envergonhou e nos presenteou com o segredo de uma alma maravilhosa: a alma de um homem cristão.

Após dizer qual livro nos lembrou o compêndio de Silvio Pellico, nada temos ou podemos adicionar ao nosso elogio.

Em um de nossos jornais, no artigo de um escritor de talento autêntico, a crítica, utilizando-se da confiança dos iluminados leitores, com admiração lemos as seguintes linhas sobre o livro de Silvio Pellico:

²⁷ “A Imitação de Cristo”, escrita pelo monge e escritor alemão Tomás de Kempis (1379-1471).

²⁸ François de Salignac de la Mothe-Fénelon (1651-1715), arcebispo católico francês, teólogo e poeta, autor das “Aventuras de Telêmaco”.

“Caso o livro ‘Obrigações’, de Silvio Pellico, não tivesse saído após o livro ‘Vida (Minha escuridão)’, teria nos parecido lugar comum, seco, uma lição de dogmas arbitrários. Teríamos passado sem dar-lhe a devida atenção.

Será possível que Silvio Pellico necessite de um mea culpa? Será possível que seu livro, completamente tomado de um amor caloroso, de um encanto inexplicável, de uma eloquência harmônica, pudesse parecer a quem quer que fosse, em qualquer situação, *seco* e friamente dogmático? Será possível que, se tivesse sido escrito no silêncio de Tebaida ou na biblioteca de seu filósofo, e não em uma escura e triste solitária, seria indigno de receber para si a atenção de homens dotados de talento no coração? Não é possível crer que tal tenha sido, em realidade, o pensamento do autor da “História da Vida”.

E isso já não é novo, isso já foi dito - eis aí uma das mais comuns acusações da crítica. Mas se tudo tiver sido dito, todo o entendimento, expressado e repetido, no período de cem anos: o que sobrarão disso? Que a alma do ser humano não será capaz de exprimir nada de novo? Não, não vamos nos prestar a essa infâmia. A razão é tão infinita na compreensão dos sentidos quanto a língua é inexaurível na união das palavras. Todas as palavras encontram-se no dicionário, mas os livros, que aparecem a todo momento, não são a essência desse léxico. *O pensamento* separadamente jamais apresenta algo de novo, os pensamentos, com efeito, podem ser variáveis até o infinito.

Como a melhor refutação da opinião da senhora Shevirieva, trago suas próprias palavras:

“Perdoem-no (o livro de Pellico) com a mesma medida da fé em que foi escrito, e haverão de entrar no mesmo mundo de obscuridade, dúvidas, desapontamentos, discórdia entre o coração e a razão no mundo da ordem e da compreensão. O sentido da

vida, a alegria há de mostrar pura e simplesmente. Somente encontre-se, reúna-se, espalhado entre cacos de paixões, vícios e caprichos - e então irá sentir em sua alma dois sentimentos que, com pesar, são muito raros nesta época: o de contentamento e o de esperança.”

2.6 Carta ao editor

Georgi Koniski²⁹, sobre o qual está publicado um artigo no primeiro número de “O Contemporâneo”, começa seus sermões sacerdotais seguidos por palavras notáveis:

“A primeira palavra que lhes dirijo, devotos ouvintes, povo de Jesus, decidi escrever sobre mim mesmo... Minha dívida, como os senhores mesmos podem ver, é docente, e professores bons e sem malícia ensinam a si mesmos antes de a todos; ao próprio ouvido, supostamente o mais próximo de todos, antes de tudo pregam, antes que ao dos outros.”

Na antessala da revista, onde nos reunimos para propagar a verdadeira crítica, o senhor procederia de forma extremamente irrepreensível caso diante de seu rebanho os assinantes expusessem sem aviso seus pensamentos sobre a obrigação da crítica e do jornalismo e trouxessem uma sincera confissão de suas fraquezas, inseparáveis da natureza do homem em geral, e do jornalista em particular. Afinal de contas, os senhores podem espalhar o exemplo do bem, colhidos pelos seus, e colocar em sua revista algumas repreensões sinceras, as quais chegam até minha cabeça à luz da leitura do primeiro número de “O Contemporâneo”.

²⁹ Arcebispo Georgi, batizado como Gregori Iosifovich Koniski, (1717-1795). Foi bispo da Igreja Russa Ortodoxa e um dos mais respeitados filósofos, pedagogos e personalidades da época. (N. do T.)

O artigo “Sobre o movimento da literatura de jornal”, com muita justiça, chamou muita atenção para si. Os senhores conseguiram expor espirituosa, direta e sinceramente uma totalidade de muitas legítimas observações. Mas, admito, o artigo não corresponde àquilo que esperávamos do direcionamento, o qual em algum tempo será para o senhor sua crítica. Lendo atentamente este deveras confuso artigo, ainda com mais clareza pude perceber um endurecimento contra o senhor Senkovski. De acordo com sua opinião, toda a nossa literatura gira em torno da “Biblioteca para leitura”. Todos os outros periódicos são publicados apenas em consideração a ela. “A Abelha do Norte” e “O Filho da Pátria” são apresentados apenas como uma forte retaguarda, para fortalecer a “Biblioteca”. “O Observador de Moscou”, de acordo com as palavras dos senhores, foi formado apenas com a intenção de duelar contra a “Biblioteca”. Ele até mesmo foi vítima de uma forte censura por causa de seus ataques, que se restringiram a apenas dois pequenos artigos; na verdade, segundo os senhores, estes nem sequer deveriam ter sido iniciados ou, caso fossem, não deveriam ter sido postos de lado. “O Incentivador da Literatura”, “O Telescópio” e “O Rumor” foram elogiados pelo senhor por se colocar em oposição à “Biblioteca”. Confesso que isso assombrou àqueles que esperaram impacientemente o surgimento de seu periódico. Será possível, disseram, que o objetivo do “O Contemporâneo” é seguir pelas imposições da “Biblioteca”, atacá-la inesperadamente e duelar encarniçadamente com ela pelos assinantes? Espero que tais receios sejam falsos e que “O Contemporâneo” escolha para si um círculo de relações mais profundo e gratificante...

A sua acusação, em relação ao senhor Senkovski, é restringida pelos seguintes pontos:

- 1 - O senhor Senkovski acabou de assumir, extraordinariamente, o departamento de críticas no jornal publicado em nome do editor de livros Smirdin;
- 2 - O senhor Senkovski repassa as matérias a ele encaminhadas para serem encaixadas na “Biblioteca”;
- 3 - O senhor Senkovski, em seus juízos críticos, nem sempre mantém o tom de severidade e imparcialidade;
- 4 - O senhor Senkovski não emprega pronomes como cujo e aquele;
- 5 - O senhor Senkovski possui cerca de cinco mil assinantes.

Os dois primeiros pontos de acusação são relativos à disposição particular, por assim dizer, do editor de livros Smirdin e não interessam ao público. Não compreendo porque, afinal, isso interessa ao severo tom da crítica, como se pode falar sem uma brincadeira sobre algumas das obras da literatura nacional. O público demanda uma resposta sobre tudo o que foi publicado. Será possível ao jornalista ser preciso ao observar o exato tom em relação a todos os livros escolhidos por ele? A diferença é que criticar “A História do Estado Russo” e romances do senhor*** e de outros críticos, esforçando-se para ser sempre justo, cortês e profundo, é, sem dúvida, pecar contra a decência. Nos círculos os senhores atingem os colegas com os cotovelos e pedem desculpas: muito bem; mas e se estiverem passeando sob os balanços e encostarem naqueles que estão sentados nos banquinhos e não disserem “*mille pardons*”?³⁰ O senhor diria: para que andar esbarrando nos balanços? Para que mencionar livros aos quais não cabe nenhuma atenção? Mas se esse mesmo público demanda isso

³⁰ “Isto me custa tão pouco e me dá tanto prazer”, ditado francês.

urgentemente, qual o motivo para não satisfazê-lo? *Cela vous coûte si peu et leir fait tant de plaisir!* Sim, permita saber o que significa, em sua análise, o almanaque “Minha nova morada”, o qual os senhores tão alegremente compararam com um gato esquelético, miando no telhado de uma casa abandonada? A comparação é deveras engraçada, mas não vejo nela nada de relevante. *Medico-me, curo-me sozinho!* Admito que algumas das mais divertidas análises que apareceram na “Biblioteca para leitura” deixaram-me indizivelmente entretido, e para mim teria sido uma enorme pena se o crítico referido tivesse preferido guardar tão majestoso silêncio.

As piadas do senhor Senkovski a respeito dos inocentes pronomes *cujo*, *cuja*, *aquele* e *aquela* - não são nada mais que piadas. Por vontade própria, ele próprio já foi a público dizer que alguns escritores fazem emprego das partículas sem nenhum valor. Será que é possível que a língua escrita seja perfeitamente equivalente à oral? Não, de forma que a língua oral nunca pode se equiparar à língua escrita. Sequer um *cujo* ou *aquele*, um particípio, uma enorme quantidade de palavras indispensáveis às publicações fogem das conversas. Nós não dizemos “a carreta deslizante pela ponte, o criado arrumador de quartos”. Nós dizemos “que desliza pela”, “que arruma o”, etc., substituindo o particípio por uma variação expressiva, ainda que de menor expressão. E daí também não é necessário depreender que o particípio deva ser abolido da língua russa. Quanto mais rica em expressões e revoluções é a língua, melhor para o artista da palavra. A língua escrita revigora-se a cada minuto com expressões nascidas a partir da oralidade, mas não deve privar-se da aquisição de novidades com o passar dos séculos. Escrever somente na língua oral, ou em uma única língua, é o mesmo que não saber a língua. Mas o senhor comparou injustamente a tendência do uso de *cujo* e *aquele* com o emprego de “i” e do “v” na ortografia da língua russa e inutilmente desassentou as cinzas de Trediakóvski, que jamais entrou em celeuma com ninguém por estas letras. Os

estudos do professor, que tinha o desejo de transformar nossa ortografia, partiram exclusivamente de si, sem exemplos prévios. Observo, superficialmente, que a ortografia do senhor Kachenovski não é notícia da qual se deva ocupar, mas há muito já existe e é discutida em nossos sagrados livros. Qualquer homem de letras que tenha recebido uma educação clássica tem por obrigação saber tal código, ainda que não siga por ele.

No que tange o último ponto, ou seja, aos cinco mil assinantes, então permita-me manifestar um sincero desejo de que no próximo ano o senhor possa oferecer exatamente a mesma acusação.

Admita que seu ataque ao senhor Senkovski não é de todo fundamentado. Muitos de seus artigos que passaram despercebidos pela sua atenção teriam direito a ocupar um lugar nos melhores jornais europeus. Como demonstração disso, no que toca ao Oriente, devemos dar-lhe crédito como uma pessoa não-iniciada. Ele publica a “Biblioteca” e com sagacidade e precisão impressionantes, que não nos foram ensinadas pelos ilustres jornalistas russos. Nós, humildes provincianos, lhe agradecemos pela gama variada de artigos, pela plenitude de livros, pelas muitas notícias frescas da Europa, e mesmo por um panorama do universo literário. Lamentamos que muitos literatos, amados e respeitados por nós, tenham declinado de participar das publicações do senhor Smirdin, e temos a esperança de que o “O Contemporâneo” nos ajude a preencher essas lacunas, e desejamos que ambos os jornais não se esforcem por causar danos um ao outro, mas que atuem, cada um por si, para o consumo de todos e a satisfação do ávido público.

Dirigindo-se à “Abelha do Norte”, os senhores a acusam de encaixar um punhado de notícias e anúncios sem análise em seu editorial. Mas como poderia

proceder de forma diferente? “A Abelha do Norte”, como jornal, obtém seu financiamento exatamente dos anúncios, das notícias e assim por diante. Os jornais ingleses, cujo número de assinantes pode chegar a 15 mil, compensam seus gastos com a publicação apenas com os anúncios impressos. Não é por eles que “A Abelha do Norte” deveria envergonhar-se, mas pela utilização de artigos entediantes com a assinatura “F. B.”, os quais (sem menosprezo ao gosto dos pobres provincianos) já tiveram sua qualidade há muito tempo avaliada. Estejam certos de que nós, com extremo desgosto, vemos que os senhores jornalistas pensam em nos dirigir artigos moralizadores, lançando mão dos mesmos argumentos infantis e chistes asquerosos que foram dirigidos à “Abelha do Norte”, possivelmente, como herança da “Laboriosa Abelha”.

Tudo o que os senhores falam sobre “O aumento para os inválidos”, em geral é justo. O editor deixou pegadas indeléveis no campo da polêmica e até hoje atua com indiscutível sucesso. Lembramos de “Camaleonística”, uma série de artigos no gênero clássico. Mas permita-me ressaltar que há um elogio ao senhor Voeikov exatamente pelo mesmo motivo pelo qual indigna-se com o senhor Senkovski. Por uma análise espirituosa que sequer merece ser categorizada como divertida.

Lamento que o senhor, ao falar sobre “O Telescópio”, não mencione o senhor Belínski. Ele demonstra talento e desperta grande esperança. Caso sua opinião fosse dirigida com imparcialidade e de forma original, poderia acrescentar-lhe mais erudição, mais ciência, mais respeito à dedicação, mais prudência e, literalmente, mais maturidade, de modo que poderíamos proporcionar-lhe uma crítica plenamente notável.

Falando sobre a indiferença dos jornalistas para com os importantes acontecimentos da literatura, o senhor cita a morte de Walter Scott. Mas a morte de

Walter Scott não é um fato literário e sobre seus romances tudo já foi satisfatoriamente abordado, com e sem propósito.

O senhor afirma que nos últimos tempos ficou clara a indiferença do público pela poesia, que este caça romances e contos de semelhante interesse. Mas a poesia não seria sempre um deleite para alguns poucos escolhidos, porquanto praticamente todos no mundo lêem prosas e romances? E para onde foi varrida toda a indiferença, afinal? E seria possível fazer censuras aos nossos poetas se não tivessem com o que se ocupar, a não ser com o desinteresse do público? Derjavin lançou três edições; entreouve-se que prepara a terceira. Na folha de título da obra de Krilov (publicada no ano passado) está estampado: trinta mil. Novos poetas, Kukolnik e Benediktov, seriam recebidos com êxtase. Kolsov trouxe para si uma atenção em geral favorável... Onde é que há aqui um público indiferente à poesia?

O senhor reprova nossos jornalistas por aquilo que eles não nos disseram: quem foi esse tal Walter Scott? O que é essa tal literatura francesa contemporânea? O que é “o nosso público”? O que são “os nossos escritores”?

Em realidade, as respostas são completamente curiosas! Temos a esperança de que os senhores as recebam, finalmente, e que evitem, em sua crítica, todas as imperfeições, tão fortes e tão honestamente analisadas no artigo, o qual nós nos damos o direito de entender como programático de vosso jornal.

2.7 Sobre a História da Rebelião de Pugatchiov

(Análise do artigo publicado no “Filho da Pátria” em janeiro de 1835)

Alguns dias atrás, após a publicação da “História da Rebelião de Pugatchiov”, surgiu no “Filho da Pátria” uma análise deste livro. Eu honrei minha obrigação de lê-lo com atenção, na esperança de assimilar as impressões de um desconhecido crítico. Na verdade, ele me apontou uma incorreção e três importantes erros de impressão. O artigo me pareceu o trabalho de um homem possuidor de pouco conhecimento obre o assunto escrito por mim. Eu planejava corrigir as imperfeições apontadas em outra edição, justificar-me das acusações injustas e levar minhas sinceras manifestações de agradecimento ao crítico, ainda mais tendo em vista que sua análise fora escrita com o máximo possível de comedimento e benevolência.

Não faz muito tempo, na “Abelha do Norte”, foi dito que tal análise fora elaborada pelo finado Bronevski, autor de “A História do Exército do Don”. Isso me levou a reconferir sua crítica e contra argumentá-la em minha revista, sobretudo levando-se em consideração que “A História da Rebelião de Pugatchiov”, não obtendo qualquer sucesso de público, em verdade, provavelmente não terá uma nova edição.

No início de seu artigo, o crítico, expressando lamento por a “A História da Rebelião de Pugatchiov” ter sido escrita lentamente, friamente, secamente, e não com o pincel flamejante de Byron e assim por diante, admite que o livro “é matéria de incalculável valor e que ao futuro historiador, sem tal subsídio e ainda com dúvidas sobre Pugatchiov, será fácil corrigir eventuais invenções poéticas, descuidos insignificantes, e dar ao material morto uma vida nova e brilhante”. A propósito disto, o

senhor Bronevski nota que tais incorreções e imperfeições poéticas “não são tribunal para julgamento do autor, mas estritamente para uso da ciência, desta e do uso comum”. Procedamos, então, à análise de cada passo de nosso crítico.

Crítica do senhor Bronevski:

“Em tal rio (Iaik), - diz o senhor Púchkin - no século XV apareceram os cossacos do Don”.

A base para a confirmação de tal fato vem da “História dos Cossacos do Ural”, do senhor Levchina deve ser suficiente para convencer o autor de que os cossacos do Don chegaram ao Iaik no século XVI, mais precisamente no ano de 1584, e não no XV.

Explicação:

Há uma diferença entre a aparição de cossacos no Iaik e o estabelecimento destes em tal rio. Nas crônicas russas faz-se menção aos cossacos não antes do século XVI; mas a crença popular pode ter preservado o que a crônica não mencionou. Nossa história menciona os tártaros no século XIII, mas os tártaros já existiam desde muito antes. O senhor Levchin indubitavelmente provou que os cossacos se estabeleceram no Iaik não antes do século XVI. Sobre esse tempo deve-se reiterar a existência de lendas semifabulosas. O senhor Levchin, refutando Richkov, pergunta: como seria possível que ela (Гугниха) se lembrasse de fatos acontecidos praticamente mais de cem anos anteriores ao seu nascimento? Respondo: da mesma forma que nós nos lembramos de eventos do tempo da imperatriz Anna Ioanova: pela tradição popular.

Crítica do senhor Bronevski:

Todo o primeiro capítulo, empregando-se do prefácio à “História da Rebelião de Pugatchiov” como breve excerto da obra do senhor Levchina, não possuía, como pensamos, qualquer necessidade de estar no enorme comentário a este capítulo (26 páginas em letras miúdas), o qual consiste em praticamente todo o pequeno livreto do senhor Levchina. Livreto este que não é nem tão antigo, tampouco tão raro, que não se possa comprar facilmente. Por este motivo o respeitável autor poderia e deveria limitar-se a apenas uma pequena indicação, de onde o primeiro capítulo por ele fora copiado.

Explicação:

Toda a compreensão sobre as direções dos cossacos do Iaik, sobre sua forma de vida e muito mais são indispensáveis para a compreensão da rebelião de Pugatchiov. E por este motivo é indispensável um enorme (ou seja um minucioso) prefácio ao primeiro capítulo de meu livro. Eu não vi nenhum motivo para recontar, à minha maneira, aquilo que já havia sido melhor escrito, como nunca antes, pelo senhor Levchina, o qual, por sua benevolência e indulgência, não somente me permitiu utilizar seu trabalho como ainda deixou-me o seu livro, que se fez extremamente raro.

Crítica do senhor Bronevski:

“É sabido - diz o senhor Púchkin - que, na corte de Anna Iovanovna, Ignati Nekrasov teve tempo de levar consigo uma grande quantidade de cossacos do Don para a Turquia”

Os “Nekrasovianos” fugiram do Don para Kuban com a corte de Pedro, o Grande, na época da rebelião de Bulavinski, no ano de 1708, conforme “A História dos Guerreiros do Don”, “A História de Pedro, o Grande”, de Bergman, e outros.

Explicação:

Que Bulavin e Nekrasov se rebelaram em 1708 é indiscutível. E indiscutível é também o que se seguiu, que o segundo deixou o Don e se estabeleceu em Kuban. Mas não há registros de que ele não tenha podido partir com seus correligionários, na época da imperatriz Anna Iovanovna, para a Turquia, na praia de Dunai, onde atualmente encontra-se um povoado de “Nekrasovianos”. Na história de Pedro I, a última menção a eles data de 1711, durante as negociações sobre Prut. Os “Nekrasovianos” gozam da proteção do Canato da Crimeia (para grande desgosto de Pedro I, que exigia o retorno dos fugitivos e a punição de seus líderes). Confiando nos fatos do manuscrito “Dicionário Histórico”, elaborado pelos eruditos e diligentes editores de “Dicionário dos Santos”, eu acreditei que os “Nekrasovianos” viajaram de Kuban até Dunai no tempo das missões do conde Minih, ao mesmo tempo em que os “zaporojies” declararam mais uma vez a soberaneidade do estado russo. Mas esta punição não é justa: os “Nekrasovianos” deixaram Kuban significativamente depois, exatamente no ano de 1755. O senhor Bronevski (autor de “História do Exército do Don”) não sabe dos próprios detalhes de seu livro. De todo modo, estou realmente grato a ele pelas sensatas anotações, que me permitiram fazer novas e bem-sucedidas pesquisas.

Crítica do senhor Bronevski:

“O ataman Efriemov foi substituído e para seu lugar foi escolhido Semion Silin. Foi enviada a ordem a Tcherkassk de incendiar a casa de Pugatchiov... A soberana não deu sua aprovação, a pedido de seus comandantes, de transferir a capital para outro lugar, embora isso tenha sido menos vantajoso; ela concordou apenas em renomear a capital Zimoveiskaia para Potemskinskaia.”

No ano de 1722, o ataman do exército Stepan Efriemov, por ocasião da não transmissão de relatórios sobre importantes gastos, foi preso e enviado para uma fortaleza. Em seu lugar foi escolhido, dentre os suboficiais, como ataman-substituto, Aleksei Ilovaiski. Silin não foi ataman militar do Don. Da história do Don não há relatos de que o poder tenha ordenado que se incendiasse a casa de Pugatchiov. Está registrado apenas que, a pedido do comando do Don, a capital Zimoveiskaia fosse transferida para um lugar mais confortável e chamada de Potemskinskaia. Conforme “História da Guerra no Dom”.

Explicação:

Nos anos de 1773 e 74 o ataman militar do exército do Don era Semion Sulin (e não Silin). Ilovaiski fora escolhido para seu lugar. Eu tinha em mãos mais de 15 decretos sob o nome do ataman militar Semion Sulin e outros tantos relatórios do ataman militar Semion Sulin. No “Inválido Russo” do corrente ano de 1836 estão escritos alguns relatos do coronel Platov ao ataman militar Semion Nikititch Sulin,

durante o cerco a Silistria, no ano de 1773. É verdade que, na “História da Guerra do Don” (composição de meu crítico) não há menção a Semion Sulin. Tal omissão é importante e, lamentavelmente, não é a única em seu livro.

O senhor Bronevski da mesma forma injusta contesta o meu relato, de que foi enviado desde São Petersburgo uma ordem para que a casa e os bens de Pugatchiov fossem incendiados, baseado mais uma vez no seu “História da Guerra do Don”, onde a propósito tal circunstância mais uma vez não é mencionada. O decreto, escrito em nome do ataman Sulin, foi emitido em 10 de janeiro de 1774 (a sentença de Pugatchiov foi executada exatamente um ano depois, em 10 de janeiro de 1775). Eis as próprias palavras do decreto:

“A propriedade de Em. Pugatchiov, seja qual for a circunstância em que se encontra, pior ou melhor, e ainda que esteja caindo aos pedaços, possui o exército do Don, ao receber do uber-comandante da fortaleza de São Dmitri, oficial do Estado Maior, tendo reunido os sagrados membros, anciões e moradores assimilados do povoado cossaco, ante a todos eles incendiar, e naquele local através do carrasco ou carcereiro dispersar as cinzas. Depois este mesmo local entrincheirar um fosso, deixando assim para toda a eternidade o local inabitado, e caso haja profanação ao domiciliado neste local, toda punição seja feroz e torturante, para lembrar a ascensão do maligno, cujo nome permanecerá na infâmia pelos séculos, em especial para a sociedade do Don”.

Eu tive em mãos o relatório de Sulin sobre o exato momento da execução da sentença (de outra forma não poderia ser). Neste mesmo relatório, Sulin, em nome dos moradores da capital Zimoveiskaia, pede permissão para transportar os moradores da terra, envergonhada pela presença do maligno, a um outro lugar, embora seja esta

menos favorável. Ele não obteve resposta, mas em todos os mapas é visto que a capital Potiomkinskaia encontra-se exatamente no mesmo lugar onde antigamente estava Zimoveiskaia. Deste fato eu retiro a conclusão de que a soberana não concordou com a aplicabilidade do documento que não lhe era favorável e apenas renomeou a capital Zimoveiskaia para Potiomkinskaia.

Crítica do senhor Bronevski:

O autor não comparou o depoimento da esposa de Pugatchiov com o seu próprio. É claro que o testemunho da mulher não poderia ser fidedigno: ela, é claro, não poderia saber tudo e, obviamente, não revelou tudo o que sabia. A própria confissão de Pugatchiov, de que ele se escondera na Polônia, deveria corroborar a do ataman do povoado cossaco, Trofim Fomin, na qual está dito que, caso Pugatchiov tivesse se ausentado de casa em diferentes períodos, teria se alimentado de esmolas!! E no ano de 1771 esteve em Kum. Mas no início do ano de 1772 Pugatchiov estava no Iaik com um passaporte polonês falso, documento com o qual ele não conseguiria entrar em Kum.

No Dom, segundo a tradição popular, Pugatchiov ocupou-se da Guerra dos Sete Anos, segundo a tradição familiar, no Volga, em Kum e próximo a Kialiar; próximo da Primeira Guerra Turca escondeu-se perto da Polônia. Diziam que, em tempos de paz, de vez em quando ficava em sua casa por um curto período de tempo. Com frequência realizava roubos e furtos nos arredores das terras do Don, perto de Dankov, Taganrog e Ostrojsk.

Explicação:

Meus depoimentos foram extraídos de documentos oficiais e incontestáveis. Meu crítico, exprobando-me de inconformidades, não comprova de que estas consistem. Do depoimento da esposa de Pugatchiov, do ataman do povoado cossaco Fomin e, por fim, do próprio impostor, ao final (e não ao início) do ano de 1772, é depreendido que ele foi liberado do exército para ir ao Dom, por motivo de doença; que no final do mesmo ano conseguiu fugir após ser detido por uma discussão infame e voltou em segredo para casa no início do ano de 1772, tendo sido novamente capturado e tornado a escapar. Aqui terminam os testemunhos recolhidos pelo governo no Don. O próprio Pugatchiov mostrou que, durante todo o ano de 1722, errava pela fronteira polonesa e chegou de lá no Iaik, alimentou-se de esmolas (o qual Fomin não menciona nenhuma vez). O senhor Bronevski, ao assinar sua última declaração, sublinha a palavra esmola e usa muitos pontos de exclamação (!!); mas o que há de surpreendente em um mendigo pedir esmola? Senhor Bronevski, evitando o trabalho de cotejar minhas declarações com os documentos expostos em “A História da Rebelião de Pugatchiov”, não leu ainda o manifesto sobre os atos criminosos de Pugatchiov, nos quais está explicitamente dito que ele se alimentou de doações.

O senhor Bronevski, desmentindo o testemunho da esposa de Pugatchiov, o documento do ataman substituto Fomin e notas oficiais publicadas, escreve que no início do ano de 1772 Pugatchiov estava em Iaik com um passaporte polonês falso, que o impedia de ir até Kum. Pugatchiov, no início de 1772, esteve em Kuban e no Don. Ele foi até Iaik no final daquele ano não com um passaporte polonês falso, mas com um russo, que lhe fora dado por uma autoridade, enganada por ele no posto avançado de Dobriansk. O caso, ouvido pelo senhor Bronevski, de que Pugatchiov, por costume dos antepassados, teria realizado os roubos no Volga, em Kum e perto de Kizliar, não tem comprovação ou desmentido embasado em nenhum documento oficial. Pugatchiov era

suspeito de roubo (conforme documentos de Fomin), mas não teria participado de nenhum saque durante a guerrilha de Iaik.

O senhor Bronevski, ao duvidar de documentos indubitáveis, tinha como intenção, parece, dar veracidade aos seus próprios, incluídos por ele na “A História do Exército do Don”. Lá está dito que a natureza dotou Pugatchiov com uma vivacidade fora do comum e destemida coragem, força física e rigidez na alma. Mas que, infelizmente, faltava-lhe a qualidade melhor e mais desejada - a virtude. E que seu pai fora morto em 1739; que Pugatchiov, aos doze anos, orgulhando-se de sua solidão e de sua liberdade, com audácia e auto-suficiência convocava outros meninos de sua idade para lutas e atacava sempre sem medo, sempre os derrotava. Que em uma destas diversões, matou o líder de seus oponentes; que ele, aos quinze anos, já não tolerava qualquer governo. Que aos vinte anos já se sentia apertado e sufocado na terra de seus antepassados; que a ambição o torturava, e como consequência disso ele certa vez sentou no cavalo e partiu em busca de aventuras em campo aberto; que ele dirigiu-se ao oriente, chegou ao Volga e viu uma grande cidade. Que, tendo encontrado quatro homens destemidos, começou a roubar e furtar junto com eles. Que, possivelmente, ele cometia furtos somente em tempos de paz, mas que em tempos de guerra servia nos regimentos cossacos; que o general Tottleben, durante a Guerra Prussiana, ao ver certa vez Pugatchiov, disse aos militares que o cercavam: “Quanto mais vejo esse cossaco, mais me convenço da semelhança entre ele e o grão-príncipe”. Tudo isso carece de fundamentos e foi “emprestado” pelo senhor Bronevski do fraco romance alemão “O Falso Piótr III”, que não obteve qualquer atenção do senhor Bronevski. O senhor Bronevski, ao tentar me acusar de invencionices poéticas, também procedeu de forma imprudente, repetindo em seu “História...” mentiras absurdas.

Crítica do senhor Bronevski:

“Chugaev, pensando em conseguir seu perdão, prendeu Pugatchiov e Holopucha e enviou ao governador de Orenburg o comandante Loginov com uma proposta de entrega do impostor.” Mas no que foi exposto aqui como observação de número 12, o autor diz que tal testemunho de Richkov é inverossímil, pois Pugatchiov e Chigaev, após a fuga dos arredores de Orenburg, voltaram a agir em conivência.

Se o testemunho de Richkov é inverossímil, então não deveria ter sido exposto no texto. Caso Tchigaev pensasse em trair Pugatchiov apenas em uma situação extrema, então isso circunstancialmente não o impediria de agir em conivência com Pugatchiov, pois o infortúnio ainda não aconteceu. Ao historiador, no entanto, pareceu difícil confrontar documentos contraditórios e depreender deles as consequências. Mas isso era obrigação sua, não dos leitores.

Explicação:

Extraio as palavras exatas do texto e as observações sobre elas:

“Após a batalha por Tatisheva, Pugatchiov com 60 cossacos, abriu caminho entre o exército adversário e conseguiu chegar rapidamente aos subúrbio de Berdskaja com a notícia de sua derrota. Os rebeldes começaram a fugir de Berda da forma que lhes era possível. Na carreta foram empilhados os bens roubados. Mulheres e crianças

seguiam andando. Pugatchiov ordenou que as garrafas de vinho que sobraram em sua casa fossem quebradas, receando bebedeiras e confusão. O vinho inundava as ruas. Enquanto isso Tchigaev, vendo que tudo estava se perdendo, imaginou que pudesse conseguir seu perdão e, prendendo Pugatchiov e Hlopusha, enviou uma mensagem ao governador de Oremburg com a proposta de entregar-lhe os reféns, combinando inclusive um sinal: dois tiros de canhão, caso a oferta fosse aceita.

Observação: Richkov escreve que Tchigaev exigiu falar com Pugatchiov. O documento não é verdadeiro. Veremos que Pugatchiov e Tchigaev foram cúmplices algum tempo depois da fuga dos arredores de Oremburg.”

Tchigaev, um sujeito astuto e sagaz, poderia prender o ingênuo proponente sob qualquer pretexto, mas imagino que ele não os tenha contatado. Pugatchiov não teria permitido isso.

Crítica do senhor Bronevski:

Na página 97. “Ufá foi libertada. Mihelson, cujo paradeiro era desconhecido, partiu para Tibinsk, onde, após o assunto Chesnokovski, chegou rapidamente Ulianov e Chika. Ali, eles foram capturados por cossacos e entregues ao vencedor, que os enviou, humilhados, a Ufá”. Na nota 16-M (página 51), pertencente ao mesmo capítulo V, é dito exatamente o contrário. Exatamente: “Por ocasião de sua derrota, Chika e Ulianov pernотaram na usina de cobre. O feitor os recebeu e, após embriagar-se, à noite contatou e apresentou-se a Tobolsk. Mihelson de 500 rublos à esposa do feitor, que teria dado o conselho de embriagar os fugitivos.”

O local do acontecimento foi os arredores de Ufá. E por isso o feitor não teve como enviar os criminosos a Tobolsk, localizado a 1145 versts de Ufá.

Explicação:

Caso o senhor Bronevski se esforçasse para olhar atentamente ao texto, então ele nesse momento corrigiria o erro de grafia que há na anotação. No texto está dito que Ulianov e Chika foram entregues a Mihelson em Tabinsk (e não Tobolsk, que localiza-se de veras longe de Ufá, e não em Tibinsk, que não existe).

Crítica do senhor Bronevski:

“Aos soldados começaram a distribuir apenas 4 libras de farinha por dia, ou seja, 10 vezes menos do que o normal”. Página 100.

O soldado recebe, por dia, duas libras de farinha, ou três libras de pão. Pelo demonstrado acima depreende-se que os soldados, na época do cerco, ganhavam duas vezes a porção média, ou que toda a guarnição consistia de 20 homens. Aqui algo não está certo.

Explicação:

Evidente erro de impressão: onde se lê quatro libras, entenda-se um quarto de libra, que consiste em aproximadamente um décimo da porção habitual, duas libras de pão. Veja o artigo “Sobre o cerco à fortaleza de Iaik”, de onde foi retirada essa circunstância. Ou nas próprias palavras do desconhecido narrador: “Aos soldados

começaram a distribuir apenas um quarto de libra de farinha por dia, que consiste na décima parte da porção habitual”.

Crítica do senhor Bronevski:

Na nota 18, página 52, é dito que a defesa da fortaleza de Iaik havia sido estabelecida, de acordo com uma notícia publicada no jornal “Notas pátrias” e com o diário do general Simonov. Como o autor já tomou como regra utilizar na íntegra todos os elementos de onde ele tira suas informações, então vale explicar como o diário de Simonov, em nenhum lugar publicado, foi merecedor de ser encaixado na íntegra em suas anotações, exatamente como Richkov - sobre o cerco de Oremburg e o arquiimandrita Platão - sobre o incêndio de Kazan.

Explicação:

Eu não poderia inserir todos os atos de onde retiro informações. O livro consistiria em mais de uma dezena de volumes. Devo me limitar àquilo que for interessante.

Crítica do senhor Bronevski:

Na página 129 “Mihelson, após entregar Pugatchiov, apressou-se direto para Kazan e na noite do dia 11 de julho estava a apenas 15 verstras da cidade. À noite seu grupo pôs-se em movimento. Pela manhã, a 45 verstras de Kazan, ouvia-se tiros de canhões...”. Pequena desatenção!

Explicação:

Importante desatenção: em vez de a 15 verstras, deveria-se ler a quinze.

Crítica do senhor Bronevski:

“Pugatchiov descansou por alguns dias em Sarept, e de lá enveredou para o sul, para Chiorni Iar. Mihelson seguia em seu calcanhar. Finalmente, em 25 de agosto, no nascer do dia, ele alcançou Pugatchiov a mais ou menos quinhentas verstras de Tsarisino. Pugatchiov, derrotado pela última vez, fugiu e a setenta verstras do local do combate cruzou o Volga acima de Tchiórnoiarsk”

A partir dessa descrição fica óbvio que Pugatchiov cruzou o Volga a 175 verstras abaixo de Tsarisino, no entanto entre esta cidade e Tchiórnoiarsk contam-se apenas 155 verstras, logo pode-se depreender a partir disso que ele navegou pelo Volga abaixo de Tchiórnoiarsk em 20 verstras. De acordo com outras fontes de notícias, o último golpe dado em Pugatchiov foi próximo a Tsarisino, de onde ele fugiu pelo caminho a Tchiórnoiarsk, e às 45 verstras de Tsarisino cruzou o Volga, ou seja, mais ou menos 10 verstras abaixo de Sarept.

Explicação:

Cito as exatas palavras do texto:

“Pugatchiov ergueu-se na colina, entre os dois caminhos. Mihelson o havia contornado e agora estava diante dos rebeldes. Pela manhã Pugatchiov outra vez mais viu diante de si seu terrível perseguidor, mas não se perturbou, e corajosamente seguiu ao encontro de Mihelson, enviando sua canalha a pé contra os cossacos do Don e de Tchuguevski, que se erguiame por ambos os flancos. A batalha continuou por pouco tempo. Alguns tiros de canhão assustaram os rebelados. Mihelson os havia atingido. Eles fugiam deixando para trás canhões e carretas. Pugatchiov, tendo atravessado a ponte, inutilmente esforçava-se para impedi-los; então ele fugiu junto com eles. Os rebeldes estavam sendo derrotados e foram perseguidos por cerca de 40 verstas. Pugatchiov havia perdido cerca de 4 mil homens, mortos na batalha, enquanto outros cerca de sete mil haviam sido feitos prisioneiros. Todos os outros se dispersaram. Pugatchiov, a cerca de setenta verstas do local da derrota cruzou o Volga, acima de Tchiórnoiarsk, em quatro barcos, e atingiu o lado da margem com uma enorme pradaria com cerca de trinta cossacos. A cavalaria que o perseguia, então, estava cerca de quatro horas atrás. Os fugitivos que não chegaram a tempo nos barcos atiraram-se nas águas, tentando cruzá-las a nado, mas acabaram se afogando.”

O crítico deixou passar, por falta de atenção, uma importante circunstância, que esclareceria o objetivo de Mihelson, que circulou Pugatchiov e, seguindo os procedimentos, tendo derrotado seu oponente, dirigiu-se não abaixo, mas acima, seguindo o Volga, em direção a Tsarisino. Dessa forma, o absurdo imaginado de meu discurso desaparece. Não compreendo por que motivos um sujeito militarizado e escritor de guerra (pois o senhor Bronevski escreveu livros sobre guerra) pôde cometer tamanha crítica sem fundamento num campo supostamente tão claro para si mesmo!

Crítica do senhor Bronevski:

No VI capítulo está faltando a nota número 6.

No mapa não estão mostrados inúmeras localidades, e mesmo cidades e fortalezas. Isso confunde extraordinariamente o leitor.

Explicação:

O número, cuja relação com a nota possui um erro de impressão.

O mapa está longe de ser completo, mas era imprescindível e eu não possuía meios de publicar outro mais completo.

O senhor Bronevski encerra seu artigo com as seguintes palavras:

“Tais equívocos, poucos, não diminuem em muito o mérito do livro. E caso fossem achados ainda mais erros, o livro, por seu próprio conteúdo, para sempre será digno de atenção do público”.

Caso todas as observações de meu crítico fossem justas, então improvavelmente meu livro seria digno de atenção do público, o qual tem o total direito de exigir do historiador, senão talento, ao menos consciência sobre seu trabalho e apuro nos documentos. Eu sei que justificar-se sobre erros de impressão é fácil, mas, espero que os leitores concordem que Tobolsk no lugar de Tabinsk, que quinze verstas no lugar de cinquenta verstas e, por fim, quatro libras no lugar de um quarto de libra parecem-se

mais com erros de impressão, demandando uma consecutiva errata, a qual nós vemos por aí: o metropolitano - leia: um simples sacerdote, confessor do czar; sala com trinta braças de altura; Pedro I dirigiu-se de Viena para Veneza - leia: Pedro I retornou às pressas de Viena para Moscou.

O crítico, ao atirar às pressas fugazes observações sobre o livro, superficialmente lido, possui muitas desculpas para equivocar-se. Mas ao autor, que teve cerca de dois anos para preparar cento e sessenta páginas como eixo de frivolidades e negligências, não há possibilidade de perdão. Eu tenho o dever de agir nessa circunstância com grande cautela, já que sobre as ações militares descritas (assunto para mim completamente novo) não tive qualquer ingerência, além da tutela de comandantes, documentos de cossacos, camponeses fugitivos e similares. Documentos estes muitas vezes contraditórios, exagerados, e por vezes completamente mentirosos. Eu procedi com extrema atenção à leitura de tudo aquilo que foi escrito sobre Pugatchiov e acerca daqueles 18 grossos volumes in folio de diferentes manuscritos, ordens reais, despachos e etc. Eu estive nos lugares onde aconteceram os grandes acontecimentos da época por mim descritos, acreditei documentos de mortos com palavras ainda dos vivos, embora já testemunhas envelhecidas e mais uma vez os tornei a checar com a deteriorada reminiscência da crítica histórica.

Já foi dito que a “História da Rebelião de Pugatchiov” não apontou nada de novo, nada que não fosse sabido. Mas toda essa época é pobremente conhecida. Mesmo a parte militar por si só jamais havia sido analisada por ninguém. Muito inclusive somente poderia haver sido publicado de acordo com a aprovação real. Analisando o “anexo à História da Rebelião de Pugatchiov”, de que consiste a totalidade do segundo tomo, facilmente atesta com propriedade os muitos e importantes documentos históricos, estudados e levados ao público pela primeira vez. Vale ressaltar os decretos

escritos pela própria Ekaterina II, algumas de suas cartas, a curiosidade da obra de nosso honroso acadêmico Richkov, cujo trabalho é reconhecidamente da mais pura verdade científica e credibilidade - méritos pois raros em nosso tempo, as muitas cartas de conhecidas personalidades do círculo de Ekaterina: Panin, Rumiantsev, Bibikov, Derjavin e outros... Admito ter me dado o direito de esperar do público uma benevolente recepção, é claro, não tanto pela própria “História da Rebelião de Pugatchiov”, mas pela riqueza histórica disposta nela. Foi dito que a credibilidade histórica de meu trabalho fora abalada pela análise do senhor Bronevski. Eis a prova da influência que possui em nosso país a crítica, ainda que seja ela superficial e desprovida de fundamentos.

Agora dirijo-me ao senhor Bronevski, já não mais como crítico, mas como historiador.

Em seu “A História da Guerra do Don”, ele não utilizou pouco do já sabido sobre a Rebelião de Pugatchiov. Suas fontes foram: o altamente reconhecido romance “O mentiroso Pedro III”, “A Vida de A. I. Bibikov” e, por fim, a história popular ouvida por ele no Don. Sobre o romance já colocamos nossa opinião. “Anotações sobre a vida e a obra de A. I. Bibikov” é, sob todas as perspectivas, um livro altamente notável, e em algumas delas, uma autoridade. No que diz respeito à história popular, ou ele é, por um lado, insubstituível e de valor incalculável, ou por outro, e eu por experiência própria o sei, pleno, já que ele demanda uma pesquisa profunda e consciente. O senhor Bronevski não soube utilizá-lo. As histórias populares, utilizadas por ele, não dão a seu relato a impressão de vívida contemporaneidade, mas os relatos, nos quais ele é baseado, são inconsistentes, obscuros, e por vezes completamente mentirosos.

Nós apontamos algumas invenções (infelizmente, nada poéticas), algumas desatenções e outras desproporções.

Relembrando a altamente popular anedota sobre Tottleben, como se notasse alguma semelhança entre Pedro II e Pugatchiov, o senhor Bronevski escreve:

“Se tal anedota é pertinente, então pode-se concordar que a palavra neste caso é apenas falácia, embora naquele tempo Pugatchiov não houvesse causado grande impressão geral, mas posteriormente poderia-se dizer que ele passaria por um imperador”. Mas dentro de poucas páginas o senhor Bronevski escreve: “Pugatchiov aceitou a proposta de um cossaco do Iaik, Ivan Tchiki, muito audacioso, de chamar-se Pedro III”. Que contradição!

A anedota sobre Tottleben é de uma absurda invencionice. Ao historiador não bastou lembrá-la apenas - mas ainda procedeu a tirar dela alguma conclusão. O imperador Pedro II era corpulento, de cabelos loiros, olhos azuis; o auto-intitulado era moreno, magro, de pequena estatura. Literalmente, em nenhum aspecto lembrava fisicamente o monarca.

Página 98. “A 12 de janeiro de 1773, os dissidentes (no povoado de Iaitsik) rebelaram-se e assassinaram tanto o general (Trautenberg) quanto seu ataman”.

Não em 1773, mas em 1771, conforme Levchin, Rytchkov, A História da Rebelião de Pugatchiov e outros.

Página 102. “O general Tchernichev chegou para a libertação de Oremburg no dia 29 de abril do ano de 1774, combateu os revoltosos, enquanto o governador não lhe deu nenhuma ajuda”.

Não em 29 de abril do ano de 1774 mas 13 de novembro de 1773. Em abril do ano de 1774 o derrotado Pugatchiov errava pelas montanhas dos Urais, reunindo sua nova quadrilha.

O senhor Bronevski, descrevendo a chegada de Bibikov a Kazan, escreve que naquele tempo (em janeiro de 1774) um impostor foi recebido pelo povo em Samara e Penz com pão e sal.

Em janeiro de 1774, o impostor encontrava-se nos arredores de Oremburg e circulava por suas fortalezas. Em Samara ele jamais esteve, em Penz passou já após o incêndio de Kazan, na época de sua terrível fuga, a alguns dias de sua própria morte.

Descrevendo os primeiros objetivos do general Bibikov e o lento movimento das tropas, que seguiam rumo à derrota do impostor em Oremburg, o senhor Bronevski escreve: “Pugatchiov, que sabia roubar e ferir com a faca, não conseguia tirar proveito de sua situação. Tendo acreditado no boato proposital de que alguns batalhões reais, com cossacos do Don, haviam partido de Astrakhan para enfrentá-lo, ele durante um longo tempo permaneceu em sua posição, tendo partido em seguida para a parte baixa do Volga, para que estivesse no lugar da ameaçadora batalha”.

A declaração é mentirosa. Pugatchiov, sim, parou nos arredores de Oremburg e não pensou em tornar-se à parte baixa do Volga.

O senhor Bronevski escreve “O novo comandante, conde Panin, não encontrou no local (em qual local?) todos os meios necessários para debelar o incêndio imediatamente e não permitir que o fogo se espalhasse para próximo ao Volga”.

O conde P. I. Panin foi nomeado comandante-geral quando Pugatchiov já havia atravessado o Volga e quando o incêndio já se espalhava de Nijnii-Novgorod até

Astrahan. O conde chegou em Kerensk vindo de Moscou, quando a derrota de Pugatchiov já havia sido determinada pelo general Mihelson.

Calo-me sobre alguns erros insignificantes, mas não posso ignorar algumas omissões. O senhor Bronevski não fala nada sobre o general-major Kare, que desempenhou papel tão notável e decisivo nesta infeliz época. Não conta quem teria sido nomeado comandante-geral por ocasião da morte de A. I. Bibikov. O objetivo de Mihelson nas montanhas Urais, sua rápida e inapelável perseguição aos rebeldes, é deixada sem atenção. Nenhuma palavra é dita sobre Derjavin, nenhuma palavra sobre Vsevolovski. O cerco a Iaisik é descrito nas próximas três linhas “Ele (Mansurov) libertou o povoado de Iaisik do cerco e livrou os moradores da morte pela fome, pois eles já usavam a terra para se alimentar”.

A reflexão política e moralizadora com a qual o senhor Bronevski tingiu sua narrativa é fraca e rasa, e não recompensa os leitores pelas deficiências dos fatos, notícias e clareza dos acontecimentos passados.

Eu não tive a oportunidade de estudar a história do Don e por isso não posso julgar o valor do mérito do livro do senhor Bronevski. Lendo o mesmo, não achei nada de novo, que não fosse por mim conhecido. Notei alguns erros, e à descrição da época me é familiar uma impulsividade imperdoável. Ao que parece, o senhor Bronevski não teve nem os meios, nem o tempo de completar uma verdadeira memória histórica. “Uma grande doença - diz ele no início da “História da Guerra no Don” - me obrigou a partir para o Cáucaso. A primeira dose de medicação com água mineral de Piatigorsk parece que não surtiu grande efeito mas, por conselhos médicos, eu decidi tomar outro rumo. Ir para Petersburgo e na primavera retornar provou-se demasiadamente longe e dispendioso. Permanecer durante o inverno nas montanhas - demasiado frio e

entediante. Desta forma, em 15 de setembro de 1831, parti para Novotcherkassk, onde meu irmão vivia com sua família, por ocasião de seu serviço militar. O período de minha permanência na cidade do exército do Don me deu a oportunidade de conhecer muitas honradas personalidades da região do Don” e também “Por último, estou convencido de que nossa literatura ressenha da falta da história do exército do Don, tendo tempo livre e boa vontade, decidi preencher essa lacuna”, e assim por diante.

Os leitores do senhor Bronevski poderiam, é claro, espantar-se, vendo em vez de pesquisas estatísticas e cronológicas sobre os cossacos detalhados relatórios sobre a cura do autor. Mas quem sabe, para um homem doente a saúde lhe é, por exemplo, algo para se ocupar, e seria mais curioso do que pesquisas históricas e teorias profundas e com todas as possibilidades atacadas. Da narrativa de bom grado feita pelo senhor Bronevski percebe-se que ele, em sua ocupação enquanto historiador, buscou somente um inocente passatempo. É a melhor desculpa para as imperfeições de seu livro.

A.P.

CAPÍTULO 1

1.1. Contexto histórico e formação da língua russa

Esta parte do trabalho é dedicada a uma breve exposição do momento histórico do Pré-Romantismo – ou sentimentalismo – e do Romantismo na Rússia, e de alguns de seus desdobramentos, no período em que Aleksandr Serguéievitch Púchkin (1799 – 1837), encerra o ciclo da “Gazeta Literária”³¹, ainda anterior ao período de fundação da revista “O Contemporâneo”, que deu início a uma riquíssima produção de crítica social, política e literária, além de um vasto legado de diálogos com os autores mais notáveis da época.

O período em questão, a Rússia do final do século XVIII e início do século XIX, é reconhecido pela efervescência cultural que culmina com a evolução do país. Um breve recorte histórico de cerca de cinquenta anos, que parte de um período artístico modestamente mimético para um borbulhante e riquíssimo caldeirão, deu origem a grandes talentos e a formação de uma identidade nacional com nuances psicológicas severas e marcantes que vão acompanhar o povo russo até os dias de hoje: trata-se da formação do ‘Ist’ Russo, como definiu o professor Stefano Aloe³² em uma de suas aulas:

A “Istina” é a verdade de Deus. Aqui, a etimologia indo-europeia, “Isti”, greco-latina, nos fala do “ser”, é o princípio, o ser total, ontologicamente. “Istina” é a verdade nessa forma que não pertence aos homens e à sociedade. Para a cultura russa, a “Ist” sempre teve uma importância muito maior que a “Pravda”, a verdade do homem. E todo escritor e pensador importante busca a “Ist”. Eles, como escritores, têm a possibilidade de ser a mão que escreve essa verdade,

³¹ Литературная газета (Literaturnaia Gazeta). Revista literária editada por A. A. Delvig, publicada a cada cinco dias em São Petersburgo, e que durou de 1º de janeiro de 1830 até 30 de junho de 1831.

³² Curso de pós-graduação ministrado por Stefano Aloe, professor da Universidade de Verona, convidado pelo programa de Língua, Literatura e Cultura russa da USP, para a disciplina “A Literatura Russa no Período Romântico”, no segundo semestre de 2011.

de algum modo. Uma verdade cristã, uma verdade de outra forma, uma questão histórica, de ideologias. Mas, a princípio, essa é a concepção do pensamento russo³³.

Para compreender mais precisamente a noção de “Ist”, do “Ser” russo, é preciso fazer-se uma breve digressão histórica, retomando o estado de Kiev no século XI, no momento seguinte à unificação das tribos eslavas. Esta seria a primeira *urbe* cultural russa, instante histórico esse que culminou com a cisma da Igreja Católica entre Roma e Bizâncio, deixando os eslavos com a parte “mística” da tradição bizantina e mantendo-os historicamente fora do “mundo ocidental”. Para reforçar essa standardização, seguiu-se o jugo tártaro, notável por assentar uma consciência orientalizada dos então “eslavos da Rus”. Tal condição perdurou por cerca de cinco séculos, e somente começou a ser modificada durante o reinado de Pedro, o Grande, no século XVIII.

Durante todo esse tempo, representações artísticas e sopros literários foram ensaiados na língua padronizada no ano de 870 pelos monges búlgaros Cirilo e Metódio, o eslavo eclesiástico, com a missão de evangelizar os povos eslavos, e que acabou por permitir o registro de uma surpreendente obra literária: “Canto sobre a Campanha de Igor”³⁴, um “*epos* anônimo composto durante o século XII”³⁵.

Durante muitos séculos, a história e a cultura russa ficaram presas a este esquema historiográfico-cultural, delineado pela “língua divina”, que cronizava feitos do povo “russo”. Além disso, os contatos com o Ocidente e com o Oriente passariam a ser cada vez mais frequentes e fortes, levando a Rússia a estabelecer laços com países

³³ IDEM.

³⁴ Poema épico eslavo, anônimo, descoberto em 1795. Estima-se que tenha sido escrito no século XII. O único manuscrito restante foi destruído durante a Invasão Napoleônica, em 1812. Foi traduzido para o português por Maria Aparecida B. P. Soares, editora Francisco Alves, 2000.

³⁵ Cf. BERNARDINI, Aurora. Púchkin e o começo da literatura russa. **Cadernos de Literatura e Cultura Russa**, São Paulo, n.1, mar. 2004.

da Europa. O exemplo mais claro é o da cidade de Novgorod, que se encontra na parte ocidental do país. Em seus primeiros anos, foi a nação economicamente mais rica e a sociologicamente mais desenvolvida. Estudos arqueológicos que perduram nessa cidade até os dias de hoje mostram que a maioria da população da cidade entendia as escrituras: sabia escrever e ler, em sua maioria, e isso incluía até mesmo as mulheres, um fato notável para a Rússia de então. Entretanto, toda essa história tem fim quando a cidade, disputada então pelos estados de Tver', Moscou e Lituânia, sucumbe aos exércitos de Ivan III, o Grande (1440 – 1505), inicialmente na batalha do Rio Shelon, em 1471, que foi seguida de uma invasão à cidade e sua conseqüente destruição, sete anos mais tarde.

Com a unificação e a multietnização da Rússia, promovida por Ivan IV, o Terrível (1530 – 1584), o país tendeu a adotar uma consciência muito mais orientalizada e distante do Ocidente e dos avanços sociais, políticos e econômicos da Europa. “Nada mais há de realmente original até o advento de Púchkin. Até então, toda obra literária russa, após a libertação do jugo tártaro, refletia a história da tentativa paulatina de derrubar a barreira de incomunicabilidade entre a Rússia e o mundo ocidental”, conforme sintetiza Aurora Bernardini (2004, p. 30).

O primeiro poeta a versar nas cortes de Moscou foi um monge ortodoxo bielorrusso de ascendência polonesa, no século 17, chamado Simeon Pólotski (1629-1680)³⁶, que escreveu três livros e obras avulsas multifacetadas, como contos, parábolas, sátiras, poemas didáticos, religiosos e peças de teatro.

Entretanto, é com a ascensão de Pedro I, o Grande (1672 - 1725), ao poder que a Rússia embarca em uma espiral de abertura do pensamento e modernização de seu estado, o que favorece sobremaneira o desenvolvimento de uma nova consciência

³⁶SAZONOVA, L. I. *Literaturnaia kul'tura Rossii: Ranee Novoe Vremya*. S.l.: Book on Demand, 2006.

cultural e leva seus pensadores a refletirem sobre o papel do país em um contexto mais universal e sobre sua identidade enquanto “país entre dois mundos”.

O czar determina uma ampla revolução sócio-cultural: o corte da barba, o uso de roupas ocidentais, o domínio de línguas estrangeiras, o envio de jovens para estudar todas as ciências nas capitais da Europa ocidental e a importação de especialistas destes países. Seguida da construção de São Petersburgo, esta foi a grande virada da Rússia, em termos de construção da identidade nacional. E é também o terrível trauma na psique coletiva desta sociedade: em algumas décadas, deixaram de ser um povo que vivia isolado do mundo, orientalizado, desprovido de dotes artísticos e de requintes culturais, para se tornar o grande lobo das estepes pronto para dar o bote e abocanhar uma enorme fatia do *Pantheon* de imortais da arte mundial.

Graças ainda às reformas de Pedro, o Grande, esse trauma nacional se tornou um poderoso inquietador de mentes país afora, em busca da resposta para a pergunta: quem sou eu? Quem somos nós, os russos?

E é exatamente neste momento histórico, no final do século XVIII, que os russos se dão conta de que se tornaram, senão iguais, similares aos europeus. Falam outras línguas, usam roupas ocidentais, cultivam hábitos de corte. A sucessora de Pedro, o Grande, Catarina II (1762 – 1796), mantinha correspondência com grandes pensadores, como Diderot e Voltaire, convidava os expoentes da cultura e da ciência mundial para a Rússia e viu, durante seu reinado, florescer a poesia, ainda que nos moldes franceses, mas já distante do modelo clássico-dominante do “eslavo eclesiástico”.

Nesse contexto social, de efervescência cultural, de favorecimento político – ainda que este tenha momentos de rígido controle estatal – e de uma inquietante busca por uma identidade nacional, está o recorte no qual a Rússia entra no momento histórico

chamado de "Era de Ouro da Poesia Russa", que engloba os primeiros quarenta anos do século XIX e culmina com a explosão e o reconhecimento amplamente nacional do talento de Aleksandr Serguéievitch Púchkin.

Púchkin surge na Rússia em um período crítico, conforme visto acima, descrito por Helena Nazário (2004, p. 77) como “o limiar entre dois séculos, marcando o fim de uma época (a culminância de um longo processo de desenvolvimento literário do século XVIII russo) e o início de outra, uma ligação com a língua do povo” ³⁷.

Em mais um exercício de contextualização, é preciso lembrar que, até o momento em questão, a língua literária não podia ter qualquer ligação com a língua do povo, com o russo falado. A língua literária tinha um status muito mais elevado e permeava contatos com o vulgar. Entretanto, agora inicia-se um período de reavaliação das formas linguísticas mais variadas. E os poetas começam a criar palavras que abarcam sentidos até então, senão desconhecidos, ao menos ignorados e repelidos, de “falar”, “coloquial”, de “povo”.

Quase todas as línguas eslavas literárias modernas, vale lembrar – e não somente a russa –, começam a ser empregadas da segunda metade do século XVIII em diante. Poucas línguas literárias eslavas têm uma história mais antiga, tais como o polonês, o tcheco, que registram episódios anteriores de ensaística literária livre, mas quase todas se formam no período romântico. E por isso são o resultado da mescla entre a língua literária tradicional, elevada, e variantes linguísticas mais ligadas à fala. E na Rússia esse processo foi ainda mais difícil.³⁸

³⁷NAZARIO, Helena. Humor e Irreverência na Prosa de Puchkin. **Cadernos de Literatura e Cultura Russa**, São Paulo, n. 1, mar. 2004. p. 77-84.

³⁸ Cf. nota 11

Até o reconhecimento de Púchkin, a língua russa sofria de uma heterogeneidade, ao lançar mão do eslavo eclesiástico e de uma oralidade condenada. Foi a partir da Teoria dos três Estilos de Linguagem³⁹ de Lomonosov, baseada na poética de Aristóteles, que se condicionou uma língua literária russa já não tanto embrionária.

E se até então o requisito básico para que uma obra de arte russa fosse reconhecida como tal era a mimesis das escolas europeias, durante o romantismo surge uma contraposição forte entre imitação e invenção. Para os românticos, “vulgo” é contrário de “povo”. O “vulgo” remete às massas, enquanto o “povo” é a riqueza. Só a invenção via “povo” leva ao Pantheon das grandes artes, objetivo máximo da produção cultural.

Aí, então, surge o grande duelo que vai revelar Púchkin: enquanto a escola de Nikolai Mikhailovitch Karamzin (1766-1826) procura manter-se afastada da língua popular russa, sob o argumento de ser esta “simplória” e “grosseira”, Púchkin cada vez mais se aproxima do russo, enaltecido por Lomonosov, exatamente pela simplicidade e rudeza desta⁴⁰.

Já com um momento propício, com uma realidade sócio-cultural deveras fomentadora e um público criado, nos anos 30 amplia-se a produção dos jornais literários, que não precisam mais da nobreza para produzir conteúdo. É uma época que vivencia uma produção de prosa bastante significativa.

³⁹ Baseado nas teorias linguísticas alemãs, Mikhail Vasilievitch Lomonosov(1711 – 1765)sistematiza a língua em três estilos: o *elevado*, que seria o eslavo eclesiástico, aplicável a odes, poesia heróica, tragédias; o *médio*, já onde se usam mais palavras cotidianas, aplicável a elegias, dramas, sátiras; e um estilo *inferior*, com palavras oriundas de dialetos não eslavos, utilizado em comédias, cartas, músicas e fábulas, conforme explicitado por Evgeni Nikoláevitch Lebedev (LEBEDEV, Evgeni Nikoláevitch. **Lomonosov**. Moskva: Drofa, 1990).

⁴⁰ Em um episódio relatado em suas correspondências, quando da época da publicação do primeiro número de “O Contemporâneo”, Púchkin veta alguns trechos da obra de N. Durovoi. “Чтокасаєтьсядослога, точемонпроще, тембудетлучше” – No que diz respeito à palavra, quanto mais simples ela for, melhor”.

É preciso ressaltar que, para a transmissão do fato jornalístico de qualquer natureza, qualquer que seja o fluido - língua oral ou escrita -, a língua não depende da variante textual da produção jornalística. Daí a importância de Púchkin. O escritor, em seu “O Contemporâneo”, ajudou a dar forma não somente ao texto ou à língua, mas a todo um arquétipo de modelagem de mitos, factuais ou não, através do qual a língua literária foi capaz de reproduzir, do passado para o futuro, toda uma matriz, um autoconceito da identidade nacional, estabelecendo uma simetria entre o que foi e o que seria.

Para dar vida a este modelo de atividade jornalística, extremamente paradigmática, seria necessário não só o domínio do *logo*, da *slovo*. Seria necessária também a presença de grandes autores além do próprio Púchkin, que se desdobrava entre redator e editor. “Gazeta Literária”, “Telescópio”, “Filho da Pátria”, “O Contemporâneo”, participavam ativamente da vida jornalística da Rússia, no início do século 19. Como redator, colaborador ou editor, sua atividade literário-jornalística durou até seu derradeiro suspiro, em 1837.

1.2. O período romântico e os primeiros ensaios críticos de Púchkin

O primeiro registro de atuação de Púchkin como crítico-literário em jornais data de 1815, dos diários do poeta, ainda em seus tempos de liceu. E o último foi publicado em janeiro de 1837, em sua revista “O Contemporâneo”. Em 1825, Púchkin observa, durante seus trabalhos para “Boris Godunov” (1825), uma impressão sobre o conceito de “povo e literatura”, na qual defende que as peculiaridades de cada país têm influência decisiva nas especificidades do caráter nacional:

O clima, a forma de governo e a crença dão a cada povo uma fisionomia específica, a qual, em maior ou menor grau, se reflete no espelho da poesia. Existem formas de pensar e de sentimentalizar, existe a sombra dos costumes, das crenças e dos hábitos, que pertencem exclusivamente a determinado povo.⁴¹

Formados os conceitos de poética e de estética, Púchkin volta seu olhar atentamente para o cenário cultural da época e começa a fazer uma série de análises e notações da literatura contemporânea e dos problemas do desenvolvimento, inicialmente da prosa de caráter artístico e, em um segundo momento, da dramaturgia. Mas, definitivamente, o atraso em ambas essas esferas de produção e pensamento lhe parecia absolutamente perigoso. Em 1822, em esboços de artigos, Púchkin faz duras críticas à inexistência de “uma língua metafísica” e, sobretudo, à parca e mediana prosa russa, que, segundo o poeta, tem problemas mesmo “nas notas mais prosaicas, que necessitam de apoio até para expressar o mais simples, bem como nossa leniência se explicita através da língua de outrem, cujas formas mecânicas já estão prontas e há muito são conhecidas por todos”.

⁴¹Tradução livre: *Климат, образ правления, вера дают каждому народу особенную физиономию, которая более или менее отражается в зеркале поэзии. Есть образ мыслей и чувствований, есть тьма обычаев, поверий и привычек, принадлежащих исключительно какому-нибудь народу.*

Precisão e brevidade são os primeiros objetivos da prosa. Ela demanda ideias e ideais, e, sem elas, expressões notáveis não servem para nada, embora para os versos o assunto seja completamente diferente.⁴²

Também a literatura dos anos 1820 e 1830 sempre foi assunto recorrente nos trabalhos críticos e jornalísticos de Púchkin, bem como diálogos com obras e pensamentos de muitos de seus contemporâneos, como Baratnski, Glinka, Katienin e muitos outros. Vale lembrar ainda que foi em uma das páginas do “O Contemporâneo” que o poeta saudou efusivamente um jovem chamado Vissarion Grigorievitch Belínski (1811 – 1848), definido por ele mesmo como “um jovem talentoso, no qual se deposita muita esperança”.

Outro de seus assuntos favoritos e sempre aprofundados em artigos era, com efeito, a crítica das literaturas clássicas, dos gregos e até dos alemães e franceses da época, que fundamentaram um sem número de ácidos ataques ao isolamento russo dos últimos séculos. Tal condição fora imposta por uma série de reviravoltas políticas e “atividade intelectual da igreja greco-romana”, que culminaram com o deslocamento do país: “A Rússia permaneceu, por muito tempo, como uma estranha à Europa”, escreve Púchkin, em referência às cartas filosóficas de Tchaadaev⁴³, em 1830, na revista “O Telescópio”.

Em 1822, Púchkin escreve cartas aos amigos solicitando que atentassem para o fato de a “literatura inglesa estar começando, pouco a pouco, a exercer influência sobre

⁴²PÚCHKIN, A. S. *Sobranie sotchineni v 10 tomah*. Moskva, 1959.

⁴³ Nestas cartas, Piotr Iakovlevich Tchaadaev (1794-1856), faz ácidas críticas à contribuição da Rússia para a história do mundo, a qual teria sido nula, pregando que o país precisaria de um novo começo. Em um primeiro momento, foi adotado por eslavófilos, mas abandonado e condenado em seguida. O jornal que publicou seus textos foi fechado, teve o editor exilado, o censor demitido e Tchaadaev foi declarado como louco. Sobre seu trabalho, Aleksandr Ivanovich Hertenzen declarou: “Foi um disparo dado em uma noite escura”. Púchkin também escreveu algumas poesias a Tchaadaev, algumas traduzidas para o português por José Casado.

a russa. Penso que essa influência será melhor que a poesia francesa, tímida e preciosa demais”, diz⁴⁴.

Pouco antes da Revolta Dezembrista, em 1825, Púchkin publicou apenas três de seus textos crítico-literários – sendo que dois seriam sob pseudônimo, prática comumente adotada pelo autor, que possuía ao menos uma dúzia deles -, e, tendo sido envolvido na ofensa ao regime, publicou apenas outros três nos quatro anos seguintes, todos veiculados pela revista “Filho da Pátria”⁴⁵.

A literatura em tempos de czarismo está baseada na censura, nos caprichos e pretensões. Raramente um trabalho chega a ser impressa. Todos os tipos de escritores (classe importante em nosso país, afinal, trata-se de algumas das pessoas letradas) encontram-se nas fileiras dos descontentes.⁴⁶

Ainda em 1825, Púchkin tomou parte de uma pequena celeuma crítica a respeito de um texto de A. A. Bestujev, na revista “Estrela Polar”,⁴⁷ que defendia a tese de que “Na Rússia, há crítica literária, muito embora não haja literatura”. Púchkin, imediatamente, teria respondido: “Na Rússia há crítica? Onde ela está? Onde estão nossos Addisons, Lagarpis, Shlegelis, Sismondís? O que nós estamos analisando? Que opinião literária foi feita pelo povo e a quais críticas podemos nos referir e nos basear?”⁴⁸.

Em seguida, Púchkin começa um movimento entre seus amigos, primordialmente P. A. Katienin (1792 – 1853), para a fundação de uma revista própria, trimestral, nos moldes da “Edimburg Review”. Mas antes, o poeta tem participação

⁴⁴PÚCHKIN, A. S. *Dnievnik – avtobiografitcheskaia proza*. Azbuka. S-Pb, 2008.

⁴⁵ Сын отечества (Sin’ Otchestva)

⁴⁶ PÚCHKIN, A. S. *Sobranie sotchineni v 10 tomah*. Moskva, 1959. Púchkin - Literaturnii Kritik i Publist

⁴⁷ “ПолярнаяЗвезда” (Poliárnaya zvezda) in PÚCHKIN, A. S. *Sobranie sotchineni v 10 tomah*. Moskva, 1959. Том 13 (Perepiska 1815-1827).

⁴⁸ PÚCHKIN, A. S. *Sobranie sotchineni v 10 tomah*. Moskva, 1959. p. 262.

relevante nas primeiras semanas da “Gazeta Literária”, que era impressa a cada cinco dias. Nela, Púchkin publicou doze artigos, resenhas e notas, quatro poesias, trechos do oitavo canto de “Evgeni Onegin”, algumas páginas de outras obras, além de cartas, diálogos e provocações. Conforme notado por Yuri Oksman⁴⁹, “em nenhum outro ano de sua vida, excetuando-se aí a época de produção no “Contemporâneo”, Púchkin dedicou tanto tempo e atenção à crítica e às publicações quanto na época da “Gazeta Literária”.

Imediatamente após sua chegada a Moscou, em 1826, Púchkin entra em acordo com o círculo literário local, que planejava publicar o “Moskovskii Vestnik”. Púchkin tinha a esperança de estar entre os líderes do veículo e, em 9 de novembro de 1826, escreveu a Viazemskii: “É possível que eu, e não Pogodin, venha a ser o editor do novo periódico”⁵⁰. Entretanto, o círculo permaneceu bastante fechado, e o nome de Púchkin acabou perdendo força no “Vestnik”. Já em 1830, com o início da publicação da “Gazeta Literária” de Delvig, Púchkin teve a oportunidade de estar entre os primeiros colaboradores. O periódico, porém, durou apenas 1 ano e meio, e pouco antes de seu fechamento por parte da censura, Púchkin já avaliava uma publicação própria e, em 1832, recebeu a autorização oficial para isso. Diante de um sem número de dificuldades, porém, o poeta desistiu temporariamente de seus planos, sobretudo quando a revista “Evropeiets”, que deveria ser o “órgão oficial do círculo de Púchkin”⁵¹, foi proibida já no segundo número.

Logo após a publicação de seu poema “O Cáucaso”⁵² na “Gazeta Literária”, Púchkin aventura-se na nova edição da revista “Telescópio” com duas sátiras, dentre

⁴⁹ ПУЧКИН, А. С. *Sobranie sotchineni v 10 tomah*. Moskva, 1959. Púchkin - Literaturnii Kritiki Publitsist

⁵⁰ ПУЧКИН, А. С. *Sobranie sotchineni v 10 tomah*. Moskva, 1959. P. 304-305

⁵¹ Gillelson, M. I. “Puchkinsnkii ‘sovremennik’”

⁵² ПУЧКИН, А. С. *Sobranie sotchineni v 10 tomah*. Moskva, 1959. Escrito em 20 de setembro de 1829, publicado na “Literaturnaia Gazeta” em 1831.

elas “Sobre as notas de Vidok”. Para isso, Púchkin volta a lançar mão de um pseudônimo – um de seus mais famosos: Feofilakt Kositchkin.

Durante o início do século XIX, a chamada “Era de ouro” da literatura russa, na qual a formação da literatura e da identidade russa se aproximava de um período de definição, enquanto se preparava terreno para a explosão da literatura realista mundo afora, pode-se dizer que nenhum outro escritor russo dedicou-se tão profunda e talentosamente à problemática histórico-literária em sua produção artística como o fez Aleksandr Serguéievitch Púchkin. Seus diálogos efusivos e ferozes com Kiukhelbecker, Mitskevitch e outros dizem tanto à literatura russa quanto mundial.

A importância da “Biblioteca para leitura” reside no fato deste veículo ter sido, via de regra, um dos primeiros “veículos de comunicação de massa”⁵³ na Rússia. E mesmo esse papel contraditório, de atender aos anseios da classe literária aristocrata, e ao mesmo tempo ter tiragens impressionantes, rendeu o respeito de Púchkin e seu círculo – ainda que despertado no autor de “Evguêni Onegin” o desejo de vencer a “tróika” que monopolizava o mercado editorial na época, formado por Bulgarin (“Abelha do Norte”), Grech (“Filho da Pátria”) e Senkovski (“Biblioteca para leitura”), e publicar seu próprio veículo.

Também não se pode esquecer o enorme significado que têm suas cartas no sentido de entender o ponto de vista ideológico de Púchkin, sendo que muitas delas são verdadeiros tratados teórico-literários, ainda mais se levado em consideração o estado de censura e patrulhamento ideológico sob os quais se vivia nos anos de 1820 a 1830.

⁵³ Gillelson, M. I. “Puchkinskii ‘sovremennik’”. Prefácio à edição fac-símile dos três primeiros volumes de “O Contemporâneo”. Moskva, Kniga, 1987.

Como bem definiu Belínski, por ocasião da publicação póstuma de notas e artigos de Púchkin nas páginas do “Observador Moscovita”, em 1841: “O que se vê não um crítico, mas um homem genial, para o qual um sentimento profundo e fiel, ou melhor dizendo, uma enorme substância, abrem as verdades em todos os lugares para os quais ele volta seu olhar. Tudo o que foi visto por ele, mesmo a menos importante de suas opiniões sobre o que quer que seja, se torna indispensável e curiosa; mesmo o mais errôneo raciocínio de Púchkin é mais instrutivo e engrandecedor que a mais indubitável verdade de muitas milhares de pessoas”.⁵⁴

1.3. A interseção entre o romântico e o crítico social

Thomas Ernest Hulme – T.E. Hulme – define o homem romântico como “um reservatório infinito de possibilidades; e se você pode desta forma rearranjar a sociedade pela destruição da ordem opressora então essas possibilidades terão uma chance e você irá ter progresso”⁵⁵. Por sua vez, Bertrand Russel ressalta que “os românticos não eram privados de moral; ao contrário, seus julgamentos morais eram afiados e veementes”⁵⁶.

O romantismo começa como uma contraposição interna na cultura do século XVIII, que estava dominada por uma estética neoclássica, severamente ditada por regras. Os gêneros literários muito bem determinados, fechados em suas normas, em suas aplicações. A princípio, pode-se dizer que a primeira acreditação de tal mudança seja uma nova concepção da divindade que, por muitos séculos, foi o fundamento da

⁵⁴ PÚCHKIN, A. S. Sobranie sochineni v 10 tomah. Moskva, 1959. Púchkin - LiteraturniiKritikiPublisist

⁵⁵ “Here is the root of all romanticism: that man, the individual, is an infinite reservoir of possibilities; and if you can so rearrange society by the destruction of oppressive order then these possibilities will have a chance and you will get progress”. T.E. HULME. Romanticism and Classicism.

⁵⁶ “The romantics were not without morals; on the contrary, their moral judgements were sharp and vehement”. Bertrand Russell. A History of Western Philosophy.

cultura européia. Os clássicos gregos, e latinos, começam, ao final do século XVIII, a serem vistos como “clássicos vivos”. Sobretudo nesse período, agora é uma pessoa que reinventa a realidade de uma forma literária, de uma forma artística, sem se distanciar desta, mas afastando-se, assim, do conceito de “arte produto da divindade”.

Há que se considerar, porém, ao se abordar a estilística da época, que a transição entre os estilos clássico, romântico e realista, embora assumisse porventura ares belicosos nas trincheiras dos engajados artistas, não poderia ter sido mais curiosa. Segundo Alexander Herzen, em seu artigo “Românticos Diletantes”⁵⁷, a eventual predominância do Romantismo sobre o Classicismo não significou eventualmente sua “morte”. Embora ambas as escolas seguissem seu duelo, as duas acabaram perdendo espaço para uma “terceira força”.

Entretanto, em uma visão mais epistemológica da trajetória de Púchkin, é imprescindível considerar o trabalho de Boris Mikháilovitch Gasparov, “A língua poética de Púchkin como fato da história da língua russa literária”⁵⁸, que atribui características simbolistas à vida de Púchkin, afirmando que o poeta era exatamente um escritor de seu próprio tempo - contrariando a crença geral que atribui ao artista um caráter “profético”, de ser um homem à frente de seu tempo -, e cuja obra se encaixa nos ideais simbolistas, no sentido de ser extremamente indissociável de sua vida. Entretanto, Gaspárov ressalta, Púchkin não era um simbolista, na acepção prosaica da determinação acadêmica. O escritor nunca teve a verve de ir além da palavra, usando a linguagem como meio para exceder a realidade. “O mundo de Púchkin, em todos as suas

⁵⁷ HERTZEN, Alexander. ‘Diletantizm v nauke’. *Sobrani sochineni A. I. Gertzena v 8 tomah*. Pravda, 1976. T. II, p. 5-86. Texto originalmente publicado no jornal “Otechestvennih zapiskah”, em 1843.

⁵⁸ GASPAROV, V. M. *Poeticheski iazik Púchkina kak fakt istorii russkovo literaturnovo iazika*. g. a. “akademicheskii proiékt”, 1992.

transformações significativas e cataclismas, sempre foi confinado à sua natureza verbal” (p. 323, 1992).

O fato é que as formulações de Gaspárov trazem à tona nuances de um poeta extremamente metódico com seu *métier*, e que pouco a pouco veio a rejeitar aquelas correspondências que seriam fáceis ou que soariam falsas. Para Púchkin, ainda segundo Gaspárov, a questão não seria somente um maniqueísmo puro, onde simples oposições poderiam servir de enredo para uma narrativa complexa. Púchkin submetia qualquer nova ideia a uma miríade de tratamento, visando a criação de um novo paradigma, misturando características para criar personagens e histórias com atributos surpreendentes. Púchkin recusava a mediocridade - em parte, ainda segundo o autor, devido a uma “teimosia” - e buscava a excelência, e embora isso pudesse significar algum problema de inconsistência técnica, na verdade se tratava de uma escala de passos do poeta no sentido da avaliação do correto posicionamento do homem em relação ao mundo.

Por sua vez, N. G. Tchernitchevskii, em seu livro “Púchkin: vida e obra”⁵⁹, ao tentar explicar a importância do poeta para o leitor, recorre à metáfora dos “norte-americanos contra os peles-vermelhas” para explicar como era a Rússia até o aparecimento do poeta.

Esta era a condição da literatura russa quando Púchkin começou a escrever. Já havia público na Rússia, mas ainda não era em quantidade. Entre os escritores encontravam-se algumas pessoas com muito talento, mas ainda não havia aparecido um gênio tal que levasse o leitor ao êxtase, que mostrasse ao público russo a poesia em todas as suas nuances de beleza. Isso fez Púchkin. E antes dele apareceram em língua russa belos versos, mas quando apareceram os trabalhos de Púchkin todos viram que ainda não tinham a noção do quão belos poderiam ser os versos em russo.

⁵⁹ Tchernitchévskii, N. G. *Sobranie sotchineni v 5 tomah*. Literaturnaia kritika. Biblioteka "ogoniok". Moksva: pravda, 1974

1.4. Considerações sobre a emersão da face jornalística de Púchkin

Púchkin está intrinsecamente ligado ao processo de formação da língua literária e à remodelação do pensamento numa Rússia que se preparava para deixar o status periférico, muitas vezes referido como “selvagem”⁶⁰, na literatura mundial. Em tempos de cultura da informação *online* - e da propagação da mesma de forma massiva, descontrolada e que gera até uma certa dependência de notícias, a “dataholia” ou a “bulimia informacional”, é difícil imaginar que houve um tempo em que o jornalismo esteve profundamente ligado à arte, à análise e à crítica.

O período deste recorte, objeto da análise histórica de fatos literários, está inserido naquilo que chamamos de “Século de Ouro” (zlotói vek) da cultura russa, quando ocorreu o assentamento e o desenvolvimento da língua nacional. Entra na vida cotidiana o preceito “escrever, como se fala, e falar como escreve”, baseado na ideia de Nikolai Karamzin (1766 - 1826)⁶¹ e seus seguidores, chamados “Karamzinistas”. O conceito de Karamzin previa ainda uma única língua, “para os livros e para a sociedade”, na revista “Mensageiro da Europa” de 1803⁶².

Sua estreia aconteceu em 1824, na revista “Filho da Pátria”, e já no ano seguinte o escritor se tornou colaborador do “Telégrafo de Moscou”. Daí em diante, o poeta enfileirou críticas duras, análises literárias, discussões, polêmicas, fez amigos e inimigos, numa época em que o jornalismo era extremamente malvisto pela monarquia. Um destes exemplos de picardias jornalístico-literárias acontece em 1826, quando o czar Nicolau I cria uma nova força policial, secreta, comandada pelo “chefe

⁶⁰VOGÜÉ, Melchior de. **O romance russo**. Rio de Janeiro: Editora A Noite, s.d.

⁶¹Писать, как говорят, и говорить, как пишут (pisat, kavgovoriat, igovorit, kavgpishut)

⁶² Для книг и для общества (dliá knigidliá obshestva)

Bankerdof”. Alexander Herzen, outro grande nome da crítica social da época, definiu a nova tropa como “inquisição armada” e “comitê central de espionagem”.

Os censores, como tais, tinham total poder para fazer tudo no que se referia à produção literária da época: vetar, cortar, alterar, mandar investigar, etc. Jornalistas do calibre de Belínski, Púchkin, Delvig, Kirievski, Polevoi e outros viviam às turras com o regime. Para cada edição, para cada novo jornal, eram necessárias autorizações, análises e até a sorte de pegar um censor em um bom momento.

CAPÍTULO II

2.1. Momento histórico x pessoal de Púchkin pré-“O Contemporâneo”

Citando Iúri Mikhailovitch Lotman⁶³ (1995, p. 23), “em raras épocas o destino individual de um homem esteve tão profundamente ligado aos acontecimentos históricos – destinos estes de estados e povos – como nos anos da vida de Púchkin”. Ainda que, seguindo o raciocínio de Lotman, nem Púchkin nem outros de seus contemporâneos tenham vivido boa parte daquilo que narraram ou versaram, todos gozavam de plena legitimidade para inserir-se, direta ou indiretamente, em suas narrações.

Faz tempo, amigos... Mas vinte anos
Já se passaram; e o que vejo eu?
O então czar não está entre os vivos;
Nós incendiamos Moscou, em cativo, a Paris;
Napoleão exauriu-se na prisão.⁶⁴

Desde os anos de Liceu, as críticas em tons alternados faziam parte do *modus operandi* de Púchkin. Com uma fascinação especial pelos eventos turbulentos que vão desde a segunda metade do século XVIII até seus próprios dias, o escritor procurava sempre estar inserido no “nós”, o povo, os liceístas, os artistas, os artífices da mudança.

Sobre os anos de Liceu⁶⁵, aqueles de sua juventude e formação de caráter, Púchkin escreveu: “Comecei a escrever aos 13 anos de idade e a publicar praticamente ao mesmo tempo”⁶⁶. E este espírito liceísta – que muito tem a ver com aquele que imbui os estudantes universitários e seus protestos atualmente – seria motivo de muitos

⁶³ LOTMAN, I. M. **Púchkin. Iskustvo**. San Peterburg: Iskustvo-SPB, 1995.

⁶⁴ PÚCHKIN A. S. *Pólnie Sochinenia v 16x tomah*. AN SSSR, 1937-1949.

⁶⁵ SELEZNEV I. I. *Istoricheski otcherk bivshego Carskoselskogo, nine Aleksandrovsckogo liceia za pervoe ego piatidesiatiletie s 1811 po 1861 god.* — SPb.: Tip. V. Bezobrazova, 1861

⁶⁶ IDEM

problemas e severos questionamentos em uma época de censura e repressão. Em seu artigo “Algo sobre o liceu Tzarkoselskoe⁶⁷ e seu espírito”, o jornalista Faddei Bulgarin escreve: “Neste mundo chamamos de espírito liceísta quando o jovem não respeita os mais velhos, dirige-se informalmente aos superiores, de forma superior aos iguais, com desdenho aos debaixo, excetuando-se aquelas situações em que pela fanfarronice é preciso exhibir-se aos amadores em tom de igualdade”⁶⁸.

Naqueles dias – à sombra dos bosques das abóbadas
Perto da água, corrente em silêncio
Nas esquinas das travessas do liceu
A surgir para mim, a Musa começou.
Minha cela estudantil
Até agora, pura diversão
Subitamente iluminou-se – e a Musa nela
Desvendou o banquete de seus intentos
Perdão, ciências ferozes!
Perdão, brincadeiras dos primeiros anos!
Eu mudei, eu sou poeta...⁶⁹

Assim, Púchkin descreve o momento de sua transformação em poeta, embora isso não fosse motivo para eclipsar sua condição de “liceísta” – imbuído de um forte caráter progressista e liberal. Ainda em Tsarskoe Celo, Púchkin conheceu Anton Antonovich Dielvig e Vilgelm Karlovich Kiukhelbeker, com os quais compartilhava, além das afinidades artísticas, muitas outras posições políticas. Juntamente com outros escritores “extra”-Liceu, tais como Piotr Andreievitch Viazemski, Evgeni Abramovitch Baratinski e Constantin Nicolaevich Batiuchkov, todos participaram, de forma direta ou indireta, das sociedades secretas revolucionárias que orquestraram a Revolta Dezembrista de 1825.

⁶⁷ O Liceu de Tsarskoe Celo foi criado dentro do palácio do Czar para educar jovens das famílias mais importantes da aristocracia. Funcionou sob esse nome de 1811 até 1843. Púchkin esteve entre os trinta primeiros liceístas.

⁶⁸ MODZALEVSKI, B. L. *Púchkin pod tainim nadzorom*. 3e izd. L., 1925. p.36.

⁶⁹ Púchkin A. S. *Pólnie Sotchinenia v 16x tomah*. AN SSSR, 1937-1949. VI, 620.

No entanto, sua atuação no movimento revolucionário ainda é uma grande incógnita. Citando o historiador Sam Driver “Seria provavelmente mais produtivo considerar Púchkin como mais próximo não aos decembristas, mas aos aristocratas”⁷⁰. Afinal, tendo nascido o escritor no seio da classe dominante, ele estaria completamente ciente do legado dos poderosos boiardos, possuía profundo conhecimento das ideias políticas – incluindo as recentes correntes francesas, interagiu com oficiais que retornavam das Guerras Napoleônicas. E foi exatamente através desses contatos com militares que voltavam da França que Púchkin iniciou-se nas ideias liberais da Revolução Francesa e avançou na compreensão do Iluminismo. Foi a ignição para o jovem poeta contumaz envolver-se com os decembristas e, mais adiante, desenvolver seu próprio senso crítico, político e social.

Sobre os decembristas, aliás, vale ressaltar o contexto sócio-político da Rússia: no primeiro quarto do século XIX, os “partidos políticos” eram fragmentos de movimentos políticos, amarrados a homens com uma concepção geral sobre qual deveria ser o futuro da Rússia. No entanto, tais indivíduos não chegavam a qualquer ponto de concórdia sobre como alcançar esse objetivo. E, segundo Sam Driver, os decembristas não fugiram à regra: “Não havia um movimento coerente, teoria sem contradição, ou sequer projeto que fosse, em tese, similar aos outros contemporâneos. Não apenas havia um golfo entre grupos de decembristas de norte e sul, como também havia muitas nuances de opiniões conflitantes entre os membros de cada um dos grupos, do mais revolucionário ao mais legitimista”⁷¹. Desta forma, é claro perceber que a própria natureza contraditória do movimento dificulta a classificação de indivíduos como “decembristas”.

⁷⁰ DRIVER, Sam. *Pushkin and politics: the later Works*. The Slavic and East European Journal 25.3 (1981):3

⁷¹ DRIVER, Sam. *Pushkin and politics: the later Works*. The Slavic and East European Journal

De acordo com o professor de História da Rússia da Universidade de Londres, Geoffrey Hosking, o objetivo mais próximo que todos os grupos tinham em comum era “a inserção gradual de algumas das instituições da sociedade civil no poder”⁷². Já o professor Nicolas Riazanovski, da Universidade da Califórnia, aponta mais uma contradição na dialética decembrista, de flertar ao mesmo tempo com o Iluminismo enquanto exalta a autocracia de Pedro o Grande:

Até mesmo Púchkin juntou-se ao grande coro em louvação a Pedro o Grande e à autocracia russa. O Pedro de Púchkin estava acima dos gloriosos heróis do Poltava, o líder quase super-humano que deu à Rússia uma nova história e uma nova vida, simbolizada por São Petersburgo, cidade amada de Púchkin. O imperador defendeu reforma, luz, progresso, a fortificação da nação, e seu futuro. Ainda assim, Púchkin mantinha reservas: ele ficara impressionado com a impiedade e a crueldade do sobrepujante monarca e suas medidas.⁷³

Em uma análise mais aprofundada de *O Cavaleiro de Bronze*, Riazonovski reconhece a admiração de Púchkin pelo czar, comprovada na representação da estátua de Pedro, que representava “tanto o poder quanto a impiedade de Pedro, o Grande, e da autocracia russa”⁷⁴. Um excerto de “*O Cavaleiro de Bronze*” tem caráter ilustrativo e elucidativo no sentido de mostrar o conflito entre pontos de vista do artista: a vontade de elegiar Pedro, o Grande, e o desejo de ver os boiardos⁷⁵ recuperarem parte do prestígio após serem dissolvidos pelo então imperador.

Pelo pedestal a rodar
O pobre louco assestava
No ídolo, de meio mundo
Potentado, seu fero olhar.
Cerrou-se-lhe o peito. A fronte

⁷² HOSKING, Geoffrey. *Russian People and Empire 1552-1917*. Cambridge, Massachusetts. Harvard University, p. 181.

⁷³ RIASONOVSKY, Nicholas V. “Some comments on the Role of the Intelligentsia in the Reign of Nicholas I of Russia, 1825-1855. P. 171.

⁷⁴ IDEM, P. 172

⁷⁵ A palavra boiardo provém do russo бояре (boiárie), plural de боярын (boiárin), através do francês *boyard*. Era o título atribuído aos membros da aristocracia russa do século X ao século XVII. Organizavam-se em uma Duma (conselho) para definir sobre a legislação dos estados. A classe, no entanto, foi abolida em 1711 pelo mesmo imperador que ajudaram a legitimar, em 1682. À época, Pedro determinou que os boiardos ou cortassem suas tradicionais barbas - a pretexto de “modernização da Rússia” ou pagassem pesados impostos para usá-la.

Apoiou na grade fria. Os olhos
De névoa se lhe cobriam,
Em seu coração corria fogo,
Ferveu-lhe o sangue. Parou, sombrio,
Frente ao ídolo orgulhoso
E, cerrando os dentes e os punhos,
De força negra possuído
«Espera, construtor milagroso! —
Ciciou raivoso e tremente —,
Inda hás-de ver!...» E, de repente,
Célere se foi. Pareceu-lhe
Que o rosto do terrível czar,
De ira súbita inflamado,
Se estava para ele a voltar...
E o louco, pela praça vazia,
Corre, corre e ouve nas costas —
Como fragor de trovoadas —
Um tropel pesado e sonoro
Estremecendo a calçada.
E, pela frouxa lua alumiado,
De mão estendida para o alto,
Segue-o o Cavaleiro de Bronze
Em seu cavalo a tilintar;
E toda a noite o pobre louco,
Era seguido em todo o lado
Pelo Cavaleiro de Bronze
Com o seu estropear pesado.⁷⁶

Apesar das evidências de uma literatura com cuidadoso viés ideológico, ainda encontra relutância nos meios literários a tese de que Púchkin se configura como um analista político ou mostra amadurecimento sociológico. É mais provável que encontre eco a visão do escritor como um “peso-leve” político, um rebelde romântico com vagas ideias da realidade política. Tal raciocínio, muito popular entre literatos, é contornado por puchkinistas como John Bayley, para quem o poeta russo merece ser visto de forma diferenciada, afinal “ele era ele próprio, de fato, um filósofo social, historiador e novelista, além de ter se encaixado perfeitamente em sua época e respectiva sociedade”⁷⁷

⁷⁶ PÚCHKIN, A. S. *O Cavaleiro de Bronze e Outros Poemas*. Assírio & Alvim, 1999. Traduzido por Nina Guerra e Filipe Guerra.

⁷⁷ Bayley, John. **Puskin**: a comparative commentary. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.

O primeiro exemplar de *Vremmenik Puskinskoi Kommissii* (Periódico da Comissão Púchkin, 1936), traz a seguinte observação de A. N. Sebunin:

Os pontos de vista políticos de Púchkin e a exata extensão da história de seu relacionamento com os Decembristas ainda estão para ser esclarecidas. Sem uma explicação geral desta questão, no entanto, não há como estabelecer um entendimento preciso da obra do poeta. Não há dúvidas de que *Boris Godunov*, *Poltava*, *O Cavaleiro de Bronze*, *Dubrovski*, *A Filha do Capitão* e *a História da Vila de Goriushino* são trabalhos que trazem o esforço de uma mente politizada. Tampouco podemos nos dar por satisfeitos com anotações gerais sobre Púchkin, tais como “liberal” ou “conservador”. A complexa e multifacetada imagem de Púchkin, que tão completa e profundamente refletiu sua época, requer uma pesquisa detalhada.⁷⁸

Em 1822, quando estava em Kichniev, onde esteve exilado por dois anos, Púchkin escreve aquele que seria o “mais extremo de seus textos políticos”⁷⁹, “*Zametki po russkoi istorii XVIII veka*” (Notas sobre a História da Rússia no século 18). Púchkin, no texto, expressa sua admiração por Pedro, O Grande, condena a aristocracia e a nobreza e ainda faz uma defesa contundente da abolição da servidão. “Nossa liberdade política é inseparável da libertação dos servos; a esperança por coisas melhores une todas as classes contra o mal comum, e uma união firme e calma do espírito pode rapidamente nos colocar nas fileiras dos povos iluminados da Europa”.

A afirmativa, forte mesmo para os padrões do ousado Púchkin, é determinante na formação ideológica do poeta – o que mais adiante iria se refletir no posicionamento editorial de “*O Contemporâneo*”. Aqui, Púchkin se coloca lado a lado com os mais radicais democratas e liberais de seu tempo. As “Notas” de Púchkin, como atesta o

⁷⁸ Sebunin, A. N.. *Pushkin i obschestvo Elizaveti*.

⁷⁹ DRIVER, Sam. *Puskin: literature and social ideas*. Columbia University Press, 1989.

especialista Gerald Mikkelson⁸⁰, “marcam e legitimam uma abrupta mudança no pensamento de Púchkin, a partir de 1823.

Vale notar, porém, que o poeta jamais pretendeu abdicar de suas raízes aristocratas. Como Sam Driver define, Púchkin se coloca como um *raisonneur* entre seus pares nobres. Tal sentimento é expresso no contraste entre as palavras frequentemente utilizadas nas “Notas”: nobreza (*dvorianstvo*) x aristocracia (*aristokratia*). Enquanto a primeira, embora detentora de riqueza, é entendida pelo poeta como detentora do conhecimento, alinhada ao iluminismo, ao progressismo e ao liberalismo, a segunda define as ricas e poderosas famílias que pendem à oligarquia.

Como bem define Sam Driver, o conflito sociopolítico de Púchkin, ao contrário do que pode parecer a olhares ávidos pelo óbvio, não coloca Púchkin como elemento anti-aristocrático. Muito pelo contrário, aliás. As “Notas”, segundo Driver, seriam “uma demonstração de sua aristocracia essencial, precisamente nos anos em que seus ideais políticos em relação à autocracia atingem seu estágio mais radical. Púchkin não fala de emancipação. Mas de ‘nossa’ libertação (da nobreza) em consonância com o desenvolvimento. As “Notas” explicam ainda o motivo pelo qual, dali em diante, sua preocupação com o bem estar dos servos se tornou ainda mais ligado com o bem estar da nobreza.”

Embora, alguns meses após seu lançamento, Púchkin já constataste que a circulação de “O Contemporâneo” fosse sofrer com a intolerância editorial – o artista não aceitava nada menos que o mais alto padrão -, ele não aceitara, de forma alguma, juntar-se ao grupo que condenava o popularismo da “Biblioteca para leitura”, de Senkovski. Quando Gogol, em seu artigo “Sobre o movimento da literatura jornalística

⁸⁰ Puskin and the History of Russian Nobility. University of Wisconsin. Ann Arbor.

em 1834 e 1835”, no primeiro número de “O Contemporâneo”, insistiu na argumentação depreciativa em relação aos “concorrentes”, Púchkin foi categórico. Sob o pseudônimo de “A. B.”, comentou o jornalismo literário sobre a perspectiva de um camponês, um dos chamados “novos leitores”. Em carta para seu próprio jornal, Púchkin sai em defesa da riqueza, da vastidão, da variedade, da profundidade da língua literária e da orientação “europeia” da literatura russa. Ao defender o periódico de Senkovski da investida de Gogol, A. B. também encampa o ponto de vista do autor de “O Capote”, sobre a situação estagnada das literaturas russa e europeia. Com a carta – e o pseudônimo – Púchkin adota uma postura amigável e civilizada ao “criticar” seu próprio jornal e seu companheiro de prensas (e aquele que seria o artigo norteador de sua linha editorial). Com a carta, o poeta nacional russo buscava nada menos que fomentar o debate público, mostrar um ponto de vista diferente e disseminar a curiosidade em seu público leitor – afinal, era preciso mostrar que o debate era universal, e não restrito apenas às capitais Moscou e São Petersburgo.

O ponto de vista de Púchkin, mesmo em seu estágio mais liberal, não é incompatível com o de um nobre russo. Tivesse sua linguagem sido mais temperada, as ideais teriam encontrado maior consenso entre as mentes politizadas de sua classe. Seu próprio jornal aristocrático “O Contemporâneo” foi uma tentativa consciente de contra-atacar os jornais plebeus.

A complexa batalha dos jornais literários, nos anos de 1830, foi travada em vários níveis. No literário, Púchkin sempre manteve a esperança de elevar as letras russas a um nível superior àquele contemporâneo – representado especificamente pelo “Telegraph” e pelo “Abelha do Norte”. No nível político, sua “Gazeta Literária” não conciliava os interesses aristocráticos de seus editores e de leitores. A batalha dos jornais deixou abundantemente claro a Púchkin que a situação não lhe permitiria

engajar-se no nível do jornalismo. Por trás de seu rival, Bulgárin, havia Benkerdorf (censor), que endereçava-se a Nicholas I como *cher ami*, ainda quando o imperador lhe ordenasse que cessasse seus ataques a Púchkin.

Os problemas financeiros de Púchkin, sempre agudos, ficaram ainda piores após seu casamento, especialmente uma vez que se tornou necessário gastar muito para manter seu alto padrão de vida, como um membro da corte. Não havia nada a fazer, para Púchkin, que não fosse abandonar a literatura como um passatempo para um cavalheiro e mergulhar no jornalismo pelo bem da renda.

Sua tentativa, oriunda do desespero financeiro, de juntar-se às trincheiras do jornalismo foi frustrada pelo preconceito antiaristocrata da classe, que levaram a ataques públicos de todas as formas mais vis, e que foram encorajadas pela então polícia. A burocracia, especialmente na forma da censura imperial, dera o golpe final em suas ambições. Não é surpresa que, nos anos 1830, Púchkin via na nobreza um elemento crucial para o bem-estar nacional e eventualmente entendia no programa chamado “ograzhdenie dvorianstva”, a proteção da nobreza pela lei, o remédio para os problemas socioeconômicos do país.

No entanto, além da ascensão pessoal e social, Púchkin entendia que era preciso atuar como editor, no *mecenato*, e também de fazer as vezes de escritor. Como aponta Paul Debreczeny⁸¹, “apesar de sua rígida estrutura de classes, a Rússia de Púchkin representava um ambiente no qual a literatura estava intrinsecamente ligada às aspirações sociais”. “A Literatura foi revitalizada e seguiu seu curso normal, ou seja, o curso *mercantil*. Agora ela constitui um ramo da indústria, protegida por lei”.⁸²

⁸¹ DEBRECZENY, Paul. *Social Functions of literature: Pushkin and Russian Culture*. Stanford University Press, 1997.

⁸² Carta de Púchkin ao censor Benkerdorf, em maio de 1832.

CAPÍTULO III

3.1 Revista literária “O Contemporâneo”

A primeira aparição de Púchkin como jornalista em um periódico regular acontece em 1824. Em maio deste ano, em “O filho da pátria” (número 18) foi publicada uma de suas correspondências, a famosa e polêmica anotação “Carta ao editor de “Filho da Pátria”. Com o trabalho, Púchkin deu início a uma batalha com a imprensa reacionária da época, ao levantar-se contra a revista “Notícias da Europa”.

Depois do trabalho na “Gazeta Literária”, seguiu-se um hiato nas publicações de Púchkin, que durou de 1832 até 1836, quebrado apenas por uma publicação acerca de P. Katenin. Aleksandr Serguéievitch, ao longo dos anos, sondava e convidava grandes e promissores nomes da literatura e da crítica russa. Como resultado disso, “O Contemporâneo” reuniu em seu primeiro exemplar mais de duas dezenas de autores. E outros tantos, que haviam sido convocados, acabaram por ficar de fora, graças a inúmeras razões, que vão desde a pura e simples falta de espaço até mesmo desinteresse do recém-empossado editor.⁸³

A ideia da criação da revista já atormentava Púchkin há muito tempo. “Em algum momento nós nos reuniremos em uma revista! Não tenho vontade de calar-me”, escreveu Púchkin a Viazemski ainda em agosto de 1825. E em novembro do ano seguinte, em carta ao mesmo Viazemski, o poeta ressaltou: “O fato é que precisamos ter uma revista e reinar de forma independente e unida”. Tal tarefa foi resolvida em parte

⁸³ A lista dos “excluídos do primeiro número inclui nomes como E. Rozen, P. Shalikov, M. Pogodin e Kiukhelbecker.

no ano de 1830, quando Púchkin, juntamente com A. A. Delvig começou a publicar a “Gazeta Literária” e os escritores do círculo de Púchkin tomaram a tribuna pela primeira vez para expressar seus pontos de vista sobre a literatura e a sociedade. Após a morte de Delvig, a edição da “Gazeta Literária” chegou ao fim. Com isso, Púchkin estava decidido a editar uma nova revista ou mesmo um jornal, e sua mudança, em 1831, para fixar residência em São Petersburgo foi associada às esperanças de organizar uma nova publicação. E por mais de uma vez Púchkin insistiu na publicação de uma revista “na qual fossem publicadas notícias sobre fatos políticos ou internacionais”, a experiência com a “Gazeta Literária” o levara à conclusão sobre a impossibilidade da publicação de reflexões mais aprofundadas sobre a opinião social em um jornal apenas literário.

3.2 Atmosfera e panorama histórico da criação de “O Contemporâneo”

Segundo o modelo de padrões de comunicação proposto por Roman Jakobson, um código compartilhado por um emissor e um receptor precisa, além disso, de contato físico ou um “contexto apropriado de fatores constitutivos”⁸⁴. Para termos uma ideia de quem estaria “ouvindo” a mensagem de Púchkin, ao final da década de 1830, é preciso traçar um panorama de seu público – e da formação do mesmo. Segundo os dados de B. M. Kabuzan⁸⁵, a população da Rússia cresceu de 42,7 milhões em 1811 para 52,9 milhões em 1836 (ano da publicação do primeiro exemplar de “O Contemporâneo”) e atingiu 56,8 milhões em 1850. Com isso, ocorre também o crescimento rápido da população nos grandes centros urbanos e, a reboque, são criadas condições para uma

⁸⁴ JAKOBSON, Roman. *Closing Statement: Linguistics and Poetics*. In Thomas A. Sebeok, *Style in Language*. New York: John Wiley, 1960.

⁸⁵ Kabuzan, B. M. *Izmeneniia v razmeschenii naselenia Rossi v XVIII – pervoi polovine XIX v Moscou*: Nauka, 1971

exposição cada vez mais profunda das condições culturais e literatas dos moradores das capitais.

Ainda assim, de acordo com Kabuzan, a maioria da população urbana permanecia sendo de “não-nobres”, implicando que o aumento da população teria relação com o incremento do comércio e da indústria, em detrimento do inchaço da corte. Os dados de Kabuzan, bem como quaisquer outras referências, deixam na obscuridade um fator: a população alfabetizada – e literata – da Rússia nas primeiras décadas do século XIX. O primeiro censo do país foi conduzido apenas em 1897, revelando que apenas 21% da população sabia ler e escrever⁸⁶. Meio século antes, o panorama pareceria ainda mais sombrio. Mas, a despeito do tipo de literatura consumida nas cortes – e fora delas – o artigo de Karamzin “O mercado literário e o amor da Rússia pela leitura”⁸⁷ traz um argumento que seria repetido *da capo* nas décadas seguintes. “Eu não sei como outros se sentem, mas eu estarei feliz enquanto as pessoas estiverem lendo. Mesmo novelas, ainda que as mais medíocres delas, escritas sem nenhum talento, de alguma forma promovem uma iluminação. Aquele que começa com *Nikanor* frequentemente chega a *Grandison*.”

Ainda sobre o artigo de Karamzin, vale citar, a título de pano de fundo, outro excerto de seu artigo: “Antes, os mercadores saíam por aí com anéis e fitas. Agora desfilam com porcelanas finas, e ainda que não possam ler, querem atrair os entusiastas de livros relatando seus produtos com o conteúdo das histórias, das novelas e das comédias, à sua própria maneira, o que é extremamente interessante”.

⁸⁶ RASHIN, A. G. *Naselenie Rossii za 100 let*. Moscow: Goslitizdat, 1956.

⁸⁷ KARAMZIN, N. M. O kniaznoi torgovle i liubvi k tchteniiu v Rossii. In _____. *Sotchinienia*. Leningrad: khudojestvennaia literatura, 1984.

O número de crianças nas escolas também cresceu dramaticamente no período. Saltou de 19.915 em 1801 para 69.629 em 1825. Com isso, também cresceu o número de alunos nas universidades. Entre 1808 e 1824, o número de estudantes da Universidade de Moscou saltou de 135 para 820, enquanto a Universidade de Kazan viu suas fileiras de acadêmicos pular de 40 para 118 no mesmo período.

Conforme o “público” ia se formando, a oferta de publicações também crescia, atendendo ao aumento da demanda. Segundo dados do registro de livros aprovados pela censura, publicado em 1862, foram editados 708 títulos em 1835, dentre os quais 185 eram obras literárias. Com o aumento dos títulos, as tiragens também tendem a subir. Até 1820, eram editados livros com até 1.200 cópias. Durante a década de 1830, no entanto, as tiragens atingiram médias de 4.000 exemplares, com picos de até 40 mil, como no caso das fábulas de Ivan Krilov.

E com os periódicos não poderia ser diferente. Em média, os jornais e revistas possuíam tiragens entre 600 e 1.200 exemplares, durante a década de 1820. Na virada para os anos de 1830, o “Telégrafo de Moscou” atingia 3 mil exemplares, o “Abelha do Norte”, 4 mil, e o “Biblioteca para leitura”, mais popular do período, atingiu 6 mil exemplares no final de 1834. Isso significa, na prática, que a década de 1830 provou que era possível, aos escritores, viver de sua renda editorial. Para se ter uma ideia, Krilov recebeu a fortuna de 40 mil rublos por suas fábulas. Púchkin recebeu 3 mil rublos pela primeira edição da “Fonte de Bakhtchisarai” e, em seguida, 10 mil rublos por uma coletânea que incluía a “Fonte”, além de “Ruslan e Liudmila” e o “O prisioneiro do Cáucaso”. Conforme aponta André Meynieux⁸⁸, “Púchkin poderia viver confortavelmente, nos anos de 1830, de sua renda literária. Cada uma de suas linhas

⁸⁸ MEYNIÉUX, André. *Pouchkine homme de lettres et la littérature professionnelle em Russie*. Paris, LibrariedesCinqContinents, 1966.

chegou a lhe valer 10 rublos. Fossem seus hábitos pessoais e familiares de acordo com suas circunstâncias, é claro”.

No final de 1835, quando resolveu pedir autorização para criar um periódico próprio, o poeta estava afundado em dívidas em parte pelo estilo de vida de sua esposa. Irritado com a mediocridade de muitos de seus contemporâneos e preocupado com os rumos da literatura e da crítica literária no país. Mas sua motivação determinante era, apesar de tudo, financeira. Púchkin estava à beira da falência, com uma dívida de 70 mil rublos – uma soma considerável à época.

Mas, para que precisava disso, fundar um jornal e colocar à prova seu prestígio? Afinal, ele já era um poeta consagrado, uma voz ativa na cena literária, possuía uma vida familiar. Mas, enfim, o artista queria criar um órgão que reunisse escritores de primeira ordem, que fomentasse polêmicas saudáveis, que levasse ao público a discussão literária em seu mais alto nível, além de revelar novos nomes. Acima de tudo, Púchkin, que já havia falhado com outros periódicos, achava que, simplesmente com seu nome no novo trabalho arrebataria muitos leitores e a publicação seria um sucesso. O momento era diferente. Ele sabia de sua importância. “Se permanecermos em grupelhos a literatura talvez não se aqueça”⁸⁹, disse em carta a amigos.

Em seu artigo “Algumas palavras sobre o Contemporâneo”, Belínski propõe uma perspectiva de entendimento sobre o novo modelo, analisando seu papel no mercado, em um primeiro momento, tido como para competir. “Em O Contemporâneo, Púchkin começou a publicar não absolutamente para competir com a glória (altamente duvidosa!) da 'Biblioteca para leitura', mas para que a Rússia possuísse ao menos uma

⁸⁹Если мы все будем в кучке литература не может быть согреться.

publicação que encerrasse em si talentos locais, conhecimento, metas e independência do mercado da opinião literária”⁹⁰

Em abril/maio de 1835, juntamente com V. F. Odoévski, ele preparava-se para publicar uma revista de nome “Escritos contemporâneos sobre política, ciências e literatura”. Em outubro do mesmo ano, em carta a P. A. Pletnev, Púchkin já havia decidido sobre o novo almanaque e discutia os possíveis nomes: “Você exige um nome para o novo almanaque: vamos chamá-lo Arion ou Orion; eu gosto dos nomes que não fazem sentido. É uma brincadeira que não leva a nada”. E tanto “escritos”, quanto “Arion” foram protótipo do futuro almanaque “O Contemporâneo”.

O sonho da publicação de uma revista existia, entretanto, não em sua totalidade. “O Contemporâneo” recebeu autorização apenas para ser “literário”. Mas ainda assim o poeta não se furtou a publicá-lo, o que permitiria que ele emitisse suas opiniões acerca da circundante situação social-literária da época.

A notícia do lançamento do “Contemporâneo” causou pânico entre os concorrentes. Fadei Bulgarin, editor do “Filho da Pátria” e notório desafeto de Púchkin – que o tratava como “Figliarin”⁹¹ – era um dos mais preocupados. Ainda no calor do jubileu de 10 anos da Revolta dos Dezembristas, que deixou as autoridades em alerta máximo, sai enfim “O Contemporâneo: revista literária editada por Alexander Púchkin”.

Para se ter um exemplo do peso que a revista teve e viria a ter para a História, em seu quarto número é publicado o romance “A Filha do Capitão”, obra fundamental na bibliografia de Púchkin. Além desta obra, a edição tem ainda textos de Belínski e a primeira grande publicação de Fiódor Tiútchev, tido como o “terceiro maior poeta

⁹⁰Belínskii, V. G. *Sobranie sotchineni v trioh tomakh*. Moskva: s.n, 1948.

⁹¹ Фиглярин, corruptela de Булгарин (Фигляр, em russo, significa “palhaço”, “bufão)

romântico” da Rússia, que, junto com Púchkin e Mikhail Lermontov, compunha a respeitável tríade de autores que iriam mudar para sempre os rumos da literatura de seu país. Afinal, qual o russo que nunca citou – ou o estrangeiro que nunca justificou sua incompreensão a determinado fato cotidiano do país – os versos de Tiútchev, praticamente um “manual de instruções” para a Rússia (abaixo em tradução livre):

A Rússia não se entende com a razão,
Não se mede com um archin qualquer
Ela possui sua própria condição
Na Rússia pode-se simplesmente crer⁹²

Antes de citar os primeiros movimentos de Púchkin como editor, vale um breve contexto da época. A Rússia lembrava, em silêncio, a Revolução dos Decabristas. Qualquer comentário sobre o episódio da Praça do Senado, de décadas atrás, seria severamente punido. Ainda assim, Púchkin conseguiu uma brecha para, veladamente, tratar do tema, com o poema “Banquete de Pedro I”, no qual o Czar se entenderia com os revoltosos. No entanto, nenhum gesto de amenidade para os presos na Sibéria foi tomado por parte da família imperial. Outra tentativa de lembrar os punidos é o poema “Viagem a Arzrum”, no qual os nomes de alguns deles acabaram sendo censurados sem piedade, trocados por asteriscos e iniciais sem sentido.

⁹² Умом Россию не понять, Аршином общим не измерить: У ней особенная стать — В Россию можно только верить.

3.3 O que era “O Contemporâneo”?

Mas, afinal, qual seria a agenda da revista de Púchkin? Nem no primeiro, nem no último volume de “O Contemporâneo” ela fora declarada. Quando muitos tomaram por programa da revista a matéria de Gogol “Sobre o movimento da literatura jornalística”, encontrada no primeiro número e que continha uma severa crítica ao rumo “mercadológico” da literatura e do jornalismo, Púchkin se viu obrigado a, no terceiro tomo, declarar que: “a matéria 'sobre o movimento da literatura jornalística', publicada em minha revista, sobre a qual ainda não consta que a opinião expressa com tal vitalidade e vigor foi promovida por minha pena. De todo modo ela não é e não poderia ser o programa de “O Contemporâneo”. Púchkin colocou ainda, como explicação da redação, a seguinte nota: “O editor de 'O Contemporâneo' não publicou qualquer programa de sua revista, supondo que a composição 'revista literária' já encerra em si significado suficiente... Em linhas gerais, 'O Contemporâneo', pelo espírito de suas críticas, pelos muitos nomes que tomaram parte no projeto, pelo seu próprio destino, será a continuação da 'Revista Literária’”.

E, certamente, “O Contemporâneo” foi concebido, antes de mais nada, como uma revista crítico-literária. Ao final de cada número, encontrava-se uma pequena coletânea de explicações e resenhas – “Os livros novos”. O material restante dividia-se em prosa e poesia. No entanto, neste bolo de material classificado como “resenha”, foram publicadas críticas, colunas e críticas literárias. Para Púchkin, ter críticas no jornal era de suma importância. Tudo estava ligado com um dos seus pensamentos mais conhecidos: “Nós temos literatura. Só não temos crítica”. Para ele, era inconcebível que os outros levassem a crítica para o lado extremamente pessoal. Ele protestava contra tudo e contra todos, e reclamava publicamente que os textos dos críticos “estavam recheados de conclusões, mas careciam de argumentos”, e concluía que apenas

escritores poderiam conferir uma crítica verdadeira e original. “Se os escritores, munidos do respeito e da confiança do público, tomassem para si a responsabilidade e o dever de reger o senso comum, então rapidamente a crítica se faria como deve ser, não o que é.”

Guerra Pátria, os decembristas, questões nacionais e campesinas caracterizam a direção do "O Contemporâneo". O desenvolvimento coerente, sucessivo e interdependente desses temas atesta a bem pensada arquitetura da revista. Cada obra jornalística e artística de Púchkin, engendrada no "O Contemporâneo", torna-se determinante para a temática da edição.

Exatamente com essas manifestações, Púchkin esforçava-se para organizar as páginas de sua revista, de forma a ter o máximo de textos críticos produzidos por nomes como V. Odoiévski, Gogol e Viazemski. Entretanto, o principal material crítico da revista era produzido pelo próprio Púchkin, que culminou com a publicação e a divulgação de mais de uma dezena de artigos e resenhas críticas, assim como uma grande quantidade de anotações editoriais, prefácios, posfácios, reflexões sobre editores acerca de eventuais materiais publicados na revista. Conforme comentou Kireevski, Púchkin apontou a direção da crítica, sendo "tão extraordinário, assim como o era enquanto poeta com seus versos”.

Mas, se a poesia tinha um lugar de destaque na linha editorial do “O Contemporâneo”, a prosa artística ainda era a força-motriz do periódico. Assim, diferentemente das outras revistas, o recurso da tradução era empregado com bastante frequência. Púchkin publicou, essencialmente, impressões produzidas fora da Rússia acerca do trabalho dos artistas nacionais.

Ainda na prosa de “O Contemporâneo”, um autor gozou de amplo destaque e teve boa parte de sua produção fora de série iniciada ali. Gogol encantava não só o público, como também seus companheiros de círculo e, principalmente, Púchkin. Também nasceram na revista trabalhos de prosa documental, como notas, diários, cartas, memórias, como “Anotações de N. A. Durova, notas militares de Denis Davidov, cartas de Paris de Alexander Turguêniev, anotações do Cáucaso do Sultão Kazy-Girey, notas de M. P. Pogodin chamadas de “Passeio por Moscou” - ou seja, todo esse material nasceu dos esforços criativos do próprio Púchkin e constou nas páginas das primeiras edições de “O Contemporâneo”.

A afeição de Púchkin pela utilização de material documental, aliás, lhe deu a possibilidade de levantar várias questões relevantes de cunho sócio-político, elevando, eventualmente, a popularidade de seu periódico – ainda que este nunca tenha gozado de relevante popularidade. Eis aí o motivo pelo qual o editor inclinou-se a seguir por esse caminho, o da crítica-literária como ferramenta para análise de questões sociais, promovendo, assim, uma análise artística e de qualidade, que teria por objetivo doutrinar o público, fazê-lo refletir e criar uma nova geração de pensadores. Tudo isso lhe permitiu, sob o ponto de vista da literatura, expressar seus pontos de vista sócio-políticos e posições estéticas. “Eu gosto de me aventurar na prosa política”, escreveu Púchkin a Viazemski em 1830. A “Viagem a Arzum”, o artigo “Aleksander Radishev”, John Tenner, “Sobre a tradução de Milton e Chateaubriand para 'Paraíso Perdido’”, todo esse material acabou se tornando prova cabal dessa inclinação que, afinal de contas, se provou possível, enquanto combinada com a prosa artística.

Entretanto, outro tanto do material em prosa de Púchkin, publicado em “O Contemporâneo”, não continha aparentemente qualquer inclinação. Muito embora, de forma indireta, estivesse associada a determinadas posições políticas. E tais inclinações,

aparentemente, formavam elos ideológicos que uniam todo o material de vários autores publicados em cada edição do periódico. E, para isso, Púchkin não se furtava a editar, reescrever ou alterar textos de outros, ou mesmo inserir notas do editor para introduzir material de seus colaboradores. Afinal, é preciso ter em mente que “O Contemporâneo” era uma publicação do próprio Púchkin, que atuava não apenas como um autor, mas como um condutor da vida literária como um todo. A maioria do material produzido e publicado era “encomendada” pelo próprio editor, embora alguns autores – diretamente alinhados com as posições de Púchkin – que produzissem conteúdo relevante gozassem da liberdade de sugerir.

Ainda em suas anotações, Púchkin chegou a escrever que a “Gazeta Literária” foi necessária, antes de tudo, a alguns escritores “que não possuíam a capacidade, por vários motivos, de publicar material sob seus nomes em nenhum periódico, seja de Moscou, seja de São Petersburgo”. “O Contemporâneo” também trouxe consigo essa possibilidade. Foi um órgão para transmissão das mensagens de escritores de menor expressão na época, para os quais a literatura não era o principal meio de vida.

Entretanto, o periódico de Púchkin também foi alvo de ataques por parte de Bulgarin, editor da “Abelha do Norte”, que criticava duramente o fato de “O Contemporâneo” ser, essencialmente, difusor das ideias do círculo de amigos e próximos a Púchkin – ocupando, até mesmo nas críticas, o lugar que antes era da “Gazeta Literária”. Para os detratores, a publicação era essencialmente da alta aristocracia literária, endereçada para o leitor aristocrata.

“Publicado por Gógol, o artigo ‘sobre o movimento do jornalismo literário’, no primeiro número de ‘O Contemporâneo’, foi tomado como o artigo programático de

apresentação da revista”⁹³. O artigo despertou ainda o interesse imediato de Belínski, que declarou: “Sobre o que nós lemos, devemos dizer que todos os julgamentos são colocados precisamente, mordazmente e sagazmente, e ainda desprovidos de paixão e gratidão. O autor da matéria não exclui de sua lupa nenhuma das revistas e, apesar de seu julgamento sobre nossa edição [nota do autor, sobre o “Teleskop”], de forma alguma lisonjeira, não podemos dizer que vemos nela nem tendência nem inveja, nem mesmo qualquer traço de injustiça”⁹⁴. Por isso, seria correto afirmar que a análise de Belínski sobre o artigo publicado em “O Contemporâneo” encontrou eco na opinião crítica geral. A opinião de Gógol conseguira uma reverberação profunda nos círculos literários e uma impressão louvável no público da época. Foi uma primeira pequena vitória para o jornal de Púchkin.

No segundo número de “O Contemporâneo”, no entanto, é publicada a “Carta ao editor”, inicialmente apócrifa, mas posteriormente creditada ao próprio Púchkin. Nela, surpreendentemente, é reconhecido no rival e editor da “Biblioteca para leitura”, Senkovski o talento para atingir uma enorme massa de leitores, transformando-o assim em um “talentoso jornalista”. A “Carta ao Editor” atribui adjetivos ao periódico de Senkovski tais como “de material farto e variado”, “apurado” e “atualizado com contextos que não foram ensinados pelos jornalistas russos”. De modo geral, apesar de a posição da “Biblioteca para leitura” ser contrária àquela de “O Contemporâneo”, o artigo se opõe a Gogol, na medida em que reconhece “a qualidade da qual foram privada as outras revistas”.

A tendência iluminista de “O Contemporâneo” se comprova através de todo o seu material publicado, seja de qualquer natureza. Textos documentais, crônicas,

⁹³Gillelson, M. I. “Puchkinskii ‘sovremennik’” (O Contemporâneo de Púchkin)

⁹⁴Belínski, T.2, Pág. 101.

conteúdo editorial, crítico e histórico, tudo se tornara palco para Púchkin expressar o espírito da época. “A língua metafísica russa existe apenas, em nossos tempos, numa condição ainda selvagem. Deus permita que um dia ela se desenvolva, nos moldes do francês”, escreveu Púchkin para Viazemski, em 1825.

“Com o cessar das atividades literárias de Púchkin, entram no círculo da literatura fileiras até então desconhecidas de microliteraturas, como a ciência e o jornalismo. Ambas, para Púchkin, configuravam funções plenas da literatura. E ele as ajudou a crescer”, Iu. N. Tinianov, em 1828, sobre a história intrinsecamente ligada e a atualidade da literatura de Púchkin.

Para se falar da estrutura de “O Contemporâneo”, é preciso ter em mente que ela se diferenciava profundamente dos jornais e revistas mais populares de sua época – tanto estrangeiros quanto os russos. Enquanto muitos buscavam exemplos de publicações essencialmente críticas, ou históricas, ou apenas literárias, “O Contemporâneo” prezou pelo material essencialmente nacional, de natureza variada e heterogênea. Enquanto os rivais – como a “Biblioteca para leitura” – publicavam fundamentalmente traduções, “O Contemporâneo”, nos quatro números de Púchkin, só publicou duas: “Academia francesa”, do discurso de Scrib, e “John Tenner”.

“‘O Contemporâneo’ foi um fenômeno único na vida literária russa. Reuniu nomes expoentes, conteúdo diversificado e de extrema qualidade e mesmo com a orientação pró-Europa, não deixou de lado o desenvolvimento da língua russa, ainda que isso não tenha se refletido em números – as tiragens caíam a cada edição.”⁹⁵

Além disso, “O Contemporâneo” teve duros embates e profundas derrotas pela censura. De suas páginas, foram vetadas composições como “Sobre a velha e a nova

⁹⁵Gillelson, M. I. “Puchkinsnkii ‘sovremennik’”

Rússia”, de Karamzin, “Dois demônios”, poema de Tiutchev, as novas de A. A. Fuks sobre suas viagens a Kazan e Nijni Novgorod, dentro outros.

De acordo com o raciocínio de seu editor, “O Contemporâneo” deveria cumprir um profundo sentido cultural e norteador. Púchkin queria fazer de sua revista não somente uma leitura cotidiana, mas um veículo educativo e que cultivasse nos leitores o senso literário. Assim nasceram artigos essencialmente acadêmicos, ainda que populares, e até mesmo, por que não dizer, “científicos”. Basta lembrar o texto de P. B. Kozlovski sobre a alta matemática e a teoria da probabilidade, trabalhos estatístico-econômicos, como a análise sobre o comércio interior em 1835 e muitos outros.

Tais trabalhos se diferenciavam daqueles publicados em outros veículos e mesmo nas universidades por sua originalidade e acessibilidade – tendo em vista que muitos dos periódicos da época também publicavam material científico. Mas um dos significados mais relevantes do trabalho de Púchkin foi sempre apostar no material histórico, que proporcionava a seu público uma maior compreensão diacrônica do desenvolvimento da Rússia.

CAPÍTULO VI

4.1 O legado de “O Contemporâneo”

Com efeito, em primeiro lugar “O Contemporâneo” foi a tribuna literária de Púchkin e dos escritores de seu círculo. O trabalho artístico do periódico teve papel fundamental em sua linha editorial. No tocante à poesia, esta especialmente e claramente foi privilegiada no estrato de sustentação da revista. Além destes, foram publicadas outras grandes obras produzidas por nomes como Davidov, Iazikov, Jukovski, Viazemski, Tiutchev, Baratinski, que em maior ou menor grau deram suas contribuições às reflexões sobre as problemáticas sociais.

Em linhas gerais, o "Contemporâneo" jamais gozou do sucesso esperado por Púchkin – e conforme profetizou Belínski –, afinal, seu número de assinantes sempre foi insignificante. Conforme escreveu I. Panaev, a revista foi "friamente recebida, tanto pela literatura, quanto pelo público⁹⁶. Por sua vez, Belínski se manifestou em defesa de Púchkin, dados os sucessivos ataques por parte dos rivais da "Bibliotecas para leitura" e da "Abelha do Norte". Entretanto, ele mesmo via no "O Contemporâneo" uma proposta que orbitava sempre entre um almanaque e uma revista, com uma proposta indefinida e sem um público-alvo – razões pelas quais, possivelmente, a empreitada se configurou em um insucesso comercial. Para o então jovem crítico, era imperativo resolver as problemáticas tanto jornalísticas, quanto literárias. Daí seu entusiasmo ao comentar o artigo ".

⁹⁶ "Literatnoevspominanie. 1928, página. 229.

Ao contrário da maioria de seus contemporâneos, Púchkin, apesar de ser um aristocrata nato, nunca pareceu demonstrar nenhum medo. Não que isso o tornasse um exemplo imaculado de homem da arte. Mas sua arrogância, aliada à sua vontade de “iluminar” seu povo, seriam combustíveis suficientemente poderosos para fazê-lo andar.

Entretanto, o trabalho literário, apesar de vir a ter sua história reconhecida com o passar dos anos, não foi suficiente para conter os excessos e a vida desregrada do autor, que insistia em gastar muito mais do que ganhava. Com “O Contemporâneo”, Púchkin deixou, após sua morte, uma dívida de 92,5 mil rublos.

Porém, apesar do prejuízo, foi através do caminho traçado por Púchkin que obras como “Banquete de Pedro I”, “Viagem a Arzrum”, “Genealogia do meu herói”, “O Sapateiro”, “Roslavlev” e “A Filha do Capitão” ganharam vida.

Em vinte e três anos de vida pública literária, na qual estão incluídas as participações ativas em dois periódicos, “A Gazeta Literária” (1830-1831) e “O Contemporâneo” (1836-1837), Aleksandr Serguéievitch Púchkin publicou apenas 52 trechos de prosa sobre artigos literários, muitos deles de apenas um parágrafo. Importantes publicações acadêmicas sobre seu trabalho incluem ainda nove artigos não terminados para “O Contemporâneo” e mais de sessenta fragmentos de críticas, oriundas de suas anotações. Desde seu primeiro trabalho publicado “A um poeta amigo”, de 1814, até suas últimas linhas, escritas pouco antes do duelo fatal, em 27 de janeiro de 1837 – uma carta de encorajamento à escritora Alexandra Ishimova, Púchkin inegavelmente esteve engajado na análise e julgamento dos trabalhos literários e da literatura de seu tempo. Seja de forma ousada, seja de forma sutil, seus versos e trabalhos em prosa, independentemente do gênero, obsessivamente refletiam sobre

instâncias literárias, nuances e tradições. Como definiu Gogol⁹⁷, “em cada palavra há um abismo de espaço”, isso pode ser parcialmente compreendido em termos da explícita e imparcial qualidade da crítica literária de Púchkin. Em suas cartas, diálogos, textos ficcionais ou históricos, críticas e poesias, o artista não só tomou conhecimento das inúmeras mudanças e transições de seu país e de sua cultura, mas buscou explicá-las, entendê-las e tomar partido – de forma efusiva ou não. O status de Púchkin, garantido e conclamado já nos anos de 1830, de “poeta nacional”, dava a ele relevância e peso, assim como a seus comentários e posições, e incentivava seus contemporâneos, artistas ou não, a referenciá-lo em todas as esferas da cultura, da vida social e da política.

Enquanto Púchkin se tornava mais e mais envolvido com o jornalismo na Rússia, seja ajudando Delvig com sua fadada “Gazeta Literária”, seja fundando seu próprio jornal, “O Contemporâneo”, sua persona se tornava cada vez mais moderada. Seu trabalho como crítico seguiu as linhas preestabelecidas em suas anotações prévias, cartas e artigos da década de 1820. Púchkin definia termos cruciais, comentando a literatura como uma instituição, ao contrário de seus contemporâneos, e sempre tentando estabelecer padrões éticos para a literatura como uma atividade pública. Seus conceitos críticos são mais notáveis por sua concisão e embasamento histórico do que pela originalidade e profundidade teórica. Para contextualizar, basta uma análise comparada em algumas de suas obras: a ironia de “Evgeni Oneguín”, as perspectivas históricas em “A Filha do Capitão”, as fronteiras estilísticas rompidas em “Boris Godunov” e o realismo incipiente de “O Cavaleiro de Bronze”. Púchkin sempre buscava endereçar as ideias contestadas de seu tempo, e relacioná-las com algumas das mais acaloradas discussões europeias. Assim, Púchkin criava contextos históricos e nacionais para muitas dessas definições e conceituações. Ele “nacionalizava” ideias, iluminava,

⁹⁷ Gogol, N. V. *Polnoe sobranie sochinenie*. Moskva, 1978.

esclarecia e as tornava passíveis de serem aplicadas pelos escritores, de forma que pudessem ser assimiladas pelos leitores.

Eis a importância da revista “O Contemporâneo”, criada por Púchkin em 1836. Como organizador e editor do processo jornalístico-editorial, o poeta viabilizou um modelo de trabalho, tendo acumulado e potencializado um processo de criação de mitos. Não no sentido de “homem exemplar”, mas no sentido de desbravador e criador de caminhos, quando assume a condição de *frontman* no momento em que a língua russa precisava de uma delimitação, bem como em um momento de resgate da herança cultural.

De sua amarga experiência como pioneiro dentre os escritores dito “profissionais”, Púchkin não apenas serviu como exemplo, mas setou o estado de espírito para muitos dos talentos da primeira metade do século XIX na Rússia. O poeta compreendeu – ainda em vida – o altíssimo preço a ser pago por ser uma celebridade, seja na sociedade, seja na corte, seja na página impressa. Acima de tudo, Púchkin compreendeu que um público imaturo poderia interferir na vida pública do poeta, do autor, de sua figura social e ainda nas personas literárias criadas, tudo isso em detrimento da dignidade autoral. Formar o público, para Púchkin, se tornou muito mais importante do que formar autores.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Editora 34, 2003.
- AMBLER, Effie. **Russian journalism and politics: the career of Aleksei S. Suvorin**. Detroit: Wayne State University Press, 1972.
- ASMUS, V. F. Pushkin i teoriia realizma. (Púchkin e a teoria do realismo). Disponível em: <<http://slavic.lss.wisc.edu/pushkin/27Push-fin-MARKO1.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2014.
- AUERBACH, Erich. **Mimesis**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- AUTY, Robert, OBOLENSKY, Dimitri (ed.). **Companion to russian studies: an introduction to russian language and literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. v.2.
- BAKHTIN, M. M. Iz predystorii romannogo slova.(Da pré-história da língua romântica). In:_____. **Voprosy literatury i estetiki**. Moscow: Khudozh, 1975. p. 408–446.
- _____. **Questões de Literatura e de Estética**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a Obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política**. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BEREZINA. V. G. Russ.**JurnalistikavtoroitchetvertiXIXveka**. (O jornalismo no segundo quarto do século XIX).Leningrad: s.n., 1865.
- BERDIAIEV, N. A. **Russkaia ideia**. (A ideia russa). S-Pb, Azbuka-klassica, 2008.
- BERLIN, Isaiah. **Pensadores Russos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- BIERKOV, P. “Púchkin v perevodakh na zapadnoevropieiskie iaziki”. (Púchkin nas traduções para línguas da Europa Ocidental). In:_____. **Literary contacts between Russia and the west since the fourteenth century**. Londres: Variorum Reprints, 1973.

BIROLAINEN, M. N.

Púchkinkakkulturniigeroivmirerusskoikulturyzolotovoveka.(Púchkin como herói cultural no mundo da literatura russa do século de ouro). S-Pb, 1994.

BROWN, Catherine. The Russian Soul Englished. **Journal of Modern Literature**, Indiana, v. 36, n. 1, fall 2012. p. 132-149.

BROWN, W. E. **A history of russian literature of the romantic period**. Ann Arbour, Michigan: Ardis, 1986. v.1 e v.2.

CASADO, José. **Púchkin: poesias escolhidas**. Edição bilíngüe. São Paulo: Nova Fronteira, 1992.

DEBRECZENY, Paul. **Social functions of literature**: Alexander Pushkin and russian culture. California: Stanford University Press, California, 1997.

DISCINI, Norma. **Comunicação nos textos**. São Paulo: Contexto, 2005.

DRIVER, Sam. Puskin. **Literature and social ideas**. New York: Columbia University Press, 1989.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

EVDOKIMOVA, Svetlana. **Alexander Pushkin's little tragedies**: the poetics of brevity. New York: Wisconsin Center for Pushkin Studies, 2003.

FANGER, Donald. **Dostoievski y el Realismo Romantico**. Cambridge: Harvard College, 1970.

FIGES, Orlando. **Natasha's Dance: a cultural history of Russia**. London: Penguin, 2002.

FRIK, T. B. **Sovremennik Puchkina kak edinii tekst**.(O Contemporâneo de Púchkin como texto único). Filol. Nauk: Tomsk, 2006.

FOKHT, U. R. **Proza Pushkina v razvitii russkoi literatury**. (Prosa de Púchkin no desenvolvimento da literature russa).In: BLAGOI, D. D.; KIRPOTIN, V. Ya. **Pushkin**: rodonachal'nik novoi russkoi literatury. Moscow: Izd, 1941. p.437–470.

GASPAROV, V. M. **Poeticheski iazyk Púchkina kak fakt istorii russkovo literaturnovo iazyka.**(A língua poética de Púchkin como fato histórico da língua literária russa). Viena: s.n., 1992.

GINZBURG, L. Ia. **Biblioteka dliá tchenia v 1830x godah.** (Biblioteca para leitura nos anos 1830).

GÓGOL, N. **Almas mortas.** Tradução Tatiana Belinky. São Paulo: Abril Cultural, 1987.

_____. **À saída do teatro depois da apresentação de uma nova comédia. A Avenida Niévski.** Tradução Arlete Cavaliere. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GUKOVSKII, G. A. **Pushkin i problemy realisticheskogo stilia.** (Púchkin e o problema do estilo realista). Moscow: Gos. Izd. Khudozh. Lit., 1957.

HOROWITZ, Brian. **The myth of A.S. Pushkin in Russia's silver Age:** M.O. Gershenzon, pushkinist. Evanston: Northwestern University Press, 1996.

IZMAILOV, N. V. **Ócherki tvorchestva Púchkina.** (Notas sobre a atividade criadora de Púchkin). Nauka, 1975.

KAHN, Andrew. **The Cambridge Companion to Pushkin.** Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

KOTSCHO, Ricardo. Perfil. In: _____. **A prática da reportagem.** São Paulo: Ática, 1986.

KROPOTKIN, P. A. **Russian Literature, ideals and realities.** Montreal, Canadá: Black Rose Books, 1992.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia.** 5. ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. **Ideologia e técnica da notícia.** Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. **Linguagem jornalística.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

LEVITT, Marcus C. **Russian literary politics and the Pushkin Celebration of 1880.** Ithaca, NY : Cornell University, 1989.

LOMUNOV, K. N. ; et. al. (ed.). **Razvitie realizma v russkoi literature.**(Desenvolvimento do realismo na literatura russa). v. 1. Moscow: Nauka, 1972.

LOTMAN, Iu. M. **V chke poeeticheskovo slova: Púchkin, Liermontov, Gogol. Kniga dliá uchiteliá.** (Na escola da língua pódica: livro para professores).Prosveschenie: s.n., 1988.

_____ V. **Púchkin.** Sankt-Peterburg Iskustvo: S-Pb., 2011.

MAKSIMOV, D. G. **Sovremennik Puchkin (1836-1837).** (O Contemporâneo de Púchkin). Moskva: s.n., 1972.

MANN, Iu. V. **Russkaia literatura XIX v.: Epokha romantizma.** (A literatura russa do séc. XIX: A época do romantismo). Moskva: Aspekt-Press, 2000.

MARKOVICH, V. M. **Puchkin and realism.** Disponível em: <<http://slavic.lss.wisc.edu/pushkin/27Push-fin-MARKO1.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2014.

MARTINS, Nilce Sant'anna. **Introdução à estilística.** 3. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

MARTINSEN, Deborah A. **Literary journals in Imperial Russia.** Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo é uma forma de conhecimento? **Media & Jornalismo,** São Paulo, v.1, n.1, 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/mediajornalismo/article/viewFile/1084/5273>>. Acesso em: 16 nov. 2014.

MEILAKH, B. S. **Pushkin i russkii romantizm.** (Púchkin e o romantismo russo). Moscow, Leningrad: Izd, AN SSSR, 1937.

NOVIKOV, I. A. **Púchkin v Mikhailovskom.**(Púchkin em Mikhailovskoe). Sovietskaia Rossia: s.n., 1986.

OKSMAN, IU. M. **Púchkin - literaturnii kritik i publicist.**(Púchkin: crítico literário e publicista). A. S. Púchkin, sobranie sochinenii, v. 10 tomah. 2002.

PÚCHKIN, A. S. **A Dama de espadas**. Tradução Boris Schnaiderman. São Paulo: Max Limonad, 1981.

_____. **A filha do capitão/ A dama de espadas**. Sumaré, SP: Martin Claret, 2006.

_____. **O cavaleiro de bronze e outros poemas**. Tradução Nina Guerra e Felipe Guerra. Porto: Assírio e Alvim, 1999.

PÚCHKIN, A. S. **Polnoe sobranie sochinenii v 10 tomah**. (Obras Completas em 10 volumes). Moskva: s.n., 1977.

_____. **Sovremennik, literaturnii jurnal, izdavaemii Aleksandrom Púchkinim: poln. sobr. stranis. v 10 tomah**. (O Contemporâneo: revista literária editada por A. S. Púchkin). Azbuka: s.n., 1977 - 1979.

PUSHKIN: A collection of articles and essays on the great russian poet A. S. Pushkin. California: University Press of the Pacific, 2002.

PYSKIN, E. I.; JURNAL, A. S. **Puchkina 'Sovremennik'**. (O Contemporâneo de Púchkin). Moskva: Ukazatel Soderzhania, 1967.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

SANDLER, Stephanie. **Comemorating Pushkin**: Russia's myth of a national poet. California: Stanford University Press, 2004.

SAZONOVA, L. I. **Literaturnaia kultura Rossii: ranieie novoe vremia**. (Cultura literária da Rússia: novo tempo precoce). Moskva: s.n., 2006.

SIEBERS, Tobin. Pushkin and romantic self-criticism. **Anthropoetics**, Michigan, v. 9, n. 2, fall 2003/ winter 2004. Disponível em: <<http://www.anthropoetics.ucla.edu/ap0902/pushkin.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2014.

SPONHOLZ, Liriam. O que é mesmo um fato? Conceitos e suas conseqüências para o jornalismo. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, dez. 2009, p. 56-69.

STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais de poética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

TCHERNITCHEVSKII, N. G. **Sobranie sochinenii v 5 tomah. Literaturnaia kritika.** (Obras reunidas em 5 tomos: literatura crítica). Biblioteka "Ogonek". Moskva, Pravda, 1974.

Theoretical studies of MV Lomonosov. From ancient times to the beginning of XIX century. Moskva, izdatelskogo nauka, 1969.

TINIANOV, IU. N. **Púchkin i ego sovremeniki.** (Púchkin e seus contemporâneos). Moskva: Naúka, 1969.

TODD, William Mills. **Fiction and society in the age of Pushkin:** ideology, institutions, and narrative. Cambridge: HarvardUniversityPress, 1986.

TRETIKOVA, E. IU. **Istoki i osobennosti vzgliadov Púchkina na zadachi jurnalnyh polemik.** (Fontes e particularidades do olhar de Púchkin nas questões das polêmicas jornalísticas). Voronej: s.n., 2009.

_____. **Púchkin i liubomudry: kulturologicheskaia refleksia i opit prosveshienih reform jurnalistiki.** (Púchkin e o amor pelo conhecimento: reflexão culturológica e experiência do iluminismo na reforma do jornalismo). Vestnik: VGU, 2008.

_____. **Taktiko-strategicheskie zadachi prosveshienih reform pechati i model "jurnala russkovo": k 175 letniu puchkinskovo "sovremenika".** (Questões táticas e estratégicas das reformas iluministas do impresso e do modelo das revistas russas). Vestnik: VGU, 2008.

TRIMBACK, April. **Alexandr Pushkin:** ties to the Decemberist Movement through Poetry and Letters. Disponível em: <https://www.lagrange.edu/resources/pdf/citations/2012/10_Trimback_History.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2014.

VINOGRADOV, I. A. Put Puchkina k realizmu. (O caminho de Púchkin ao realismo). In: ZILBERSTEIN, I. S.; SERGIEVSKI, Ivan Vasilievich. **Literaturnoe nasledstvo** 16–18. Moskva : Jurnalno-gazetnoe obiedinenie, 1934. p. 49–90.

WILLIAMS, Robert C. The Russian Soul: a study in European thought and non-European nationalism. **Journal of the History of Ideas**, Philadelphia, v. 31, n. 4, oct./dec., 1970.

VIAZEMSKII, P. A. **Estetika i literaturnaia kritika**. (Estética e crítica literária). Moskva: s.n., 1984.

VINOGRADOV, V. V. **Slovar' yazika Púchkina v. 4 tomah**. (Dicionário da língua de Púchkin em 4 volumes). Moskva: Azbukovnik, 2000.